



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

LAIZIME DA SILVA FONTES

**ABRAM ALAS QUE ELAS ESTÃO REGENDO: uma análise sobre a atuação de
uma mulher na regência de banda marcial escolar na cidade de João Pessoa (PB)**

Recife

2025

LAIZIME DA SILVA FONTES

ABRAM ALAS QUE ELAS ESTÃO REGENDO: uma análise sobre a atuação de uma mulher na regência de banda marcial escolar na cidade de João Pessoa (PB)

Dissertação apresentada à banca de Defesa do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Música. Área de concentração: Música e Sociedade. Linha de pesquisa: Música, Educação e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Maria Galdino de Almeida

Recife

2025

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Fontes, Laizime da Silva.

Abram alas que elas estão regendo: uma análise sobre a atuação de uma mulher na regência de banda marcial escolar na cidade de João Pessoa (PB) / Laizime da Silva Fontes. - Recife, 2025.

131f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Música, 2025.

Orientação: Cristiane Maria Galdino de Almeida.

Inclui referências e apêndices.

1. Representatividade feminina; 2. Banda marcial escolar; 3. Educação musical; 4. Mulheres na regência; 5. Relações de gênero. I. Almeida, Cristiane Maria Galdino de. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

LAIZIME DA SILVA FONTES

**ABRAM ALAS QUE ELAS ESTÃO REGENDO: UMA ANÁLISE SOBRE A ATUAÇÃO
DE UMA MULHER NA REGÊNCIA DE BANDA MARCIAL ESCOLAR NA CIDADE DE
JOÃO PESSOA - PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Música. Área de concentração: Música e Sociedade.

Aprovada em: 20/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristiane Maria Galdino de Almeida (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Profa. Dra. Klesia Garcia Andrade (Examinadora Interna)
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Profa. Dra. Tânia Mello Neiva (Examinadora Externa)
Pesquisadora autônoma

Dedico este trabalho à minha esposa, pelo seu companheirismo, e por ser uma mulher decidida, que luta pela igualdade de direitos, seus e das mulheres. A todas as mulheres que, apesar do silêncio da história, romperam padrões e preconceitos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, criador do céu e da terra, por me presentear com mais uma existência, por ser meu guia no processo de elaboração, orientação, sabedoria e construção desta pesquisa, por me fornecer determinação e persistência em momentos árdios, por todas as graças que me proporciona, por me conceder condições de poder estudar e conquistar mais um título, por todas as amigas e amigos que me cercam com carinho e apoio. Senhor, obrigada por tudo.

Aos meus pais (*in memoriam*), por todos os conselhos, educação, carinho e amor. Saudades...

A minha esposa Niedja Nogueira, por estar ao meu lado em todos os momentos da minha vida. Obrigada por sempre acreditar e me incentivar a conquistar novos horizontes. Mais um título nosso!

À minha professora e orientadora, Dra. Cristiane Maria Galdino de Almeida, por seus ensinamentos, orientação e dedicação na realização deste trabalho. Gratidão pela paciência, compreensão e por me conduzir com maestria nesta caminhada acadêmica. À senhora, o meu mais sincero obrigada.

À Profa. Dra. Klesia Garcia Andrade e à Profa. Dra. Tânia Mello Neiva, por fazerem parte da minha banca, contribuindo e enriquecendo esta pesquisa. Obrigada.

À regente que, gentilmente, concordou em participar da pesquisa, por sempre estar à disposição para a concretização deste estudo, por acreditar e lutar pelos direitos das mulheres na regência.

À coordenação do curso de Pós-Graduação em Música, representada pelo Prof. Dr. Matheus Henrique da Fonseca Barros e Prof. Dr. Bruno Pedrosa Nogueira, por todo atendimento e orientações concedidas para a realização e conclusão do curso.

Aos professores do curso de Pós-Graduação em Música, por auxiliarem na minha formação. Todos os ensinamentos foram importantes para o meu crescimento e obtenção deste título. Obrigada.

Aos colegas do curso e às minhas amigas, em especial, à amiga Dra. Regina Negreiros, pelos conselhos nos momentos difíceis e pelas dicas e orientações na realização desta pesquisa.

Meu bom amigo, o meu nome
é pequeno, mas quem o fez,
fui eu, cheia de coragem
[...] só e com a minha força
de vontade (Diniz, 1999, p. 228).

RESUMO

A presente dissertação buscou responder a seguinte questão de pesquisa: Como são desenvolvidas as atividades de regência de banda marcial escolar na perspectiva de uma regente atuante na cidade de João Pessoa? O objetivo geral foi compreender como são desenvolvidas as atividades de regência de banda marcial escolar na perspectiva de uma regente atuante na cidade de João Pessoa. Os objetivos específicos foram: caracterizar a função de regente de banda marcial escolar; identificar a metodologia de ensino implementada pela regente para a formação da banda; caracterizar os espaços de aula e ensaios utilizados pela regente para a realização das práticas musicais com a banda marcial; analisar a concepção da regente com relação à função que exerce. A pesquisa, de abordagem qualitativa, teve apenas uma participante e utilizou, como procedimentos metodológicos, a observação, a entrevista narrativa e a entrevista semiestruturada. Para a realização desta pesquisa fizemos uma revisão de literatura para obtermos uma visão ampla das discussões sobre a presença das mulheres na regência. A pesquisa também discute teorias feministas de Beauvoir (1967), Butler (2018) e Perrot (2005; 2007), como também apresenta o conceito de *Habitus* de Bourdieu (2012). A análise foi concretizada através do entrecruzamento dos textos da revisão de literatura e dos textos da fundamentação teórica juntamente com os dados coletados e, assim, chegamos à resposta da questão de pesquisa. A partir das análises, reconhecemos que as mulheres regentes identificadas na literatura e a participante do estudo desenvolvem as atividades dessa função utilizando uma metodologia imitativa unida à prática e atividade mais interativa em meio a várias dificuldades na questão dos espaços físicos de ensaios e aulas, manutenção de instrumentos, desconfianças em sua capacidade profissional, além de preconceitos, concepções de gênero e estereótipos. Concluímos que, apesar de muitas lutas, pesquisas e melhoria a respeito da posição e dos direitos de igualdade das mulheres na sociedade, ainda não estamos em um mundo ideal, pois a sociedade contemporânea apresenta as condições e ideais calcadas no sistema patriarcal de opressão, subordinação e sexualização das mulheres. Entendemos que o cargo de regente de banda marcial escolar é complexo e multifacetado e que a regente que participou desta pesquisa desempenha sua função com dedicação e profissionalismo. Porém, enfrenta diversos desafios, preconceitos de gênero e estereótipos por estar inserida no campo de trabalho historicamente masculino. Contudo, é preciso continuar enfrentando essas barreiras e padrões que afastam as mulheres e as deixam à margem das questões sociais.

Palavras-chave: Representatividade Feminina; Banda Marcial Escolar; Educação Musical; Mulheres na Regência; Relações de Gênero.

ABSTRACT

This dissertation sought to answer the following research question: How are school marching band conducting activities developed from the perspective of a female conductor working in the city of João Pessoa? The general objective was to understand how school marching band conducting activities are developed from the perspective of a female conductor working in the city of João Pessoa. The specific objectives were: to characterize the role of a school marching band conductor; to identify the teaching methodology implemented by the conductor to form the band; to characterize the classroom and rehearsal spaces used by the conductor to carry out musical practices with the marching band; to analyze the conductor's conception of the role she performs. The research, which used a qualitative approach, had only one participant and used observation, narrative interviews and semi-structured interviews as methodological procedures. To conduct this research, we conducted a literature review to obtain a broad view of the discussions on the presence of women in conducting. The research also discusses feminist theories by Beauvoir (1967), Butler (2018) and Perrot (2005; 2007), as well as presents Bourdieu's concept of Habitus (2012). The analysis was carried out by cross-referencing the texts of the literature review and the texts of the theoretical basis together with the data collected, thus arriving at the answer to the research question. From the analyses, we recognize that the female conductors identified in the literature and the study participant develop the activities of this function using an imitative methodology combined with more interactive practice and activity amidst several difficulties in the issue of physical spaces for rehearsals and classes, maintenance of instruments, distrust in their professional capacity, in addition to prejudices, gender conceptions and stereotypes. We conclude that, despite many struggles, research and improvements regarding the position and equal rights of women in society, we are still not in an ideal world, because contemporary society presents conditions and ideals based on the patriarchal system of oppression, subordination and sexualization of women. We understand that the role of school marching band conductor is complex and multifaceted and that the conductor who participated in this research performs her role with dedication and professionalism. However, she faces several challenges, gender prejudices and stereotypes because she is part of a historically male-dominated field of work. However, it is necessary to continue to address these barriers and standards that distance women and leave them on the sidelines of social issues.

Keywords: Female Representation; School Marching Band; Music Education; Women in Conducting; Gender relations.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de livros, teses, dissertações, TCCs e artigos.	25
Tabela 2 – Registros de observações (data, local e duração)	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pergunta norteadora para a entrevista narrativa.

72

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	ESTUDO SOBRE A MULHER NA SOCIEDADE E NA MÚSICA	24
2.1	CONTEXTO HISTÓRICO SOBRE A FUNÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE	26
2.2	DIVISÃO DE INSTRUMENTO MUSICAL POR GÊNERO	28
2.3	A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA MÚSICA	32
2.4	A FUNÇÃO DO MAESTRO/REGENTE	36
2.5	REGÊNCIA DE BANDA MARCIAL ESCOLAR	39
2.6	A MULHER NA REGÊNCIA	41
3	ENTRE GÊNEROS E HISTÓRIAS: UMA DISCUSSÃO SOBRE ALGUMAS TEORIAS FEMINISTAS E O CONCEITO DE <i>HABITUS</i>	47
3.1	GÊNERO: UM PRODUTO DE CULTURA E DE SOCIALIZAÇÃO	48
3.2	PERFORMATIVIDADE DO GÊNERO	52
3.3	A HISTÓRIA E O SILÊNCIO DAS MULHERES	55
3.4	O CONCEITO DE <i>HABITUS</i>	59
3.5	HARMONIA E DESIGUALDADE: A EDUCAÇÃO MUSICAL E A REGÊNCIA DE BANDA MARCIAL À LUZ DAS TEORIAS DE GÊNERO E DE <i>HABITUS</i>	61
4	TRAJETÓRIAS METODOLÓGICAS	64
4.1	A PESQUISA QUALITATIVA	64
4.2	A ESCOLHA DA PARTICIPANTE	65
4.2.1	Sobre a regente entrevistada	66
4.3	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	67
4.3.1	Observações	69
4.3.2	Entrevista narrativa e entrevista semiestruturada	71
4.4	REALIZAÇÃO E TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	72
4.5	ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	73
5	ATUAÇÃO DE UMA REGENTE DE BANDA MARCIAL ESCOLAR NA CIDADE JOÃO PESSOA	75
5.1	CARACTERIZAÇÃO DA FUNÇÃO DE REGENTE DE BANDA MARCIAL ESCOLAR	75
5.1.1	Formação dos regentes de banda marcial escolar	78

5.1.2	Metodologia de ensino implementada pela participante nos ensaios da banda	81
5.1.3	Relação da regente com a equipe pedagógica e com os outros regentes de banda marcial	87
5.1.4	Interação entre a parte musical e a coreográfica, espaço físico e instrumentos musicais da banda	89
5.1.5	Interação entre os alunos e a regente	94
5.1.6	A banda no campeonato	95
5.1.7	Aceitação do público nos ensaios e apresentações em relação à presença das mulheres na regência	100
5.1.8	Concepção da Senhora Régis em relação à função que exerce	105
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
	REFERÊNCIAS	117
	APÊNDICE A – QUADRO COM AS REFERÊNCIAS DA REVISÃO DE LITERATURA	124
	APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM A SENHORA RÉGIS	127
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	129

1 INTRODUÇÃO

A participação das mulheres em diversos campos de trabalho está, cada vez mais, tomando grandes proporções e, como não poderia ser diferente, no mundo da música, esse avanço também é perceptível, apesar de observarmos muitos obstáculos impostos a elas. Podemos ver, em vários cenários de trabalho, a mulher desenvolvendo atividades antes compreendida para a figura masculina e, no caso desta pesquisa, o campo da regência em bandas marciais escolares. Sabemos, de acordo com os textos estudados, como a tese de Chagas (2023), o artigo de Moreira (2013) e outros citados no capítulo da revisão de literatura, que esta função é marcada e historicamente concebida para ser exercida pelos regentes. “Esse papel de regente, por muito tempo, ficou restrito apenas aos homens” (Bionni; Schambeck, 2023), ou seja, é uma barreira a ser rompida pelas mulheres. Já vislumbramos uma mudança nesse sentido, pois, desde o século XIX, algumas mulheres encabeçaram essa luta, como a compositora e maestra Chiquinha Gonzaga, abrindo caminhos para as regentes atuais se encorajarem e conquistarem seu lugar no pódio da regência.

Um exemplo de conquista na condução de orquestra sinfônica ocorreu com a regência da Orquestra Sinfônica do Recife/PE pela maestra Rosemary Oliveira em novembro de 2023¹. A musicoterapeuta, instrumentista e professora de música foi a primeira mulher a reger a orquestra, depois de 73 anos de existência do grupo musical. Esse é um fato muito importante para o mundo da música, especialmente, para as mulheres regentes e para aquelas que pretendem seguir nesta função, mas que percebem certos desafios e receios por parte de uma sociedade ainda sustentada no entendimento de que há profissão específica para homens e para mulheres. Nesta perspectiva, podemos ver, na sociedade atual, que muitas mulheres estão em busca de espaços até então considerados masculinos e, assim, se entende que o cenário da regência está, cada vez mais, se transformando. Nesta linha, trazemos nomes de algumas mulheres que conquistaram seu espaço e ocupam um lugar no pódio da regência, como Marin Alsop, Nathalie Stuzmann, Maria Guinand, Valentina Peleggi, Naomi Munakata, Simone Menezes e as maestras brasileiras Lígia Amadio², Priscila Bomfim e Mariana Menezes³.

¹ <https://oxerecife.com.br/tabu-rosemary-oliveira-e-a-primeira-maestrina-a-reger-a-orquestra-sinfonica-do-recife/>. Acesso em: 13 jan. 2024.

² <https://www.instagram.com/amadio.ligia/>. Acesso em: 03 jan. 2025.

³ Ver as reportagens sobre as mulheres regentes nos links que estão nas referências.

Apesar deste estudo abordar a regência de mulheres em bandas marciais, é importante termos uma visão geral do que está acontecendo na condução de outros grupos musicais, como uma orquestra sinfônica ou até mesmo grupos de percussão, e obtermos conhecimento sobre as mulheres na regência, pois é imprescindível discorrer e trazer o olhar das mulheres sobre essa função dentro do mundo da música. “É difícil estimar o número de mulheres regentes no mundo. Um levantamento feito em 2013 pela League of American Orchestra junto a orquestras dos Estados Unidos mostrou a existência de uma mulher regente para cada 21 homens” (Finco, 2016, revista *Época*). Podemos ver, no trabalho de Botelho (2020), que a desigualdade na regência de orquestra na Alemanha é de 34 regentes homens, enquanto há apenas uma mulher no comando da orquestra (Botelho, 2020, s/p). Em seu artigo, Santana (2021) traz uma pesquisa realizada entre 2014 e 2015, constatando que as orquestras francesas contavam com apenas 4% de regentes do sexo feminino, totalizando apenas 23 mulheres entre 572 regentes (Santana, 2021, p. 96-97). Com relação aos números de regentes brasileiros, podemos nos basear, através dos números trazidos pelos autores Geraldo e Fiorini (2021), em seu artigo em que foram entrevistados 166 regentes, sendo que, destes, apenas 54 eram mulheres (Geraldo; Fiorini, 2021, p. 4).

Logo, discutir a presença feminina na área da regência em bandas marciais é algo necessário, para que possamos compreender melhor como se dá essa função pelo olhar das mulheres, a quantidade delas nesta função na cidade de João Pessoa e poder contribuir para a área de pesquisa em música.

Ao escrever esta dissertação, lembro-me do tempo em que a música principiou a minha trajetória profissional. Então, não poderia deixar de contar um pouco da minha história musical, que foi e é tão importante para que eu me tornasse a professora de música de hoje. Meu contato com a música começou aos 12 anos de idade, quando iniciei as aulas particulares de violão. Alguns anos se passaram e pude ingressar na banda marcial da Escola Técnica Federal da Paraíba, atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), em 1998 e, desde então, comecei a praticar alguns instrumentos percussivos, motivo pelo qual desisti de tocar violão e passei a me identificar com a percussão. Nos anos de 2000 a 2003, residi em Campinas/SP, pois fazia parte de um grupo paraibano de forró formado apenas por mulheres, e estudei no curso livre de música, no projeto Unibanda, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde participei de várias orquestras e bandas sinfônicas, inclusive atuando como percussionista em alguns concertos com a orquestra daquela instituição. Após voltar para minha cidade natal (João Pessoa -

PB), fiz vários shows com artistas locais, como também participei de grupo de maracatu e de orquestras de frevo. Fico muito feliz em ter sido levada por estilos e campos musicais distintos, tornando-me uma profissional com conhecimentos tanto na música popular quanto na música de concerto.

No ano de 2005, ingressei no curso de Bacharelado em Música, com habilitação em percussão sinfônica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). No término do curso superior, submeti-me a uma seleção para ingressar no projeto de bandas marciais. Na ocasião, fui a primeira mulher a entrar e fazer parte do corpo de regentes do projeto de bandas da Prefeitura Municipal de João Pessoa em 2009, e em 2011, também fui contratada para ser a regente da banda marcial da Escola Fundação Bradesco. A partir do momento que assumi a regência no projeto de bandas em 2009, pude observar que o mundo das bandas marciais ainda é muito masculinizado e percebi que o preconceito das pessoas em relação às mulheres, na regência, é muito forte, inclusive por parte dos colegas de profissão, que, ao me ver na 1ª reunião de regentes e coreógrafas, achavam que, por ser mulher, eu estava ali para compor o grupo de professoras de dança. Ao me apresentar na escola como regente da banda marcial, a gestão escolar ficou surpresa e perguntou ao coordenador do projeto de bandas o porquê de enviarem uma mulher para aquele cargo, pois, se com um regente as atividades não eram desenvolvidas e os alunos não obedeciam, avalie com uma mulher à frente da banda. “Há uma crença estereotipada de que homens são mais autoritários. Portanto, um homem no pódio seria mais crível”, afirma Lesley Leighton, diretora do curso de regência de coro da Escola de Música da Universidade da Califórnia em Los Angeles (Finco, 2016, revista Época). Também foi perceptível que alguns alunos, de início, não acreditavam que eu poderia liderar o grupo musical da escola. Essas manifestações de preconceito enfatizam que, na concepção de algumas pessoas, os homens possuem a autoridade e a força, como vemos nas palavras do maestro russo, quando ele diz: “a essência da regência é a força, e a essência da mulher é a fraqueza” (Yuri Temirkanov, 2012, em entrevista ao jornal russo⁴). Esse tipo de comentário acentua a discriminação e o preconceito, pois são fundamentados em estereótipos de gênero e sabemos que a regência é uma questão de habilidade, sensibilidade musical, dedicação na área e oportunidade. Durante o período em que fui regente, sempre me dediquei e regi a

⁴ https://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/07/cinco-mulheres-vao-reger-melhor-orquestra-brasileira-em-2016.html?utm_source=chatgpt.com link de uma reportagem contendo as falas dos maestros russos. Acesso em: 03 jan. 2025.

banda com profissionalismo e competência, pois minha essência nunca foi a fraqueza e sim muita determinação e estudos. Nesta perspectiva, sempre busquei uma capacitação profissional que me desse habilidades para lidar com todos os desafios e, assim, provar que nós, mulheres, somos capazes de realizar um belíssimo trabalho. Em sua pesquisa, Fontes (2019) cita:

A revista Pequenas Empresas Grandes Negócios, publicada pelo site O Globo (2014) mostra um estudo que foi realizado e divulgado durante o Women's Forum. Este estudo mostra que independentemente do gênero, ambos possuem competência para exercer cargos de líder; no nosso caso, a regência de banda marcial (Fontes, 2019, p. 53).

Durante os dez anos que passei formando e regendo a banda escolar na cidade de João Pessoa, muitas situações de preconceito, inclusive por parte de algumas mulheres, foram vividas. Logo ao perceber uma banda guiada por uma regente, ouve-se frases como: “E essa banda toca mesmo?” ou então, “Mas é uma mulher o regente da banda?”. A surpresa encobrendo a discriminação e desconfiança era frequente quando se via uma mulher à frente de um grupo musical. Infelizmente, para a maioria que forma a sociedade, a presença de uma mulher em determinadas posições sociais equivale a um objeto de desejo, pois a mulher ainda é muito sexualizada na sociedade contemporânea. Deste modo, fica claro que o mundo da música ainda é um espaço construído em uma cultura masculina e de priorização dos homens. Contudo, é importante ressaltar que há pessoas que acreditam no desenvolvimento da regência feminina e que, neste período, também houve muitos elogios e palavras de apoio para que continuasse a exercer este trabalho e, com ele, demonstrar a todos que as mulheres são capazes de assumir e conduzir uma banda com a mesma, ou maior, capacidade que um homem.

Diante disso, no curso de Licenciatura em Música, decidi fazer o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), defendido em 2019, sobre as mulheres regentes de banda marcial. Busquei compreender a inserção da mulher no projeto de bandas marciais do município de João Pessoa, por saber que o número de mulheres nesta função ainda é menor ao se comparar com o número de homens. Na época da pesquisa realizada por Nóbrega (2018), sobre o projeto de bandas do município de João Pessoa, a quantidade de regentes mulheres era de 4 e o de homens de 66 (Nóbrega, 2018, p. 54). Quando realizei a pesquisa, em 2019, o número de regentes mulheres era de 5 e o de homens era de 87 (Fontes, 2019, p. 41), ou seja, podemos

perceber que houve um aumento insignificante na quantidade de mulheres à frente das bandas, enquanto o aumento do número de homens regentes subiu consideravelmente, provocando ainda mais uma disparidade.

Ao entrar em contato com o coordenador do projeto de bandas do município de João Pessoa, em 2023, ele nos relatou que houve uma redução no número de regentes do projeto, devido à pandemia da Covid-19 e que, no quadro de regentes, havia 3 mulheres. Porém, em conversa com o coordenador no mês de abril de 2024, fomos informadas que essa quantidade de mulheres teria diminuído, pois o quadro de regentes era de 52 homens e duas mulheres. Logo, o número de mulheres à frente da banda é bastante inferior ao se comparar com a pesquisa realizada por Nóbrega (2018) e com a minha pesquisa de TCC em 2019. Com estes dados, constatamos que, dentro de cinco anos, não houve representatividade feminina com relação à regência de bandas marciais escolares no projeto de bandas da cidade de João Pessoa.

Ao observar a quantidade de profissionais que compõem o corpo de professores-regentes do município de João Pessoa, torna-se evidente a acentuada diferença entre os 52 homens e as 2 mulheres, destacando um notável desequilíbrio de gênero. Ou seja, não há como dizer que existe representatividade feminina neste campo de trabalho na cidade de João Pessoa, pois a quantidade de mulheres regentes é ínfima. Isso nos faz entender que esta área profissional da música, neste município, ainda demonstra a herança e os traços de uma estrutura social construída nos alicerces do Brasil colônia, onde a sociedade era profundamente marcada pelo sistema patriarcal trazido ao país pelos portugueses no século XVI, com os homens exercendo a maior parte do controle e das obrigações, tanto no âmbito familiar quanto no social. Embora haja progressos e iniciativas em direção à igualdade de gênero e à desconstrução de estereótipos tradicionais, esses números, no campo da regência, nos fazem compreender que ainda estamos vivenciando esse sistema tão arraigado.

Sabemos que o ensino de música é um dos pontos importantes na formação de cada indivíduo, pois a música fortalece várias habilidades que auxiliam o aperfeiçoamento e interação dos que a praticam. Neste aspecto, as bandas marciais têm um papel importante nas escolas, por serem utilizadas como uma ferramenta pedagógica, oferecendo a oportunidade de aprender a tocar um instrumento musical e de se socializar com os demais colegas. No entanto, a participação das mulheres como instrumentista ou regente nesses grupos musicais ainda é muito pequena, de acordo com as discussões trazidas por Bomfim (2020) e outros autores que cito no

capítulo da revisão de literatura. Nesta perspectiva, podemos pensar que o fato de haver poucas mulheres nos grupos musicais, em específico nas bandas marciais, talvez contribua para o número muito baixo de mulheres regendo. Neste aspecto, trago a discussão sobre a participação das mulheres como regente de bandas marciais. Acreditamos que as mulheres já estão alcançando posições na sociedade e em funções ditas “masculinas”, porém, ainda são necessárias discussões, pesquisas e lutas para destruir as imposições estruturais que formaram a sociedade e que oprimem as mulheres. “Essa opressão caracteriza-se como o sistema patriarcal, que atinge a todas as mulheres” (Neiva, 2018, p. 77). Deste modo, as bandas marciais, desde seu início, foram conduzidas por homens e a participação das mulheres nos grupos musicais era menor ou não existia, se comparado aos dias de hoje.

Entende-se que a função de regente de bandas marciais é árdua por se tratar de uma atividade em que nos deparamos com inúmeras dificuldades, tanto na questão de estrutura material, como saber trabalhar com alunos de faixas etárias diferentes no mesmo grupo, suportar longos desfiles cívicos, além de enfrentar outras complicações como os conceitos culturais e costumes herdados de um país que visualiza as mulheres como reprodutoras, com determinado papel social e que assim às subordinam e as sexualizam.

Durante os três anos – 2020 a 2023 – que passei como professora e regente de banda marcial na cidade de Sumé (PB), continuei percebendo certos preconceitos com relação à participação das mulheres nesta função, no sentido de que o poder público da cidade segue uma cultura masculinizada e, assim, se sente receoso, ao investir na estrutura e aquisição de instrumentos musicais. É notória a falta de confiança no trabalho de uma mulher, visto que houve investimentos em outras bandas do município, atendendo a outra parcela de alunos regidos por homens. Assim, devido a figura da mulher ser vista como uma pessoa frágil, incapaz e que, por isso, não cabe a elas a função de liderança da banda, que o cargo de regente de banda marcial é um espaço bastante masculino e que a presença das mulheres como regentes desses grupos ainda é inferior ao dos homens, foi necessário trazer à discussão este tema, para que possamos compreender determinados pontos que envolvam questões ainda não discutidas. Portanto, o presente estudo surgiu do interesse em aprofundar a pesquisa de TCC realizada em 2019, sobre a presença da mulher como professora e regente de bandas marciais escolares.

O conhecimento contextual e as reflexões que surgiram durante o processo de revisão de literatura contribuíram para a elaboração da seguinte questão de

pesquisa: *Como são desenvolvidas as atividades de regência de banda marcial escolar na perspectiva de uma regente atuante na cidade de João Pessoa?* A partir desse problema/questão de pesquisa, formulamos o seguinte objetivo geral: compreender como são desenvolvidas as atividades de regência de banda marcial escolar na perspectiva de uma regente atuante na cidade de João Pessoa. Desdobrando-o, definimos os objetivos específicos: caracterizar a função de regente de banda marcial escolar; identificar a metodologia de ensino implementada pela regente para a formação da banda; caracterizar os espaços de aula e ensaios utilizados pela regente para a realização das práticas musicais com a banda marcial; analisar a concepção da regente com relação à função que exerce.

Nesta perspectiva, uma das justificativas para este estudo, é a minha experiência e vivência no campo da regência de banda marcial escolar. Como passei 10 anos à frente de um grupo como esse, no projeto de bandas do município de João Pessoa, 7 anos na banda da escola Fundação Bradesco e três anos como regente da banda escolar no município de Sumé, no Cariri paraibano, pude observar e experienciar muitas manifestações de preconceito e dificuldades em conquistar um lugar de fala neste cargo. Desta maneira, senti a necessidade de saber a metodologia de ensino implementada por uma professora/regente na formação da banda, suas possíveis dificuldades e seu olhar sobre a atuação de mulheres neste campo ainda sem representatividade feminina.

Ao pensarmos em regência de bandas marciais escolares, estamos visualizando a caracterização da regência de bandas a partir de uma perspectiva masculina, pois entendemos as bandas por um olhar parcial ao sabermos, conforme discussões a seguir, que os textos analisados de Bionni e Schambeck (2023), Chagas (2023), Botelho (2020), Grings (2020), Carvalho (2014) e Moreira (2013), sinalizam que essa função foi destinada e concebida para homens desde séculos anteriores, como dito anteriormente.

Por isso, é importante investigar como é o processo de ensino-aprendizagem e a regência pela ótica feminina, trazendo a discussão para o campo da pesquisa acadêmica, com o propósito de ampliar a compreensão deste universo ainda pouco explorado. Assim, expondo à sociedade a luta, o enfrentamento e a superação das mulheres que estão conquistando seu lugar no pódio da regência, mas que ainda estão, de certa forma, escondidas por uma representatividade marcadamente masculina. Ou seja, é necessário e urgente trazer para a área da pesquisa o debate sobre a participação das mulheres neste segmento e mostrar, para a sociedade, que

elas têm capacidade de exercer a função de regente de banda marcial escolar, bem como conquistar o lugar dentro do campo profissional e social que almejam, e, desta forma, quebrar preconceitos e encorajar as demais mulheres que pretendem seguir neste campo da música.

Portanto, acreditamos que esta dissertação é importante para a área de pesquisa musical, pois discutimos o ensino teórico e prático da música dentro de uma corporação marcial através da batuta feminina. Também é significativo para o campo social, pois precisamos discutir e mostrar à sociedade as mulheres que atuam e superam os preconceitos e as barreiras impostas a elas em relação ao cargo que exercem. Aprofundamos este debate a respeito das mulheres na regência de bandas marciais escolares buscando a resposta da nossa questão de pesquisa e possibilitando contribuições para os futuros trabalhos.

Esta pesquisa está estruturada em uma abordagem qualitativa, que utilizou, como ferramentas de coleta de dados, as observações, a entrevista narrativa e a entrevista semiestruturada, para obter informações no intuito de compreender o tema em questão. Nesta perspectiva, temos, como participante do estudo, uma regente que forma e conduz a banda marcial de uma instituição de ensino⁵.

O texto deste trabalho está estruturado da seguinte forma: introdução, em que apresentamos o tema abordado, problema de pesquisa, objetivos, dados referentes à participação das mulheres como regentes no município de João Pessoa, justificativas para a realização desta dissertação e um breve histórico musical da pesquisadora. Na segunda seção, expomos a revisão de literatura, que está dividida em seis categorias, para uma melhor discussão e compreensão dos textos analisados. Na seção seguinte, discutimos o referencial teórico, que está estruturado em 5 partes, contendo as contribuições das teorias feministas e o conceito de *habitus*, que auxiliaram para o entendimento de alguns pontos importantes e fundamentaram esta pesquisa. Na quarta seção, apresentamos as trajetórias metodológicas, divididas em 5 tópicos, para expormos o tipo de pesquisa adotada, as questões éticas envolvidas na pesquisa, as ferramentas de coleta de dados utilizadas e como se deu esse processo de coleta no decorrer deste estudo. Após essa seção, trazemos a análise dos dados, cruzando-os com os textos estudados, como, também, a narrativa da regente entrevistada, colocada paralelamente às minhas vivências durante a minha trajetória enquanto regente de banda marcial escolar. Com isso, compreendemos melhor esta função de

⁵ Não especificamos se a instituição de ensino é pública ou privada para evitar a identificação da regente.

regente através da concepção da participante.

Nesta perspectiva, trazemos os resultados encontrados durante o processo de pesquisa sobre a regência feminina nas bandas marciais escolares com o olhar da regente participante deste estudo e, por fim, apresentamos nossas considerações finais a respeito do tema desenvolvido.

2 ESTUDO SOBRE A MULHER NA SOCIEDADE E NA MÚSICA

O problema de pesquisa aqui relatado requer um breve estudo em vários pontos importantes, como a questão de gênero e música, o contexto histórico em que as mulheres tinham uma função estabelecida pela sociedade dentro de um sistema patriarcal, a participação das mulheres em diversos gêneros musicais como instrumentista, a função de regente e da prática pedagógica em banda marcial escolar, além das várias discussões sobre o campo de trabalho no meio musical e a atuação das mulheres na regência. Desta feita, a investigação explorou alguns aspectos para que obtivéssemos uma visão geral de todo o processo a que este estudo objetivou. Neste sentido, foram utilizados teses, dissertações, livros, TCCs e artigos.

A revisão de literatura contemplou os portais Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e Academia; repositório da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Fundação Getúlio Vargas (FGV), Universidade Federal de Goiás (UFG), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Repositório Institucional da Unipampa (RIU) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); os seguintes periódicos: Revista da Associação Brasileira de Educação Musical (Abem), Revista Claves (UFPB), Per Musi (UFMG), Música (USP), Latino-americana de Geografia e Gênero, Fractal de Psicologia, Musimid e UNB; anais da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (Anppom), da Associação Brasileira de Educação Musical (Abem) e do Simpósio Brasileiro de Pós-Graduando em Música (Simpom); os periódicos da International Journal of Music Education e MayDay Group.

Os descritores utilizados para encontrar os trabalhos foram: banda, banda marcial, fanfarra, regente feminina, mulheres na música, grupos musicais femininos, mulheres na orquestra, música e gênero, protagonismo feminino, mulheres na banda, ensino de música, mestre de banda e maestrina⁶. Para a busca nos periódicos internacionais utilizamos os seguintes descritores: *conductors, band educators, female protagonism, music and genre, female ruler e marching band*. O recorte

⁶ Termo usado para identificar a mulher que rege uma orquestra ou banda. É muito utilizado no mundo das bandas marciais e usado como o feminino de maestro durante um bom tempo na história - ler o trabalho de Santana (2021). Este termo é encontrado em alguns trabalhos analisados na pesquisa e que trago em alguns pontos do texto.

temporal para esta pesquisa ficou definido entre os anos de 2013 e 2023. O período em que foi realizada a busca por textos ocorreu de março de 2023 a janeiro de 2024. Com esta procura, encontramos a quantidade de trabalhos que podemos visualizar na tabela abaixo:

Tabela 1 – Quantidade de livros, teses, dissertações, TCCs e artigos.

Livro	Tese	Dissertação	TCC	Artigo em periódico	Artigo em anais de congresso
2	5	8	3	21	7

Fonte: A autora (2023).

Ao pesquisar por trabalhos com a perspectiva de mulheres na regência de bandas marciais, pude entender que existem pesquisas que abordam o tema de música na escola e de ensino de música através de bandas marciais ou de instrumentos musicais. Porém, os trabalhos que abordam sobre as mulheres enquanto protagonistas ou condutoras de uma banda marcial escolar são poucos, visto que a maioria dos estudos discutem o ensino de música nas bandas e as mulheres na regência de orquestras, bandas musicais e grupos de percussão. Assim, foi preciso realizar uma busca de trabalhos que contemplassem a singularidade do tema deste estudo, para que contribuíssem, de forma significativa, para chegarmos à resposta do problema de pesquisa. Os textos⁷ averiguados nos proporcionaram uma visão geral e nos fizeram compreender a representatividade feminina nesta área.

Diante das leituras dos textos coletados, pudemos ter uma visão ampla a respeito da formação social, das concepções sobre a função das mulheres na sociedade e a participação delas no campo musical. Logo, com as análises dos textos, conseguimos compreender as questões de gênero e música bem como a participação das mulheres, neste caso, na regência de bandas marciais escolares.

Com a leitura e fichamentos dos textos, foi possível realizar uma divisão em seis categorias temáticas que serviram de caminhos para a análise e compreensão do objeto de estudo. As categorias foram nomeadas da seguinte forma: 1) Contexto histórico sobre o papel das mulheres na sociedade, 2) Divisão de instrumento musical por gênero, 3) A participação das mulheres na música, 4) A função do maestro/regente, 5) Regência de banda marcial escolar e 6) Mulheres na regência. Desta forma, trazemos uma explanação sobre esses temas de acordo com a literatura

⁷ No Apêndice A, apresento uma tabela contendo a fonte, autoria e título dos textos utilizados na revisão de literatura.

encontrada e que nos levou a uma visão mais abrangente sobre o assunto estudado. Esta seção será dividida a partir das categorias temáticas definidas, de acordo com as ideias centrais de cada trabalho analisado.

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO SOBRE A FUNÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE

Desde a estruturação da sociedade brasileira, que teve a base centrada no sistema patriarcal, as mulheres das classes mais elevadas desempenhavam um papel submisso aos pais ou esposo e não tinham o direito de guiar sua própria vida. Neste sentido, do contexto histórico e da função das mulheres na sociedade através do conceito de gênero, podemos trazer à discussão os textos de Muller (2021), que discutem a historicização do conceito de gênero, traçando seu desenvolvimento da antropologia feminista à educação musical. Ela destaca a importância de autoras e pesquisadoras feministas em desafiar a compreensão normativa de gênero, subvertendo o uso da linguagem centrada no homem e questionando noções fixas da sexualidade humana. Nesta perspectiva, ainda vemos a divisão de papéis na sociedade, devido ao conceito de gênero e que, por isso, ainda podemos detectar quem é dominado e quem é dominador ou quem é prestigiado e quem não tem lugar de fala “[...] por que o sujeito mulher é/foi o dominado e o sujeito homem o dominador? Por que homens têm visibilidade e prestígio social, enquanto o anonimato é/foi o lugar social das mulheres? Por que ainda existem ‘coisas de mulher’ e ‘coisas de homem’?” (Muller, 2021, n./p).

O trabalho de Corrêa (2019) discute os desafios enfrentados pelas mulheres em ter sua autonomia legitimada por representações de masculinidade, apesar dos avanços na emancipação feminina. O estudo explora o impacto de fatores sociais e econômicos na formação do indivíduo contemporâneo e como a percepção do espaço feminino é influenciado nesse processo, por se tratar de muitos anos sem ter uma representatividade feminina mais frequente em diversos setores da sociedade. A autora também aborda a importância dos direitos e conquistas das mulheres no movimento feminista no Brasil, como as discussões sobre o aborto e a pílula anticoncepcional. Portanto, colabora com o tema aqui discutido em relação à figura feminina na sociedade, bem como na igualdade dos direitos das mulheres. Assim, podemos ver, ainda, na sociedade atual, que muitas mulheres estão em busca de espaços até então considerados masculinos, no caso desta pesquisa, a regência de bandas marciais.

A dominação masculina é reproduzida nas diversas áreas da sociedade atual, utilizando a separação entre os sexos para justificar padrões sociais construídos. A dominação masculina está inscrita na sociedade subjetiva e objetivamente, fazendo com que o feminino, não raro, seja colocado em lugar inferior, submisso à autoridade masculina (Corrêa, 2019, p. 55).

Outro trabalho que colaborou bastante para esta pesquisa foi a dissertação de Pereira (2019), que trata sobre diferentes gêneros do discurso retórico, como lírica, tragédia, comédia, romance e piadas, como também menciona brevemente as mudanças legais na França e na Índia britânica que contribuíram para mudanças de comportamento e para o enfraquecimento ou fortalecimento do patriarcado. Sobre as mulheres serem detentoras das atividades domésticas, espaço privado, enquanto aos homens cabia a responsabilidade de prover as necessidades materiais e a liberdade de ir e vir às ruas.

Observa-se assim que as mulheres deviam se submeter aos homens, detentores do papel social de provedores das necessidades materiais domésticas, cabendo-lhes a restrição ao espaço privado, ou seja, seus lares. Já os homens podiam participar da vida pública como cidadãos livres (Pereira, 2019, p. 15).

Costa (2015), ao explorar a agência de Chiquinha Gonzaga no Rio de Janeiro durante o século XIX, discute as expectativas sociais colocadas sobre as mulheres no decorrer do século mencionado, enfatizando a importância do papel delas como mães e cuidadoras dentro da família burguesa. O texto também destaca a repressão da autonomia feminina e a ênfase no papel materno como única fonte de realização para as mulheres. Um dos livros que auxiliou no entendimento sobre o papel das mulheres desde o século XIX é o livro de Diniz (1999), que traz a biografia de Chiquinha Gonzaga. A autora aborda muitos aspectos com relação ao contexto social de um período em que as mulheres eram entendidas como uma figura “frágil”, sem autonomia para fazer suas próprias escolhas, restrita a um espaço privado e sem direito à liberdade de ir e vir para onde e quando quisesse. O livro retrata toda a vida de uma das mulheres que enfrentou barreiras e discriminações apenas por não aceitar seguir as imposições de uma sociedade formada em uma cultura masculina. As mulheres da alta sociedade tinham o papel de servir aos pais e, quando casada, ser submissa ao seu marido, já que a própria formação da sociedade foi estruturada na

supervalorização do homem, mesmo que tivessem acesso à educação. No caso de outras mulheres, como as escravizadas, elas serviam como moeda de troca e eram sexualizadas. Em ambos, havia uma vida subordinada aos padrões sociais.

Vemos as várias situações em que as mulheres se encontravam, mas se olharmos para o contexto, todas, de certa forma, eram escravizadas de acordo com sua posição na sociedade. A figura feminina desempenhava uma função que lhes era imposta, as mulheres não tinham o direito de escolher seu próprio destino. Os pais determinavam com quem suas filhas iriam se casar, para que mantivessem um acordo vantajoso entre as famílias envolvidas no matrimônio. Nesta perspectiva, as meninas obedeciam e atendiam às ordens dos pais e as esposas submetiam-se às imposições e desejos dos maridos, seguindo as regras sociais no espaço destinado para elas: o lar. Esse era o lugar no qual desenvolviam tarefas domésticas, restando-lhes, apenas, uma visita à igreja, acompanhada do seus pais ou esposo: “os bordados, os doces, a conversa com as negras, o cafuné, o manejo do chicote, e aos domingos uma visita à igreja, eram todas as distrações que o despotismo paternal e a política conjugal permitiam às moças e às inquietas esposas” (Diniz, 1999, p. 41). A partir deste cenário, é perceptível a subordinação e opressão vividas pelas mulheres dessa camada social, o que as tornavam prisioneiras de uma sociedade de priorização masculina.

Estas pesquisas auxiliaram este estudo, pois explanaram sobre muitos fatores importantes para nossa discussão e contribuíram para a área de pesquisa musical, no sentido de que abordam as questões de gênero e música. Neste sentido, os textos nos mostraram a caracterização do lugar das mulheres na sociedade, onde suas atividades eram bem definidas e impostas, as quais não poderiam ser diferentes do estabelecido para elas. Uma mulher não poderia fugir à regra e tentar exercer alguma função no espaço público, pois iria contra o sistema que estruturava a sociedade. Com as mudanças culturais e sociais, através das lutas, discussões e pesquisas, essa concepção e, conseqüentemente, o cenário têm sido transformado. Contudo, ainda há surpresas ao fato de uma mulher estar regendo uma banda marcial escolar, enfatizando a herança histórica social.

2.2 DIVISÃO DE INSTRUMENTO MUSICAL POR GÊNERO

Interessante e importante trazer à discussão a divisão de instrumento musical por gênero, pois esse aspecto guarda estreita conexão com a cultura

masculina e o preconceito vividos pelas mulheres em grupos musicais, seja em orquestras ou bandas. Muitos autores discutem, em seus textos, sobre este fato, que ocorre em diversos grupos musicais. As autoras Bionni e Schambeck (2021) destacam a persistência de preconceitos e estereótipos de gênero no campo da música, principalmente em bandas, em que certos instrumentos são classificados como mais adequados para mulheres ou homens. O artigo lança luz sobre as experiências de mulheres musicistas da Banda da Sociedade Musical Filarmônica Comercial, fornecendo informações sobre os desafios que elas enfrentam e as oportunidades que são oferecidas.

Os relatos das instrumentistas sobre como é ser musicista dentro da Banda de Música, revela que ainda há um certo preconceito sobre mulheres tocando em bandas de música, e que a categorização dos instrumentos musicais ainda é baseada, em alguns casos no gênero feminino ou masculino, ou seja, “menina toca o mais delicado e agudo, e menino toca o mais bruto, pesado, grave”. Mesmo que atualmente, a banda possua um número igual de instrumentistas mulheres e homens, o número de homens em determinados instrumentos mais graves é maior, e naqueles mais agudos e leves são os que geralmente são “escolhidos” pelas mulheres (Bionni; Schambeck, 2021, p. 12).

Ainda é perceptível essa questão nas bandas marciais, apesar de já presenciar mulheres tocando instrumentos não considerados para meninas. A pesquisa das autoras ressalta a necessidade de igualdade de representação e oportunidades para as mulheres na música, tanto como intérpretes quanto como educadoras e regentes de bandas, a fim de desafiar os preconceitos existentes e promover a inclusão em espaços alternativos de educação musical. As autoras proporcionam grandes contribuições para esta pesquisa, pois aborda a representação feminina na área instrumental, trazendo reflexões sobre a participação das mulheres como musicista em diversos instrumentos musicais e a questão da igualdade de gênero.

Outro trabalho que trouxe muitas colaborações, para este estudo e para a área de pesquisa em música, foi a dissertação de Wenning (2019). A autora discute o tema da educação musical e sua relação com gênero e sexualidade na educação básica. Destaca a escassez de estudos sobre como professores de música na educação básica lidam com a diversidade nesse contexto. Dessa forma, ela debate vários pontos que envolvem a educação musical, ressaltando falas dos entrevistados com relação ao campo da música ser majoritariamente ocupado por homens. A autora

discute a separação de atividades por gênero feminino e masculino “Luana parece entender que qualificar ou classificar atividades como sendo de meninos ou de meninas contribui para sustentar desigualdades de gênero” (Wenning, 2019, p. 71). É a partir dessas concepções da sociedade, da educação e entendimento do que é permitido para meninos e para meninas que vai se moldando as relações com a música por intermédio de um instrumento. Nas bandas marciais, geralmente, ocorre essa distinção. Lembro-me de uma vez em que uma mãe estava tentando convencer o filho a não tocar os pratos a dois (instrumento percussivo), por achar que só meninas poderiam tocar. Atualmente, já são vistos vários homens tocando prato a dois nas bandas, inclusive em bandas regidas por regentes homens e bandas formadas com os próprios regentes como componentes, o que corrobora, ainda mais, para acabar com esse preconceito enraizado na sociedade convencional. Desta forma, pode-se obter mais legitimidade social dentro desse mundo ainda masculinizado, pois os papéis estereotipados não são reafirmados e, por isso, é mais fácil de serem aceitos nesta nova configuração.

Pereira (2019), já citado anteriormente, também debate sobre esse tema e contribui para a pesquisa, porque tem como objetivo analisar a desvalorização das mulheres na sociedade brasileira e os papéis sociais representados pelo gênero feminino nas letras populares. O TCC de Socca (2019) utiliza pesquisa de arquivo, entrevistas de história oral com ex-alunos e a análise de construções de gênero em relação a instrumentos musicais e expectativas sociais. O estudo investiga as construções de gênero na Banda do Instituto Municipal de Belas Artes, conservatório de música de Bagé, durante as décadas de 1960 e 1970, e explora as experiências e memórias dos participantes, em sua maioria estudantes do sexo feminino, e suas interações com a regente no contexto das expectativas de gênero durante a ditadura militar. O trabalho explana a agência e o protagonismo das mulheres na Banda do Instituto Municipal de Belas Artes, enfatizando suas contribuições para o cenário musical e social da época. A autora traz as falas dos entrevistados e aborda a escolha de instrumentos por gênero, de acordo com o tipo do instrumento e com a relação de capacidade física:

A relação de uma habilidade física com a capacidade ou não de tocar um instrumento da família dos metais parece ser recorrente nas narrativas de construção de gênero em música, em que existe uma associação de “força física” com o masculino para tocar um instrumento tão marcante quanto uma corneta ou trompete, enquanto as mulheres estão em instrumentos menores, e frequentemente

considerados delicados, como flautas e escaletas (Socca, 2019, p. 36).

O texto de Kelly e Weelden (2014) investigou possíveis associações de gênero com instrumentos de música entre estudantes de música do ensino médio nos EUA. Os autores exploraram e examinaram se os instrumentos primários, tocados pelos estudantes, a idade e o sexo influenciaram nas associações de gênero com instrumentos musicais. O estudo constatou que estudantes de música do ensino médio nos EUA foram influenciados por variações semelhantes em relação às associações de gênero com instrumentos de música mundial⁸ e com instrumentos tradicionais encontrados nas escolas públicas dos EUA: “Os alunos perceberam o tamanho do instrumento como um fator nas associações de gênero, com instrumentos maiores geralmente associados à masculinidade e instrumentos menores mais femininos” (Kelly; Weelden, 2014, p. 484 – tradução nossa⁹). Essas associações do instrumento com o gênero feminino ou masculino limita muitos que queiram tocar algum instrumento que fuja dessa regra:

Os resultados da investigação têm sido tão consistentes no que diz respeito aos preconceitos de gênero em relação aos instrumentos musicais que muitos investigadores concluíram que tais associações podem limitar as oportunidades musicais para indivíduos que desejam tocar instrumentos que não são representativos do seu gênero (por exemplo, homens tocando flauta) (Kelly; Weelden, 2014, p. 479 – tradução nossa¹⁰).

Castanheira (2013) disserta sobre a necessidade de desconstruir discursos que impõem comportamentos em diversos ambiente, mas, principalmente na escola. Comportamentos definidos através do conceito de gênero, ou seja, como uma menina deve se comportar dentro de um ambiente de ensino. O estudo discute relações de gênero e dinâmicas de poder, no contexto de uma escola pública no sul de Minas Gerais, com foco nas experiências de meninas. Ela destaca as maneiras pelas quais

⁸ Os escritores se referem à "música mundial" como uma categoria que engloba tradições musicais não ocidentais, isto é, variados estilos e instrumentos musicais de várias culturas globais.

⁹ Students perceived instrument size as a factor in gender associations with larger instruments generally associated with masculinity and smaller instruments more feminine (Kelly; Weelden, 2014, p. 484).

¹⁰ Research findings have been so consistent regarding gender biases toward musical instruments that many researchers have concluded that such associations may limit musical opportunities for individuals desiring to perform on instruments that are not representative of their gender (e.g., males playing flute) (Kelly; Weelden, 2014, p. 479).

as meninas são frequentemente socializadas para se adequarem às normas de gênero e aos desafios que elas enfrentam para lidar com essas expectativas.

A escolha de instrumento ocorre muito nas bandas marciais, pois a maioria das meninas escolhem tocar os pratos à dois porque acham que é instrumento feminino e não aceitam tocar outros como um trompete ou um bumbo. Atualmente, essa questão está mudando um pouco, pois já é possível encontrar algumas meninas tocando instrumentos de sopro, anteriormente considerados masculinos. Porém, o número de meninas que preferem participar do corpo coreográfico, e aqui deixamos claro que não diminuímos a dança em detrimento da prática instrumental, ao invés de tocar é superior, pois acreditam que dançar é para mulheres e que tocar é para os homens. Toda essa reflexão sobre a escolha de instrumentos nos faz considerar que seja um dos vários motivos pelos quais há poucas mulheres regentes de bandas marciais.

Como sabemos, essa visão de separação de tarefas está intrínseca em nossa cultura e na sociedade há muitos anos, chegando a ser uma questão estrutural que forma a concepção de muitas pessoas. Castanheira (2013) explica que,

Por algumas vezes também, mesmo que eu resistisse às normas, via-me enquadrada a elas e ficava frustrada por não poder brincar com meus primos de polícia e de ladrão; não poder jogar futebol no “campinho” com os meus vizinhos; não poder me sujar de poeira rolando no chão nas “lutinhas”; não poder sentar de pernas abertas como os meninos, dentre tantas outras coisas das quais me privavam por eu ser e ter que me comportar como uma menina e não como uma criança que explora e se explora enquanto brinca (Castanheira, 2013, p. 13-14).

Como a autora comenta sobre atitudes normais para meninos, podemos fazer uma reflexão trazendo para o campo profissional da música, especificamente sobre as mulheres na regência de bandas marciais. É justamente seguindo esse viés de pensamento que a sociedade, em sua maioria, enxerga a função das mulheres, ou seja, destinam cargos para o sexo masculino e feminino.

2.3 A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA MÚSICA

Muitos trabalhos debatem essa questão da participação das mulheres na música, seja como instrumentista de orquestra, de bandas de rock, de grupos de maracatu ou bandas sinfônicas e marciais. O fato é que, desde muito anos, as mulheres foram privadas de muitos direitos e da liberdade de escolher seu próprio

caminho. A trajetória musical para muitas dessas mulheres não fica de fora desse cenário social. Em meados do século XIX, na sociedade brasileira, a educação para as moças da camada social elevada era ofertada na sua própria casa. Neste momento da história educacional no Brasil, “O diploma, numa sociedade iletrada e escravista, funcionava como um verdadeiro distintivo de classe social e resumia-se no ideal da educação masculina” (Diniz, 1999, p. 44). Às mulheres brancas era oferecida uma educação básica, diferentemente da educação dada aos homens, apenas para que soubessem educar os filhos, bordar, cuidar da casa e agradar seu marido. Interessante ressaltar que à mulher “negra (escrava) se excluía todo e qualquer direito social” (Diniz, 1999, p. 44). Incluso no pacote educacional para as mulheres brancas da elite estavam as aulas de música, mais precisamente o ensino do piano, para tocar nos encontros realizados na sua própria casa e contentar os convidados. Assim, as mulheres viviam em um mundo restrito e planejado para elas, impossibilitando-as de alçar voos maiores e, conseqüentemente, trilhar outros caminhos dentro da música.

O texto de Rosário e Cunda (2022) explora a lenta valorização e representação de compositoras e maestras brasileiras, juntamente com o apoio instrumental fornecido pelo estado por meio de políticas públicas e disposições legais, em um contexto marcado por desigualdades históricas. O estudo reflete sobre o exercício da cidadania para oferecer mais oportunidades e maior igualdade de gênero no campo da música. O artigo também destaca o direito e o dever constitucional de alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas na música, alinhando-se com a agenda da Organização das Nações Unidas (ONU) para 2030. As autoras apresentam grandes contribuições para a pesquisa musical, pois abordam a igualdade de gênero na música.

Mota e Oliveira (2021) buscaram, em seu artigo, contribuir para a compreensão do papel do gênero e da sexualidade na formação musical e atuação profissional, focando especificamente em duas professoras universitárias de música. No geral, o artigo traz a compreensão de como gênero e sexualidade se cruzam com a educação musical e as experiências de professoras de música. Seguindo a perspectiva da representatividade das mulheres na música, Howley (2021) explora os desafios enfrentados por mulheres compositoras na indústria musical australiana, especificamente no gênero de bandas de sopro, e investiga o papel dos maestros na promoção da igualdade de gênero na composição musical e na seleção de repertórios. A autora trouxe colaborações para este estudo porque aborda a pouca representatividade das mulheres nos grupos musicais de sopro e na composição.

A dissertação de Mostaro (2021) e o artigo de Gomes (2013) discutem a participação das mulheres nas rodas de samba. Mostaro (2021) se concentra em estudar rodas de samba compostas exclusivamente por mulheres musicistas no Rio de Janeiro, explorando suas motivações, experiências e desafios em um ambiente predominantemente dominado por homens. A pesquisa trata da desigualdade entre homens e mulheres no âmbito da roda de samba e que, com o passar do tempo, este cenário vem sofrendo transformações. Já Gomes (2013) discute as imposições da sociedade, com relação ao lugar que as mulheres ocupam nas rodas de samba, e a ascensão de muitas mulheres no samba, as quais se tornaram sambistas famosas como Beth Carvalho, Ivone Lara, entre outras, devido ao Cacique de Ramos, agremiação recreativa fundada em 1961, que se tornou um bloco carnavalesco referência no carnaval de rua do Rio de Janeiro.

O artigo de Sousa e Pereira (2020) auxilia na compreensão do ensino musical através das bandas e no quantitativo de alunos e alunas que participam desses grupos. O estudo nos mostra que a participação das meninas nestes grupos ainda é menor que a dos meninos, pois “[...] os estudantes que participaram da pesquisa possuem, na maioria dos casos, de 11 a 14 anos de idade, sendo que 55,6% dos alunos são do sexo masculino” (Sousa; Pereira, 2020, p. 395). A autobiografia de Bonfim (2020) colabora com esta pesquisa no sentido que traz aspectos profissionais das mulheres na cena musical. O artigo utiliza os trabalhos de McClary e Green para abordar questões de gênero na música. A autora relata sua experiência profissional em diferentes cenários para estabelecer uma narrativa que visa elucidar aspectos da prática musical.

Fey (2020), em sua dissertação, traz a discussão da baixa representatividade das mulheres em livros didáticos que priorizam produções masculinas. O objetivo foi investigar a visibilidade de mulheres artistas nos livros didáticos e analisar se eles enfatizam obras de artistas do sexo masculino, levando à sub-representação de mulheres artistas. O estudo busca promover a inclusão de gênero, diversidade e representação igualitária de mulheres artistas na educação artística. Apesar de tratarmos sobre as mulheres na regência em outro tópico, é interessante o que a autora fala sobre a representatividade feminina na condução musical: “os demais campos da arte, apresenta baixa representatividade de mulheres nos concertos musicais, além de serem minoria na regência de orquestras” (Fey, 2020, p. 15). Nesta perspectiva, o artigo de Alves (2019) discute sobre a participação das mulheres na música através da orquestra 100% mulher que atua no cenário carnavalesco na

cidade de Olinda, Recife e na região metropolitana. O texto expõe um pouco as questões de gênero e dos discursos de preconceito sofridos pelas integrantes do grupo.

Outro campo de atuação musical que merece nossa atenção é a música clássica ou a música de concerto. Casula (2019) aborda, em seu artigo, a influência persistente de um modelo de gênero na formação dos caminhos educacionais e profissionais dos músicos clássicos na Itália, tornando mais difícil para as musicistas obterem acesso legítimo e reconhecimento total no mundo da música clássica. O artigo revela a natureza do gênero das instituições e destaca a necessidade de abordar as desigualdades vivenciadas pelas profissionais do sexo feminino como uma questão social e não como um problema individual.

É o caso do mundo da música clássica, historicamente estruturado segundo uma série de hierarquias, entre as quais uma ordem binária de gênero que exclui as mulheres das práticas musicais dirigidas à esfera pública ou em contraste com o ideal de docilidade feminina, graciosidade e incapacidade técnica correspondente à sua condição de submissão à dominação masculina (Casula, 2019, p. 20 – tradução nossa¹¹).

Se voltarmos o olhar para outras esferas musicais, vemos trabalhos como o artigo de Santos e Silva (2018) sobre a participação feminina na banda de pífano, que é uma área predominantemente masculina. O trabalho relata a história da musicista Zabé da Loca e evidencia o papel dela como pifanista e compositora feminina no campo das bandas de pífano no Cariri Paraibano. Já a tese de Neiva (2018) tem como objetivo compreender a atuação das mulheres no campo da música experimental, a partir do desenvolvimento e análise das obras de alguns artistas.

O artigo de Wehr (2018) traz o olhar para a presença da mulher no mundo do jazz. O estudo visa compreender as experiências das mulheres no jazz, destacando que, apesar das melhorias na participação das mulheres em áreas dominadas por homens, as mulheres continuam sendo uma minoria neste gênero musical. Coelho, Silva e Machado (2014) investigam a participação de mulheres musicistas em bandas e orquestras na região dos Campos das Vertentes, especificamente em São João del-Rei e cidades vizinhas. Nesta mesma perspectiva, Moreira (2013) apresenta pontos

¹¹ This is the case with the world of classical music, historically structured according to a series of hierarchies, among which a binary gendered order excluding women from musical practices addressed to the public sphere or in contrast with the ideal of feminine docility, gracefulness and technical inability corresponding to their condition of submission to masculine domination (Casula, 2019, p. 20).

relevantes que nos fazem compreender como algumas filarmônicas funcionavam em relação à participação das mulheres em anos passados e a questão do conceito de gênero a partir de várias visões de outros autores.

Vimos que os trabalhos transitam em várias vertentes da música, com o propósito de discutir a presença das mulheres em diversos segmentos musicais, o que é importante para esta pesquisa, pois é necessário obter essa visão ampla da participação feminina na música e, assim, agregar à discussão, para uma melhor compreensão do contexto social em que as mulheres estão inseridas. Podemos perceber que, independentemente do gênero ou de grupos musicais, a representatividade feminina ainda é menor. Logo, observamos que os valores que permeiam esses campos provocam a exclusão ou a menor participação das mulheres.

2.4 A FUNÇÃO DO MAESTRO/REGENTE

Neste ponto da revisão, trazemos discussões de alguns trabalhos a respeito do conceito e da função de regente de forma ampla, para podermos compreender melhor quais as habilidades e atribuições que este cargo exige. A partir de algumas pesquisas nesta perspectiva, poderemos voltar o olhar para vários grupos musicais que precisam de alguém à frente na condução e para os profissionais que se destinam a seguir a trajetória da regência. É interessante ressaltar que existem regentes para cada grupo musical específico como o regente de orquestra, o regente de banda marcial e o regente de canto coral. Cada um conduz seu grupo com algumas habilidades comuns, porém, existem especificidades inerentes a cada grupo musical.

A tese de Chagas (2023) oferece um estudo etnográfico das bandas musicais de Nova Lima, MG, com foco no papel dos maestros. O texto colabora para a área musical no sentido em que utiliza a abordagem etnográfica para explorar o papel do maestro em bandas de música.

Curiosamente, das oito pessoas que entrevistei que regem ou passaram pela regência nas bandas em Nova Lima, todas apontaram como a principal função de um regente de banda a capacidade de lidar com as pessoas, muitas vezes utilizando categorias que serviam para reforçar o que o regente deveria saber ou trabalhar no grupo: “comunicar”; “lado psicológico”; “cumplicidade” e “gestão” (de pessoas) (Chagas, 2023, p. 158-159).

A pesquisa de Araújo (2023) destaca o conceito de performance colaborativa

no papel de um maestro em uma orquestra, enfatizando a importância de criar uma atmosfera, nos ensaios, em que os músicos se sintam à vontade para fazer perguntas e oferecer opiniões para uma possível melhora no desenvolvimento dos trabalhos. O artigo sugere que uma performance colaborativa bem-sucedida requer uma mistura das ideias claras e convincentes do maestro com as ideias musicais e os sentimentos expressivos dos instrumentistas. O estudo traz contribuições oferecendo informações sobre o potencial de desempenho colaborativo e o papel do maestro na facilitação das apresentações. A autora traz em sua pesquisa a questão da postura que alguns maestros adotam em relação a forma de trabalhar e reger determinadas peças musicais sem estar tão preso às partituras, ocorrendo uma performance mais colaborativa.

Se, por um lado, existem maestros e maestras que mostram sua preocupação em tornar a performance um processo com menos amarras, aprisionamentos à partitura e fidelidade ao compositor, por outro, há ainda os(as) que não concedem maiores liberdades aos demais músicos dos grupos (Araújo, 2023, p. 7).

O artigo de Silva (2021) trata de uma autobiografia, na qual o autor relata sua trajetória como instrumentista e regente de banda de música. O autor cita os vários caminhos de formação pelos quais passou para que pudesse se tornar um regente de banda e conclui que aprendeu a ser regente através dos aprendizados que foi galgando durante as experiências nas bandas que regeu.

Camargo (2020) concentra-se na relação entre o maestro e a obra musical, destacando a dimensão performativa do maestro como intérprete. Boia e Boal-Palheiros (2017) abordam a importância dos maestros e da regência como também o papel do regente e cita o período em que esse profissional passou a ser incorporado na música clássica. Rinaldi et al. (2008) trazem o conceito de regente e sua função. Os autores relatam as técnicas rítmicas e de gestos que cada regente precisa ter para conduzir uma orquestra ou outro grupo musical.

Segundo Camargo (2020) a regência das orquestras era exercida por instrumentista executante, ou seja, por um músico que além de tocar na apresentação regia o grupo. Geralmente, esse músico era o cravista ou o *Spalla* da orquestra. Porém, com o desenvolvimento das peças e das técnicas dos instrumentos, surgiu o regente não-executante, ou seja, a figura do regente atual (Camargo, 2020, p. 3). É importante destacar que “O maestro foi institucionalizado durante o século XIX, quando as orquestras se tornaram maiores e com mais músicos, o que tornou mais

difícil tocar de forma coordenada” (Boia; Boal-Palheiros, 2017, p. 150 – tradução nossa¹²).

É necessário entendermos a função do regente, que, de acordo com Rinaldi et al. (2008), é a de fazer o músico tocar. Acreditamos que o papel do regente, principalmente do regente educador de banda marcial, vai além desta definição. Estar à frente de um grupo de músicos e conduzi-los com tamanha maestria não é algo fácil, nem tampouco simples, de fazer. Um maestro ou regente de orquestra tem muitos pontos primordiais que são importantes para que seu grupo orquestral possa se apresentar e conseguir alcançar seu objetivo principal, que é mostrar ao público as peças musicais. Portanto, uma das atribuições do regente é analisar a obra musical e ter uma concepção sonora da peça que será executada.

Portanto, constitui função primordial do regente conhecer profundamente a totalidade da obra e elaborar, em suas pesquisas, uma concepção sonora da obra a ser apresentada e, tanto quanto possível, compartilhar esse conhecimento com todos os executantes envolvidos durante o processo de preparação da obra, seja por meio de seu gestual, seja através de informações verbais, no momento oportuno (Camargo, 2020, p. 2).

É interessante ressaltar que o regente de orquestra, na maioria das vezes, conduz músicos profissionais ou que já estão com o conhecimento musical bem avançado. Já os grupos de canto coral são compostos, em grande parte, de músicos aprendizes. Essa questão é importante, pois nos remete a outras atribuições que um regente educador precisa possuir, pois, “[...] no contexto coral, o papel do regente confunde-se, em grande medida, com a função de professor, ou seja, aquele que ensina música a estudantes ou cantores em formação” (Camargo, 2020, p. 5).

Como mencionado, a função do regente de banda se difere da função de regente de orquestra, no sentido que os músicos da orquestra já são, em sua maioria, jovens ou adultos com formação ou em processo de formação musical formal, por isso, “A regência é uma tarefa muito difícil e complexa de desenvolvê-la. Se o maestro não aprimorar e utilizar suporte teórico no seu ofício, jamais fará um trabalho bem-sucedido” (Silva, 2021, p. 9). Assim, as produções revisadas reforçam a ideia de que a figura do regente ou maestro é importante e necessária na condução do grupo

¹² The conductor became institutionalized during the 19th century, when orchestras became larger with more players, which made it more difficult to play in a coordinated way (Boia; Boal-Palheiros, 2017, p. 150).

musical, por analisar a parte técnica, harmônica, rítmica e sonora das obras e dar diretrizes aos músicos na execução das peças musicais.

2.5 REGÊNCIA DE BANDA MARCIAL ESCOLAR

Nesta categoria, apresentamos os trabalhos voltados especificamente para a regência de banda marcial. O regente desse tipo de formação é conhecido também como educador musical ou mestre de banda, pois, na maioria das vezes, ele ensina a teoria e as técnicas do instrumento ao aluno, para poder formar a banda e regê-la nas apresentações. Logo, é necessário que o regente tenha certos conhecimentos didáticos e pedagógicos para exercer sua função.

Chagas (2023), mencionado no tópico anterior, também aborda o papel dos regentes como educadores. O estudo destaca a contribuição histórica dos maestros na manutenção da adesão às bandas musicais e seu papel como professores, além de informar o desenvolvimento de estratégias eficazes de ensino e liderança para maestros em bandas musicais. O autor discorre sobre o regente assumir o papel de educador no ensino da teoria e do instrumento musical. “Eles são os responsáveis por formar novos instrumentistas, ministrando aulas de teoria e instrumento para os alunos da escola que a banda mantém” (Chagas, 2023, p. 222).

O artigo de Rocha e Teixeira (2021) aborda a função do regente enquanto educador musical, o qual precisa desenvolver as habilidades de performance, mas, sobretudo, trazer a pedagogia e metodologias para lidar com os alunos dentro de um espaço escolar. Os autores tratam das várias habilidades que o regente de banda marcial precisa ter para liderar seu grupo.

Grings (2020) investiga as crenças de autoeficácia de regentes de grupos musicais em escolas de educação básica. O estudo utiliza uma abordagem de métodos mistos, incluindo uma pesquisa e entrevistas qualitativas, para compreender o perfil dos regentes/professores e suas capacidades na condução de grupos musicais. As entrevistas qualitativas destacam as fontes das crenças de autoeficácia, incluindo estados somáticos e emocionais, persuasão social, experiências vicárias e experiências de domínio direto.

A dissertação de Silva (2020) investiga as percepções e experiências de integrantes de bandas marciais sobre suas trajetórias de educação musical e aponta algumas limitações nas práticas da banda, como repertório repetitivo, regentes autoritários, indisciplina e falta de preparo e incentivo pedagógico. O estudo visa

contribuir para a compreensão das bandas como algo importante na vida de seus participantes, o acesso ao ensino de música e o desenvolvimento de habilidades não musicais.

Campos (2016) destaca, em seu artigo, a importância do maestro da banda como principal treinador de instrumentistas de sopro e percussão no cenário musical brasileiro. O autor fornece informações teóricas e práticas para a melhoria de um currículo para a formação de músicos e bandas em escolas regulares.

Um regente de banda marcial escolar, ou mestre de banda, transita por vários caminhos para poder formar um grupo musical como esse na escola. Sabemos que a função do regente de banda marcial é árdua, porque, além de toda a parte da análise musical, da concepção sonora, rítmica e do conhecimento técnico dos instrumentos de sopro e percussão, ele precisa ter uma didática pedagógica, pois trabalhará, dentro de uma escola, com alunos que, geralmente, não sabem manusear um instrumento musical. Desta forma, “O mestre de banda, em sua essência, acumula diversas funções que se estendem desde a iniciação musical e a regência de concertos até funções administrativas e de captação de recursos para a compra de instrumentos etc.” (Campos, 2016, p. 313). Ele precisa conhecer o universo do aluno e lidar com as diversas situações que permeiam o ambiente de uma banda marcial, como os ensaios, os desfiles e as competições. É importante fazer uma relação entre o regente e o educador musical, pois, nas bandas marciais, é justamente isso que acontece, o regente, antes de tudo, é um professor de música, pois ensina toda a parte teórica e técnica dos instrumentos para, depois, reger o grupo formado por ele, o que é um pouco diferente da do regente de orquestra.

O conhecimento dos instrumentos, dos métodos instrumentais, da metodologia de ensino coletivo, assim como os aspectos extramusicais como a liderança e a administração de grupo, são habilidades encontradas no mestre de banda e que facilitam o trabalho do profissional que irá conduzir o ensino coletivo no contexto escolar (Campos, 2016, p. 318).

Rocha e Teixeira (2021, p. 2) ressaltam que o mestre de banda, ou regente, desenvolve um papel central, pois domina os aspectos técnicos da regência como também atua como educador musical. Assim, o profissional que está conduzindo a banda marcial precisa reunir essas habilidades para obter um resultado satisfatório na formação e condução do seu grupo musical.

Conforme o material revisado, o regente de banda marcial desempenha um

cargo que requer muitas habilidades e atribuições. Assim, precisa possuir conhecimentos técnicos em diversos instrumentos de sopro, de metal e de percussão, domínio dos elementos da regência, didática pedagógica, habilidades no tratamento com os alunos, saber administrar e organizar as apresentações e desfiles, assim como dispensar atenção para tudo o que for necessário na formação do seu grupo, como fardamentos e manutenção de instrumentos. Outros pontos que devemos ressaltar são a percepção e a compreensão que o educador musical tem do mundo em que o aluno está inserido, pois, é necessário que o regente planeje e organize suas aulas e o repertório da banda de acordo com o cenário e ambiente cultural em que o seu aluno vive, atendendo às expectativas de cada um dos participantes da banda.

Desta forma, o regente de banda marcial escolar precisa refletir sobre suas práticas pedagógicas e suas metodologias para contemplar a todos e não se resumir a métodos tradicionais que podem ocasionar em um ensino tradicional de conservatório musical. Como discute Silva, “O regente, como professor reflexivo, avalia suas práticas, critica estereótipos – como o do dom e do talento –, pensa em novas alternativas e metodologias que promovam o acesso a todos os sujeitos que desejam participar da banda marcial” (Silva, 2020, p. 87). Desta forma, o regente além das habilidades já mencionadas anteriormente, precisa compreender essa dimensão metodológica e estar convicto de que é um profissional atuando dentro de uma escola, mesmo que seja de ensino regular, diferente de um conservatório ou de uma escola de ensino especializado em música.

Nesta perspectiva, o regente de banda marcial escolar necessita de metodologias mais flexíveis e criar alternativas para que os participantes da banda possam atingir o conhecimento musical, visto que o ensino de música nas bandas marciais escolares não segue, geralmente, a característica nem a obrigatoriedade que se encontra em uma escola de música. Assim, espera-se que o regente educador de bandas marciais seja um profissional qualificado, pois desempenha uma função árdua que necessita de muita dedicação dispensada em vários setores para que o trabalho atinja o objetivo final.

2.6 A MULHER NA REGÊNCIA

Como já foi mencionado, a maioria dos estudos encontrados discorrem sobre as mulheres na regência de vários estilos de bandas e grupos musicais. Portanto, neste tópico, iremos trazer os trabalhos que contribuíram para esta pesquisa com

relação à participação das mulheres na regência. Após a revisão e reflexão sobre aspectos importantes que nos fazem compreender a estrutura sobre gênero e música, contexto histórico que aborda as funções das mulheres na sociedade, a função do maestro/regente e atribuições do regente de banda marcial escolar, faz-se necessário termos uma visão ampla de como está o cenário a respeito da representatividade feminina no pódio da regência.

A pesquisa de Bionni e Schambeck (2023) traz informações sobre os fatores que influenciaram as mulheres na escolha de uma carreira na regência musical, como a necessidade de trabalhar após o treinamento inicial, oportunidades de assumir papéis de regência em grupos musicais, identificação pessoal com a regência em bandas e a influência de outras regentes. A investigação também levanta questões sobre a representação de mulheres regentes nos cursos de formação e a pouca presença na esfera profissional.

Nesse sentido, mesmo as mulheres alcançando outras perspectivas profissionais e assumindo naipes usualmente executados por homens, nos tempos mais atuais, ainda se percebe uma certa restrição de oportunidades para mulheres desempenharem esse papel da regência em bandas de música (Bionni; Schambeck, 2023, p. 3).

Outro trabalho, já citado anteriormente, mas que contribui com o debate o tema deste tópico é a pesquisa de Chagas (2023). Entre as discussões, o autor traz a participação das mulheres na música, especificamente na regência, que é um campo historicamente dominado pelos homens:

Se tratamos aqui do acesso aos cargos de regentes, geralmente associados a poder e liderança dentro do grupo, devemos considerar os elementos históricos que demonstram a dificuldade que as mulheres enfrentam para acessar este tipo de espaço (Chagas, 2023, p. 152).

O autor demonstra um olhar sensível com relação à exclusão das mulheres nas bandas, ao afirmar:

Como pesquisadores, olhar para este aspecto da história das bandas é um dos primeiros passos que podemos alçar numa busca por compreensão e superação dos problemas que socialmente a exclusão feminina carrega nestas formações (Chagas, 2023, p. 155).

O artigo de Santana (2021) analisa a criação do *Tremplin jeunes chefs*

d'orchestre pela Philharmonie de Paris¹³, grupo que visa dar visibilidade e oportunidades para mulheres maestras. Também discute a criação subsequente do concurso *La Maestra*¹⁴, exclusivo para mulheres regentes. A pesquisa destaca o progresso lento na promoção e valorização de mulheres condutoras, devido à falta de iniciativas de governos e instituições. A autora esclarece a histórica falta de representação das mulheres regentes e os desafios que elas enfrentam ao entrar neste campo.

Já o TCC de Pianta (2020) discute percepções, experiências e perspectivas de regentes femininas de grupos de percussão em Porto Alegre. O estudo explora os temas de liderança, gênero e música no contexto de grupos de percussão. A pesquisa destaca os desafios enfrentados pelas regentes em um mundo “[...] predominantemente masculino” (Pianta, 2021, p. 13) e as estratégias que empregam para superar esses desafios. A presença das mulheres é extremamente pequena, não só na regência de bandas marciais. Se formos olhar em todo o contexto da história do país, as mulheres foram excluídas por muito tempo de vários cargos, um deles é a regência de bateria de escola de samba, como pontua Pianta: “A realidade, infelizmente, é outra: no ano de 2020, das 13 escolas do grupo principal, todas as baterias tinham um homem com o apito na mão” (Pianta, 2021, p. 43).

O artigo de Noronha (2021) fornece uma análise comparativa entre a participação de mulheres profissionais na música orquestral em Cuba e no Brasil. A autora destaca que, em Cuba, há uma maior presença de mulheres na regência das orquestras. Assim, o trabalho contribui para compreendermos a diferença no número de mulheres nas orquestras e na regência dessas. A revisão do livro de Mascha Blankenburg, escrita por Botelho (2020), tem como objetivo expor, em língua portuguesa, os desafios enfrentados pelas mulheres na regência e composição, destacando a falta de reconhecimento e as oportunidades dadas a elas. O estudo explora as barreiras históricas enfrentadas pelas mulheres na carreira de regente, incluindo o desencorajamento de professores e preconceitos sociais.

A luta das mulheres para se inserir na regência vem de longas datas à base de muito esforço. Até hoje, vemos que essa conquista está se desenvolvendo na nossa sociedade, que ainda tem resquícios de inferioridade e preconceitos. Essas características vêm de um sistema patriarcal, em que o poder, o lugar de fala e a

¹³ Trampolim para jovens regentes da Filarmônica de Paris.

¹⁴ A Maestra.

condução de bandas eram centrados no homem, pois “subir ao pódio comandando um exército de músicos, na visão patriarcal, não cabe a uma mulher” (Botelho, 2020, p. 3). Como a autora comenta em seu trabalho, precisamos vencer o "mito maestro" para termos no campo musical, em específico na regência, uma igualdade.

A tese de Amorim (2020) coleta dados, por meio de entrevistas e observações não participantes, das atividades de ensino das bandas selecionadas e aborda a pouca participação das mulheres na regência. Seguindo o mesmo pensamento, a tese de Grings (2020), já citada, discute a pouca representatividade feminina na condução de banda marcial. De acordo com a amostra realizada em sua pesquisa, as bandas são regidas predominantemente por homens (Grings, 2020, p. 153-154).

O artigo de Santos (2019) explora a diferença de gênero e a relação entre feminismo e política na música clássica brasileira, focando, especificamente, na Orquestra Sinfônica de São Paulo (OSESF) antes e durante a gestão de Marin Alsop, que atuou como regente principal e diretora musical de 2012 a 2019. O estudo analisa a representação das mulheres no campo da música clássica, examinando o número de pessoas convidadas como maestras, solistas e compositoras na OSESF.

O TCC de Fontes (2019) aborda como se dá a inserção das mulheres no campo da regência em bandas marciais que é um mundo ainda muito masculinizado. A autora traz a discussão sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para alcançar um cargo marcadamente masculino. A dissertação de Nóbrega (2018) se concentra em investigar o atual projeto de bandas marciais no município de João Pessoa. A pesquisa traz contribuições para este estudo, pois aborda a pouca representatividade feminina no projeto de bandas investigado.

O artigo de Coelho, Silva e Machado (2014), mencionado anteriormente, também trata deste tema e observa que as diferenças tradicionais de gênero permanecem ocultas no cotidiano dessas corporações musicais. Os autores abordam a questão do lugar de poder, no caso, a regência de grupos musicais, ressaltam que há um cenário musical diferente na região de Campos das Vertentes e que a participação das mulheres na música está aumentando. Embora uma mulher esteja à frente da orquestra desde 1977, elas continuam ocupando mais os coros e os instrumentos de cordas.

Em seu trabalho, Carvalho (2014) explora o surgimento de compositoras e regentes femininas na cena musical clássica brasileira na década de 1930, abordando as configurações sociais que permitiram que essas mulheres acessassem papéis tradicionalmente dominados por homens na composição e na regência. O artigo

analisa os desafios enfrentados por essas mulheres, incluindo os obstáculos impostos pelas expectativas sociais de feminilidade e convenções de gênero que determinam a divisão do trabalho artístico entre homens e mulheres. A autora discute as lutas da compositora e maestra Joanídia Sodré para obter seu lugar na música:

Desta forma, oito anos depois de sua estreia, finalmente, Joanídia é tratada como regente ao lado dos seus pares masculinos, ainda que o crítico se recuse a chamá-la de maestrina [...]. JIC nega-lhe o título correto de maestrina por parecer-lhe pedante para uma mulher. Para ele, o título mais significativo e também mais apropriado seria o de professora (Carvalho, 2014, p. 50).

Moreira (2013), já mencionado anteriormente, também debate a figura feminina na regência de bandas e a predominância masculina neste campo musical. O autor relata em seu artigo que: “A liderança dos grupos não se alternava, sendo o mestre o principal 'detentor' do saber e o responsável pela escolha dos monitores, geralmente homens, mesmo em instrumentos com predominância de naipes femininos” (Moreira, 2013, p. 67). Neste ponto, já percebemos a dominância masculina à frente das bandas: “Enquanto as mulheres são mais suscetíveis a ensinar os jovens estudantes em sala de aula, os homens são mais propensos a ensinar os alunos mais velhos, em todas as configurações” (Moreira, 2013, p. 70). Portanto ensinar um grupo musical, e especificamente uma banda marcial, só é concebido e aceito se for por homens. O autor continua a ressaltar a questão de a figura masculina ser mais apropriada para a formação de grupos e liderança da banda: “[...] Sendo a liderança da banda, na sua quase totalidade, caracterizada na figura masculina do mestre, desde a era colonial do país, uma analogia à figura paterna, o processo é um pouco mais rígido de tradição militar” (Moreira, 2013, p. 71).

Podemos então compreender que, devido às bandas marciais ter origem militar¹⁵, a condução e formação desses grupos tenham a predominância masculina, como, também, a pouca participação das mulheres nos instrumentos de destaque, como os de sopro e alguns instrumentos de percussão. Aqui, podemos ver a questão do entendimento da sociedade com relação à figura masculina como uma presença marcante e autoritária, que pode impor sua metodologia de ensino musical tradicional e militar (rígida), enquanto às mulheres cabe a figura materna, pedagoga, delicada e complacente. Desta forma, entendemos que a naturalização de aspectos sociais está

¹⁵ Ver Silva (2020).

interligada ao *habitus* abordado por Bourdieu que trazemos no capítulo do referencial teórico. O autor também comenta sobre o início da inserção das mulheres nos grupos musicais e a similaridade com as filarmônicas de Portugal:

Assim como no Brasil, a participação das mulheres nas Bandas filarmônicas portuguesas é de similar predominância masculina. Pode destacar casos no país lusitano em centenas de grupos. Em Évora, cidade lusitana, na qual o gênero feminino compartilha as primeiras incursões relevantes somente na segunda metade do século XX (Moreira, 2013, p. 72).

O livro de Diniz (1999), além de abordar o contexto histórico, discute sobre a regência com relação à luta de Chiquinha Gonzaga para conquistar o pódio da regência. Muitas mulheres enfrentam dificuldades para alcançarem seu lugar de fala e de liderança, não só na música, mas em várias áreas. Chiquinha Gonzaga e Joanídia Sodré foram mulheres à frente de seu tempo, que lutaram contra tudo que as reprimiam e que lhes era imposto. Elas superaram barreiras, críticas, machismos, preconceitos e passaram por todas as dificuldades em busca da realização de seus objetivos que era compor, tocar, reger e viver da música. Em seu livro, Diniz (1999) ressalta a vontade de Chiquinha Gonzaga de se libertar e, conseqüentemente, libertar a música:

Esta mulher que desafiava o vernáculo era a mesma que abria alas para a música brasileira. [...] A marginalização social que passara a sofrer segregava-a da classe dominante, dos seus valores e padrões. A sua rebeldia como mulher, ao mesmo tempo em que a libertava, ajudava-a a libertar a música do país (Diniz, 1999, p. 111).

Assim, diante do material revisado, entendemos que se faz necessário discutir e aprofundar o tema desta dissertação, para que, cada vez mais, se vença as barreiras do preconceito dentro de uma sociedade contemporânea. Logo, buscaremos nas próximas seções, através do referencial teórico, dos dados coletados nas entrevistas e nas observações, compreender este universo da regência de banda marcial escolar, a partir do olhar da regente participante da pesquisa, e trazer, para esta discussão, mais elementos que nos proporcionem uma visão mais aprofundada deste tema.

3 ENTRE GÊNEROS E HISTÓRIAS: UMA DISCUSSÃO SOBRE ALGUMAS TEORIAS FEMINISTAS E O CONCEITO DE *HABITUS*

Dentro de uma sociedade organizada estruturalmente no sistema patriarcal, em que o homem tinha seu lugar de fala e que muitas mulheres não tinham o direito nem a oportunidade de receber educação igualitária à dos homens, poucas obtiveram a tão sonhada autonomia. Historicamente,

É apenas no século XX que, para um pequeno grupo de mulheres – ainda assim, apenas uma pequena minoria se considerada em escala global –, as condições de acesso educacional e equidade tornaram-se pelo menos disponíveis, para que as próprias mulheres começassem a “enxergar” e assim definir seu dilema (Lerner, 2019, p. 313)¹⁶.

Desta forma, é perceptível que, para elas, a conquista de sua emancipação e autonomia ficava cada vez mais impossível, pois eram minoria em relação aos direitos dos homens. Atualmente, ainda não vivemos em uma sociedade equitativa, haja vista estarmos inseridos em uma convenção social em que nem todos têm o mesmo lugar e oportunidade para se expressar.

Assim, podemos entender que ainda há certa dominação masculina em várias áreas da sociedade contemporânea, pois, de acordo com Lerner (2019), o patriarcado representa um sistema de dominação que se evidencia pela submissão das mulheres aos homens, marcado por uma organização familiar patriarcal que cria e mantém desigualdades de poder, atribuindo às mulheres papéis sociais por meio do gênero:

O primeiro papel social da mulher definido pelo gênero foi ser trocada em transações de casamento. O papel de gênero obverso do homem foi ser aquele que executava a troca ou que definia os termos das trocas. Outro papel definido pelo gênero para mulheres foi o de esposa “substituta”, o qual se tornou estabelecido e institucionalizado para mulheres de grupos de elite. Esse papel oferecia às mulheres consideráveis poder e privilégios, porém, estes dependiam de sua associação a homens da elite e baseavam-se, minimamente, no desempenho satisfatório ao oferecer a esses homens serviços sexuais e reprodutivos (Lerner, 2019, p. 292).

Contudo, o que se percebe é que este sistema não foi superado, pois muitos

¹⁶ A primeira publicação foi em 1986.

ainda pensam de acordo com esse tipo de estrutura social. Apesar de vermos mulheres em diversas profissões, ainda estamos discutindo e fazendo pesquisas sobre o lugar das mulheres na sociedade, ou seja, ainda são necessários os debates sobre a igualdade de gênero. É neste sentido que podemos afirmar que “[...] as mulheres lutaram contra formas de opressão e dominação diferentes das dos homens, e a luta delas, até hoje, encontra-se mais atrasada em relação à dos homens” (Lerner, 2019, p. 292).

Nesta seção da dissertação, trazemos alguns estudos que tratam das questões feministas, da história das mulheres na sociedade, do comportamento dos indivíduos, a partir das discussões a respeito dos gêneros, e do que é definido dentro da sociedade contemporânea. Iremos tratar de alguns conceitos trazidos pelos autores que contribuem para o debate sobre o papel das mulheres como ser social, que busca seu poder de fala e sua posição na sociedade.

É interessante ressaltar que as teorias aqui abordadas foram importantes para a compreensão do fenômeno estudado. Para tanto, nos próximos tópicos, discutiremos as teorias feministas que tratam da questão de gênero. Iniciaremos com a teoria de Simone de Beauvoir, que discorre sobre o gênero como um produto de cultura e de socialização analisando a função das mulheres no meio social. Outro pensamento que abordaremos é a teoria de Judith Butler, que discute a performatividade de gênero. Por fim, trazemos a teoria de Michelle Perrot, que apresenta a história das mulheres e seu papel na sociedade. Todas as autoras trouxeram uma visão de como as mulheres estão colocadas nesta sociedade, ampliando e contribuindo para a discussão desta pesquisa.

3.1 GÊNERO: UM PRODUTO DE CULTURA E DE SOCIALIZAÇÃO

O papel tradicional das mulheres na sociedade e as influências que moldam sua identidade feminina é discutido pela filósofa existencialista, escritora e feminista francesa Simone de Beauvoir, em seu livro *O segundo sexo II*. A autora analisa a situação das mulheres e mostra a utilização do conceito feminino dependente do conceito masculino, ou seja, a visibilidade e o que é ser mulher através do olhar do homem. Em seu trabalho, Beauvoir (1967) argumenta que as meninas são educadas desde cedo de forma diferente dos meninos, moldando-as socialmente e conduzindo-as às atividades domésticas e ao casamento: “Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento que ainda as subordina

praticamente ao homem; o prestígio viril está longe de se ter apagado: assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais” (Beauvoir, 1967, p. 7). Desta forma, cria-se um sistema em que as mulheres são associadas a um papel submisso em relação ao homem, subjugada pelo seu valor sexual. É interessante quando a autora ressalta que "ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (Beauvoir, 1967, p. 9), por isso, entendemos que, segundo sua análise, uma pessoa se torna homem ou mulher por meio de uma intervenção social, de acordo com os costumes e hábitos e não a partir da questão biológica:

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro* (Beauvoir, 1967, p. 9).

Nesta perspectiva, a autora discute que o ser humano percebe e compreende o mundo através das partes do seu corpo, inclusive as partes sexuais, ou seja, ao nascer, o menino ou a menina começam a descobrir as sensações através de estímulos, porém, os órgãos sexuais ainda não têm tal significado. Isso os tornam iguais perante a sociedade e que, por este motivo, a definição que a sociedade impõe é originária das convenções e conceitos preestabelecidos por ela mesma. Neste sentido,

Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo. O drama do nascimento, o da desmama desenvolvem-se da mesma maneira para as crianças dos dois sexos; têm elas os mesmos interesses, os mesmos prazeres; [...] (Beauvoir, 1967, p. 9).

Beauvoir (1967) faz uma análise sobre o comportamento da sociedade desde o nascimento de uma criança. A autora aborda que em certo momento na educação das meninas, elas recebem alguns privilégios quando estão no segundo desmame, diferentemente dos meninos, pelo fato de terem o direito de chorar, de serem meigas e frágeis. Já aos meninos, dizem que os homens não choram nem pedem beijos, porém, suas vantagens e prevalências acontecem com a valorização, por parte da sociedade, do seu falo, demonstrando à criança o privilégio e a superioridade por ser menino biologicamente falando: “[...] insuflam-lhe o orgulho da virilidade; essa noção

abstrata reveste para ele um aspecto concreto: encarna-se no pênis; não é espontaneamente que sente orgulho de seu pequeno sexo indolente; sente-o através da atitude dos que o cercam” (Beauvoir, 1967, p. 13). Já em relação às meninas, a autora diz que: “Nem mães nem amas têm reverência e ternura por suas partes genitais; não chamam a atenção para esse órgão secreto de que só se vê o invólucro e não se deixa pegar; em certo sentido, a menina não tem sexo” (Beauvoir, 1967, p. 14).

A partir do pensamento da autora, podemos compreender que, desde o conhecimento do sexo, já se visualiza diferenças e benefícios concedidos aos homens em detrimento da “fragilidade” e da dependência das mulheres. Isso levou ao surgimento de desigualdades em vários aspectos dentro da sociedade contemporânea, devido ao que se pré-estabelece e se entende sobre o papel e a função do homem e da mulher em diversos setores sociais. Um aspecto interessante e que merece destaque é que, embora a sociedade oculte a sexualidade da menina, ao contrário do orgulho que demonstra pelo órgão genital do menino, as meninas não se apropriam do seu sexo, mas socialmente elas são sexualizadas desde a infância.

Podemos perceber que, ao longo da história e desde a sua infância, as mulheres recebem da sociedade papéis específicos e, conseqüentemente, são vistas como inferiores aos homens, sendo vinculadas apenas à função reprodutiva:

Socialmente, o homem é um indivíduo autônomo e completo; ele é encarado antes de tudo como produtor e sua existência justifica-se pelo trabalho que fornece à coletividade. Vimos por que razões o papel de reprodutora e doméstica em que se confinou a mulher não lhe assegurou igual dignidade (Beauvoir, 1967, p. 166).

De acordo com a autora, “mulher está votada à perpetuação da espécie e à manutenção do lar” (Beauvoir, 1967, p. 169). Desta forma, há uma imposição social às mulheres, no sentido de que, elas são encarregadas de manter a reprodução humana e as tarefas domésticas, pois “as mulheres nunca constituíram uma sociedade autônoma e fechada; estão integradas na coletividade governada pelos homens e na qual ocupam um lugar de subordinadas” (Beauvoir, 1967, p. 363). Na sociedade atual, essas imposições estão cada vez mais modificadas, pois, com os estudos e pesquisas, muitas mulheres estão mais conscientes do papel que querem desempenhar socialmente. Neste sentido, a autora alega que as mulheres precisam superar esses conceitos, lutar para mudar sua identidade e, com isso, se libertar das funções impostas pela sociedade.

A relação entre as mulheres, o espaço público e o trabalho remunerado também é debatida por Simone de Beauvoir (1967). A escritora sustenta que a noção de que as mulheres são as principais responsáveis pelo cuidado da casa e da família, ao passo que os homens são os encarregados do trabalho remunerado, é uma construção social, que tem sido empregada para manter as mulheres em uma posição em que elas não possam escolher uma função diferente das regras sociais, o que pode ocasionar uma visão de inferioridade.

Entretanto, é importante entender que o que se discute é a autonomia da figura feminina, ou seja, a oportunidade de escolha de uma profissão, como, por exemplo, regente de banda, e de ter o direito de fala diante de uma excludente estrutura social. Ao mesmo tempo em que as mulheres conseguem a liberdade de escolha, sofrem com a pressão social em exercer o seu papel primordial já definido pelo sistema estrutural da família e da sociedade, que é casar e ter filhos. De acordo com a autora, é imprescindível que as mulheres aprendam a trabalhar fora de casa, para adquirir autonomia financeira e explorar novas perspectivas em suas vidas. A partir do momento em que as mulheres se lançam no universo público e do trabalho, começam a criar uma história diferente para si, pois “Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta” (Beauvoir, 1967, p. 449).

No entanto, ao passo que as mulheres se tornam autônomas e se inserem no mercado de trabalho, se veem explorada por, ao mesmo tempo, continuar desempenhando as funções domésticas de antes: “Sem dúvida, pois elas só conseguem a independência econômica no meio de uma classe economicamente oprimida; e por outro lado as tarefas realizadas na fábrica não as dispensam dos cuidados do lar” (Beauvoir, 1967, p. 450). Essa situação nos faz entender que, apesar das constantes transformações no campo de trabalho e de aceitação das mulheres nos diversos segmentos sociais, há sempre a imposição do real papel feminino na construção da sociedade: “Por outro lado, a estrutura social não foi profundamente modificada pela evolução da condição feminina; este mundo, que sempre pertenceu aos homens, conserva ainda a forma que eles lhe imprimiram” (Beauvoir, 1967, p. 450).

É interessante observar que a sociedade desenvolve um olhar diferenciado com relação às mulheres que alcançaram sua autonomia financeira, pois,

A mulher que se liberta economicamente do homem nem por isso

alcança uma situação moral, social e psicológica idêntica à do homem. A maneira por que se empenha em sua profissão e a ela se dedica depende do contexto constituído pela forma global de sua vida. Ora, quando inicia sua vida de adulto, ela não tem atrás de si o mesmo passado de um rapaz; não é considerada de maneira idêntica pela sociedade; o universo apresenta-se a ela dentro de uma perspectiva diferente. O fato de ser uma mulher coloca hoje problemas singulares perante um ser humano autônomo (Beauvoir, 1967, p. 451-452).

Nesta perspectiva, podemos trazer esse entendimento para o campo da regência feminina nas bandas marciais escolares. Por mais que as regentes sejam capacitadas, possuam formação na área e se dediquem à sua função e às atividades atribuídas ao seu cargo dentro da escola, a sociedade enxerga de forma distinta a presença feminina nesta posição profissional. Isso se dá por questões historicamente estabelecidas e enraizadas, que tornam as mulheres impróprias para o cargo, pois é exatamente como a autora menciona em seu livro, o mundo do trabalho é diferente para elas, pelo fato das concepções sociais que estão empregadas no passado das mulheres. Por se tratar de uma função conduzida pelos regentes e de que as mulheres devem ser professoras do ensino infantil, por desempenharem o papel maternal, a regência de bandas marciais escolares se torna um assunto para homens.

A teoria de Beauvoir nos trouxe grandes reflexões sobre o tema desta dissertação, pois nos fez compreender a concepção que a sociedade tem em relação às várias etapas da vida das meninas e dos meninos, desde o nascimento até a fase adulta. No próximo tópico, procuramos trazer a discussão deste objeto de estudo à luz da teoria de Judith Butler.

3.2 PERFORMATIVIDADE DO GÊNERO

Neste tópico, discutiremos a teoria da performatividade e a teoria Queer da filósofa e feminista estadunidense Judith Butler. A escritora sustenta que o gênero é uma criação cultural, e não algo que surge ou é inerente ao ser humano. Ela reviu a ideia de que o gênero é adquirido e representa uma ação cultural que pode ser reconfigurada. O gênero, de acordo com a autora, não é um reflexo do sexo, mas uma interpretação criada em um sistema social. Segundo Butler (2018)¹⁷, a função do gênero na sociedade é frequentemente punitiva, uma vez que a interação entre diferentes gêneros é o que "humaniza" as pessoas, resultando na punição daqueles que não se adequam aos padrões estabelecidos:

¹⁷ A primeira edição foi publicada em 1990.

Haverá humanos que não tenham um gênero desde sempre? A marca do gênero parece “qualificar” os corpos como corpos humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta “menino ou menina?” é respondida. As imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano, especificamente a rigor o do desumanizado e domínio do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece (Butler, 2018, s/p).

A autora defende o conceito de "performatividade de gênero", que consiste na ideia de que o gênero não é algo inato ou natural, mas é construído através de práticas discursivas e performáticas que reiteram as normas sociais de gênero existentes. A partir desse conceito, Butler (2018) argumenta que as identidades de gênero são instáveis e fluidas, e que elas não dependem, necessariamente, do sexo biológico de uma pessoa.

A autora discute que, ao longo do tempo, a posição das mulheres na sociedade é influenciada por sistemas de significado que as classificam como "femininas" dentro de um contexto cultural opressor e que as mulheres devem assumir a posição do sujeito falante autorizado, para romper as categorias de sexo e o sistema da heterossexualidade compulsória (Butler, 2018, s/p).

Logo, Butler (2018) cria sua teoria Queer quando aborda a teoria de gêneros que contempla as questões feministas e os direitos dos homossexuais. O termo Queer se refere àquelas pessoas que não seguem o padrão da heterossexualidade, são consideradas como pessoas que estão fora das normas estabelecidas, pois, para a sociedade, todos, ao nascer, se enquadram dentro do binarismo, homem ou mulher, e que, portanto, precisam seguir as regras e os comportamentos definidos e adequados para o masculino ou feminino.

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória (Butler, 2018, s/p).

A autora nos faz entender que, a ideia de masculino e feminino são construídas pela sociedade, através do caráter performativo imposto pela noção do binarismo, que estrutura a vida social. Isso leva à concepção de heterossexualidade, em que tudo é compreendido com base no que é definido para homens e para

mulheres.

Toda essa compreensão recai dentro da heteronormatividade, a qual é vista como a forma correta de viver dentro da sociedade. Nesta perspectiva, a criança, ao nascer, homem ou mulher, já é compreendida como tal. Logo, as pessoas já preparam o ambiente para recebê-la e, desta forma, a guiam seguindo os padrões preexistentes. Assim, a menina precisa se comportar diferente do menino, brincar com bonecas e é proibida de brincar com carrinhos. O menino não pode, em hipótese alguma, brincar com bonecas e, sim, com carros, pois a sociedade está nesse compartimento, espaço e modo de enxergar os papéis das pessoas.

É a partir dessa estrutura heteronormativa, que a autora cita a performatividade de gênero, ou seja, as mulheres estão acostumadas a representar um papel que foi atribuído a elas, a viverem uma performance de gênero criada para que se adequassem dentro da sociedade. Desta forma, as pessoas se comportam não como elas realmente querem se comportar, não seguem a naturalidade de suas escolhas ou vontades e, sim, uma forma colocada pela estrutura social desde sua infância.

A binaridade é compreendida como algo essencial para manter essa estrutura de sociedade vigente. Para Butler (2018), o que é ser masculino ou feminino, o que se espera de um comportamento de um homem ou de uma mulher, são questões construídas pela sociedade, pois ninguém nasce sabendo como tem de se comportar dentro das regras sociais, mas a sociedade começa a criar o menino de uma maneira e a menina de outra para que eles performem esse gênero no meio social. É neste ponto que percebemos as problemáticas em torno dessa estrutura de performance, pois, geralmente as mulheres são mais reprimidas e os homens têm mais liberdade. A autora explica que essa performatividade não é a essência do ser humano, é uma construção social. Seguindo a perspectiva de Butler (2018), o gênero é uma performance que pune aqueles que não se comportam nem desenvolvem atitudes e atividades relacionadas ao seu gênero.

Portanto, como estratégia de sobrevivência em sistemas compulsórios, o gênero é uma performance com consequências claramente punitivas. Os gêneros distintos são parte do que “humaniza” os indivíduos na cultura contemporânea; de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero (Butler, 2018, s/p).

Podemos, então, pensar sobre as regentes de bandas marciais que são, ainda, vistas

como mulheres que exercem função definida para homens.

Sobre a dominação masculina, a autora argumenta que é construída discursivamente e por meio de práticas socialmente reguladoras, tanto no nível individual quanto no nível cultural e institucional. Butler (2018) sugere que a linguagem é central nesse processo, já que é através dela que as normas de gênero são produzidas e reiteradas, e que oprimem e marginalizam as mulheres que não podem assumir a posição de sujeito falante dentro do sistema da heterossexualidade compulsória. Além disso, ela aponta que as práticas performativas de gênero são governadas por um conjunto de normas, que são produzidas e mantidas por regimes de poder que estão enraizados em estruturas sociais mais amplas.

As reflexões e discussão sobre a teoria de Butler contribuiu para este estudo no sentido de nos fazer compreender como a sociedade vive de forma performativa, construindo uma estrutura social baseada na heterossexualidade, punindo aqueles que não se encaixam nesse mundo idealizado e considerando como “certas” as pessoas que seguem as regras postas a elas. No próximo tópico, iremos abordar a teoria feminista de Michelle Perrot, que discorre sobre o papel feminino no decorrer da história.

3.3 A HISTÓRIA E O SILÊNCIO DAS MULHERES

Neste tópico do referencial teórico, trazemos as contribuições de Perrot (2005; 2007) para fundamentar ainda mais esta pesquisa. A historiadora e professora Michelle Perrot, reconhecida na França e em vários países, é considerada a mestra da história das mulheres e uma das figuras mais célebres sobre as causas feministas e sociais da história da França. No livro intitulado *As mulheres e os silêncios da história* (2005), a autora demonstra interesse constante pela questão das mulheres na história, trazendo uma coleção de artigos variados sobre a situação feminina ao longo dos tempos. Neste trabalho, Perrot (2005), retrata a história das mulheres no século XIX na França e analisa tanto a estrutura sociocultural enraizada, que subjuga e silencia as mulheres ao longo do tempo, quanto o movimento feminino em busca de sair da esfera privada e ingressar com mais força na esfera pública e na sociedade em geral.

Durante toda a história das mulheres, discutida nos textos analisados, percebemos que o sistema patriarcal persiste na sociedade, oprimindo e ditando as regras a serem seguidas: “O silêncio é o comum das mulheres. Ele convém à sua

posição secundária e subordinada” (Perrot, 2005, p. 9). O silêncio das mulheres as eliminou da história, contribuindo para sua exclusão em muitos cargos e posições dentro da sociedade: “Silêncio nas assembleias políticas povoadas de homens que as tomam de assalto com sua eloquência masculina” (Perrot, 2005, p. 10). Quanto mais as mulheres silenciam e aceitam de forma pacífica as imposições feitas por um sistema patriarcal, mais à margem da sociedade elas ficam:

[...] grosso modo, o mundo público, sobretudo econômico e político, é destinado aos homens e é o mundo que conta. Esta definição dos papéis, clara e voluntarista, traduziu-se por uma retirada das mulheres de certos locais: a Bolsa, o Banco, os grandes mercados de negócios, o Parlamento, os clubes, círculos e cafés, grandes locais de sociabilidade masculina, e até mesmo as bibliotecas públicas (Perrot, 2005, p. 34).

Neste entendimento, o único espaço permitido às mulheres era o seu ambiente familiar e as igrejas, o que ocasionava um mundo interior, onde as mulheres escreviam suas paixões, ilusões, sonhos, desejos, gostos e ideias nos seus diários secretos. Por medo de ironias e de serem incompreendidas, destruíram seus escritos, o que apagou não somente seus textos, mas também seus passos, contribuindo para a perpetuidade do silêncio das mulheres na história (Perrot, 2005). Para a autora, o silêncio, a subserviência e o medo por parte das mulheres fizeram com que contribuíssem para a sua ausência na vida pública e na história da sociedade em geral. Contudo, podemos ver e constatar, de acordo com a história e os movimentos feministas, que as mulheres resistiram e partiram para a luta, reivindicando seus direitos e, a cada dia, é notório sua ascensão nas esferas da sociedade contemporânea, inclusive no mundo político.

Em seu livro *Minha história das mulheres*, Michelle Perrot (2007) aborda aspectos como a maternidade, os corpos subjugados, a religião, o acesso ao saber e o trabalho feminino. Ela reflete sobre as diferentes formas de opressão das mulheres ao longo da história, a luta das feministas por igualdade de direitos e o papel das mulheres na sociedade. É importante notar que a autora aborda esses conceitos com base em suas pesquisas e reflexões acadêmicas sobre o assunto, o que traz uma forte carga de embasamento teórico e histórico para seus argumentos. Ela busca dar voz à história das mulheres, que, tradicionalmente, foram subjugadas, marginalizadas e, frequentemente, excluídas das narrativas históricas. Ao fazer isso, Perrot (2007) busca não apenas explorar a história das mulheres, mas, também, questionar a

natureza das diferenças de gênero e seu efeito na sociedade contemporânea.

Na obra, é ressaltado que as mulheres foram, durante muito tempo, deixadas de fora da história e oprimidas em locais públicos, sendo limitadas ao âmbito privado das famílias e da maternidade. A ausência de visibilidade também era uma característica da estrutura social e política de várias culturas, que consideravam a marginalização das mulheres como fundamental para a manutenção da ordem na sociedade. Assim, o livro busca resgatar a trajetória das mulheres e amplificar a voz feminina. É interessante e importante ressaltar que a falta de visibilidade das mulheres, apontada pela autora, traz a discussão sobre o olhar masculino em diversos assuntos, inclusive sobre as mulheres, o que elas representam ou como devem se comportar. Ela afirma:

Em compensação existe uma abundância, e mesmo um excesso, de discursos sobre as mulheres; avalanche de imagens, literárias ou plásticas, na maioria das vezes obra dos homens, mas ignora-se quase sempre o que as mulheres pensavam a respeito, como elas as viam ou sentiam (Perrot, 2007, p. 22).

Nesta perspectiva, podemos trazer o debate a respeito da visibilidade da figura feminina com relação às bandas marciais, o que elas pensam, sentem ou como regem e ensinam seus alunos. Quando se fala ou pensa em banda marcial logo vem à mente o entendimento de que a liderança do grupo está na figura masculina. Assim, é muito comum observarmos trabalhos sobre o ensino de música na banda X do maestro Y, ou seja, relatos sobre o que é banda ou como se ensina música pelo olhar masculino. O olhar feminino sobre o ensino de música e regência na banda marcial é pouco explorado, pois isso haver poucos trabalhos que mostram a visão das mulheres e como elas podem exercer este cargo.

É importante começar a olhar o mundo das bandas marciais pela visão das mulheres, das regentes, que são poucas, mas que já se fazem presentes. Desta forma, o silêncio e a invisibilidade das mulheres que Perrot (2005 e 2007) chama a atenção, será cada vez menor na sociedade atual. Contudo, o preconceito não acontece apenas no mundo da regência, mas, também, com relação à carreira de música como instrumentista e compositora. Perrot (2007) aborda alguns casos em que mulheres foram discriminadas por serem mulheres e não terem aptidão para a música:

A mãe de Mme. Roiand recusava-se a fazer de sua filha uma virtuose

porque "queria, acima de tudo, que eu gostasse dos deveres de meu sexo e que fosse mulher do lar, mãe de família", escreve ela em suas *Mémoires*. O pai de Félix e Fanny Mendelssohn, igualmente dotados, escreve a esta última, em 1820, a respeito da música: "É possível que, para ele, a música venha a ser uma profissão, enquanto, para você, não será mais do que um ornamento" (Perrot, 2007, p. 104).

Infelizmente, a cultura masculina e o preconceito, até mesmo por parte de muitas mulheres, são estruturais e ainda existem nesta sociedade. A autora relata outro fato em que o noivo pede para a noiva abandonar a música porque ficaria absurdo sua esposa competir com ele e que gostaria que ela fosse sua esposa e não sua colega (Perrot, 2007). A autora também cita grandes nomes de mulheres musicistas que foram rapidamente esquecidas no mundo da música por este ser, por muito tempo, um mundo masculinizado. Perrot (2027) ressalta que, "Atualmente, as dificuldades persistem no domínio musical. Há cada vez mais mulheres que são brilhantes intérpretes, não somente como pianistas (Marta Argerich, Hélène Grimaud), mas como violinistas (Anne-Sophie Mutter)" (Perrot, 2007, p. 105).

O preconceito se estende a todas as esferas musicais e, assim, a presença feminina se torna menor nesses espaços ocasionando maiores dificuldades e barreiras que impedem as mulheres de chegar no pódio da regência. Logo, observamos pouquíssimas mulheres com uma batuta guiando músicos na orquestra ou em bandas marciais, como enfatiza a autora: "Mas as compositoras e mesmo as maestrinas são raras; dir-se-ia que as orquestras não gostam de ser dirigidas por uma mulher" (Perrot, 2007, p. 105).

Interessante voltar nossa atenção para a questão de o homem não aceitar ser conduzido por uma regente ou disputar o pódio com uma mulher. Durante os anos que passei como regente, constatei a veracidade do que a autora menciona, principalmente com relação a dividir o espaço e os holofotes do sucesso. Parece ser desconfortável para o homem estar exercendo a mesma função de uma mulher. Podemos citar aqui o filme intitulado "*Antônia*" (*uma sinfonia*) que retrata a história real de Antônia Brico, que lutou contra os preconceitos da sociedade de Nova York nos anos de 1930 para se tornar maestra e a primeira mulher a reger uma orquestra sinfônica. Apesar de tantas negativas e obstáculos, a perseverança dela em se tornar uma regente de orquestra em um mundo marcadamente masculino a fez entrar para a história e abrir portas para todas que desejam alcançar seu lugar de fala e de regência.

Portanto, essas teorias feministas nos fizeram compreender melhor a posição

e o lugar que as mulheres ocupam dentro de uma sociedade contemporânea, pois abordam a história das mulheres e a performatividade do gênero, analisando as condições materiais e sociais que moldam as experiências femininas ao longo do tempo e enfatiza a importância da mudança social gradual, promovida por meio da luta das mulheres por direitos políticos, econômicos e sociais. Contudo, para que as mulheres consigam quebrar essas imposições e molduras sociais é preciso se conhecer, acreditar em sua potencialidade, não silenciar e romper as estruturas do machismo e do preconceito.

Além dessas literaturas feministas, trabalhei, a partir dos estudos do sociólogo Bourdieu, com o conceito de *habitus*, que veremos no próximo tópico. Desta vez, compreendendo como se dão as formas de agir dentro da sociedade à luz deste conceito.

3.4 O CONCEITO DE *HABITUS*

Segundo Bourdieu (2012), o *habitus* é algo que faz a intermediação entre os indivíduos e a sociedade de forma significativa, fazendo com que haja a relação entre o sujeito e a coletividade. O *habitus* se conecta com a maneira de pensar, de agir, de sentir e de como tudo se desenvolverá na estrutura social, ou seja, os indivíduos assimilam esse sistema, concretizando o comportamento e a estrutura social determinada:

Não se pode, portanto, pensar esta forma particular de dominação senão ultrapassando a alternativa da pressão (pelas forças) e do consentimento (às razões), da coerção mecânica e da submissão voluntária, livre, deliberada, ou até mesmo calculada. O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos *habitus* e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma (Bourdieu, 2012, p. 49-50).

O autor argumenta que os esquemas de percepção, avaliação e ação, que são específicos do *habitus*, operam de forma inconsciente, influenciando o comportamento dos indivíduos sem que eles sejam plenamente conscientes disso. Assim, essas estruturas se moldam à maneira como as pessoas percebem seu entorno e se relacionam com ele, muitas vezes, reforçando relações de dominação e

desigualdade, sem que haja uma plena consciência, por parte dos agentes, sobre esses processos.

O *habitus* é uma forma de moldar pensamentos e comportamentos dentro da sociedade e é a partir dessa conduta ou desse molde que os lugares das pessoas vão sendo definidos dentro da estrutura social. É por meio do *habitus* que os seres humanos aprendem a se comportar nos grupos e ambientes sociais. A partir desse entendimento, o autor explica as diferenças e desigualdades existentes entre as pessoas e nas sociedades, ou seja, o *habitus* está envolvido com as interações educacionais, familiares entre outras. Desta forma, é uma estrutura estruturante, ou seja, para Bourdieu (2012), elas se retroalimentam e, por isso, dificilmente se rompe, pois, toda a interiorização do comportamento, da educação, dos gostos etc. se deu desde a infância e do grupo em que a pessoa está inserida. Logo, à luz da teoria de Bourdieu (2012), podemos entender que as mulheres estão inseridas dentro da sociedade com pensamentos e comportamentos moldados e definidos que a fazem ser compreendida como um indivíduo com certas restrições sociais.

Seguindo este pensamento, podemos trazer a discussão sobre as mulheres que regem bandas marciais escolares. Ao entendermos o *habitus* podemos ver, desde as primeiras atividades das bandas militares e marciais, que a sociedade não foi estruturada para conceber as mulheres como professoras e regentes de uma corporação musical. Segundo o conceito de *habitus*, elas estão moldadas a serem pessoas frágeis e que desenvolvem atividades ditas femininas, como a costura, as atividades do lar e como professora do ensino infantil. Essas são regras e posturas definidas pelo *habitus* e que tornam mais evidentes as diferenças entre o papel masculino e feminino, na sociedade contemporânea.

A divisão entre os sexos é vista como uma realidade tão natural que se apresenta como ocorrida, manifestando-se em diversas instâncias, como na organização dos espaços (por exemplo, na casa, onde as partes são "sexuadas") e nos corpos das pessoas. Essa divisão opera por meio de sistemas de percepção, pensamento e ação incorporados no *habitus* dos indivíduos, moldando, assim, a maneira como os gêneros são entendidos e vividos na sociedade (Bourdieu, 2012, p. 17). Portanto, compreende-se que, por meio de todo o sistema e processos incorporados, as pessoas são classificadas e, a partir dessa classificação, se comportam da forma como se espera dentro da estrutura social construída.

A estabilidade dos *habitus* que emergem desse processo é um dos fatores cruciais que contribui para a persistência da estrutura da divisão sexual do trabalho.

Essa constância reflete como as disposições e práticas sociais se mantêm ao longo do tempo, reforçando as desigualdades de gênero (Bourdieu, 2012, p. 114). Para o autor, a identidade social em relação ao gênero é resultado de um esforço social de nomeação e inculcação. Após esse processo, as distinções de gênero, que são claramente reconhecidas na sociedade, se inscrevem na natureza biológica e se transformam em *habitus*, ou seja, em leis sociais internalizadas que moldam comportamentos e percepções (Bourdieu, 2012, p. 63-64).

Nesta perspectiva, na sociedade há regras estruturadas (*habitus*) para que cada pessoa tenha um comportamento para viver de acordo com o que acreditam ser o certo e o moral. A partir desse pensamento e dessa construção de sociedade, as pessoas vão se moldando de acordo com o que é imposto a elas, seja na escola, na igreja ou na família.

Neste tópico, procuramos refletir o conceito de *habitus*, para compreender a concepção e o comportamento das pessoas que as levam a ser identificadas e diferenciadas a partir do entendimento e das regras estruturantes e, desse modo, relacionar com o tema desta pesquisa. Além de buscar uma visão geral do processo de construção social baseado nos moldes comportamentais dos indivíduos que formam a sociedade contemporânea, a partir do entendimento de Bourdieu (2012).

Portanto, as discussões e reflexões sobre as teorias de Beauvoir (1967), de Butler (2018), Perrot (2005; 2007) e do conceito de *habitus* de Bourdieu (2012), auxiliaram para a fundamentação desta pesquisa, reflexão e compreensão dos temas feministas. Esses tais estudos e o conceito de *habitus* são importantes para a teoria feminista e para o campo da pesquisa social, além de trazer uma ampla visão a respeito desses debates para o entendimento do objeto aqui estudado. Nessa perspectiva, essa dissertação dialoga com esses princípios teóricos.

3.5 HARMONIA E DESIGUALDADE: A EDUCAÇÃO MUSICAL E A REGÊNCIA DE BANDA MARCIAL À LUZ DAS TEORIAS DE GÊNERO E DE *HABITUS*

Ao imergirmos neste campo das bandas marciais, percebemos que as mulheres buscam uma posição dentro desses grupos e pudemos compreender que apesar de muitas transformações em tal segmento musical escolar, ainda são visíveis os resquícios de uma estrutura social em que as mulheres eram silenciadas, moldadas e educadas para seguir determinada função. Quando se estuda sobre as questões de gênero, é importante entender que o preconceito e a discriminação ainda residem na

mente de muitas pessoas e que, apesar das lutas e das conquistas neste sentido, há obstáculos e barreiras a serem vencidas.

A regência de bandas marciais é uma função, como vimos na revisão de literatura, que requer várias habilidades e que, desde sua origem, é desempenhada por homens. Uma profissão que requer conhecimento específico musical, pedagógico, certa autoridade e pulso firme para conduzir a corporação. Esses requisitos, para algumas pessoas, só cabem ao homem, principalmente no que diz respeito ao pulso firme e, nesta perspectiva, as mulheres ao se inserirem nesta função, fogem à regra da sociedade, pois, segundo Bourdieu (2012), o corpo social já é moldado de acordo com o *habitus*.

Neste sentido, a forma de pensar e de entender o lugar das mulheres dentro de uma estrutura social já está assimilada e delineada, firmando o comportamento e a função feminina, assim, compreendemos que é uma cultura que persiste. Embora vivenciemos algumas transformações, a educação musical em bandas é mais aceitável para homens, ocorrendo uma divisão de trabalho entre o homem e a mulher.

Nesta perspectiva, Perrot (2005; 2007) discute justamente o silêncio das mulheres, pois a divisão de trabalho e o preconceito em ter mulheres nas diversas funções profissionais são questões estruturais de formação de uma sociedade. Logo, as mulheres, ao serem silenciadas durante um bom período da história e escondidas por trás de uma visão masculina, o que ocorre na regência de bandas marciais escolares, ficaram à margem da regência de tais grupos musicais. Frequentemente, elas são imperceptíveis e seu papel na sociedade é constantemente orientado ao silêncio (Perrot, 2007).

Quando as mulheres rompem as barreiras estruturais e passam a exercer um papel diferente do performativo imposto a elas, como discute Butler (2018), elas são punidas com comentários preconceituosos e discriminatórios por não desempenharem a atribuição que performam o gênero feminino. Como ficou bem claro e exposto mundialmente em uma das falas do Maestro Bruno Mantovani que, na ocasião, era diretor do Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Paris,

Às vezes, há também uma restrição fisiológica... hum... a profissão de maestro é uma profissão que é particularmente desafiadora fisicamente; às vezes, as mulheres são desencorajadas pelo aspecto físico: reger, pegar um avião, pegar outro avião, reger novamente... é bastante desafiador...¹⁸ (Mantovani, 2013, em entrevista à rádio

¹⁸ Trecho da entrevista do Maestro Bruno Mantovani postada neste site: <https://www.chrisswithinbank.net/2013/10/bruno-mantovani-female-conductors/>. Acesso em: 03 jan.

FranceMusique).

Neste sentido, o maestro insinua que as mulheres não são capazes de estarem nessa profissão devido à sua condição física e demonstra uma exclusão, evidenciando as concepções de um sistema que oprime e lança as mulheres ao silêncio e à margem do campo profissional de regente, o que remonta à perspectiva de Beauvoir, de que a mulher foi concebida para ser o segundo sexo (Beauvoir, 1967), o outro a partir do sexo masculino. Diante disso, as mulheres são vistas com olhar de estranhamento ao estarem regendo uma banda marcial escolar, pois o lugar que “deveriam” estar seria em casa com os filhos ou em uma profissão “adequada” para elas.

Portanto, a luta e as discussões no campo da pesquisa são de suma importância para que esse cenário, em que pouquíssimas mulheres atuam como regentes, possa, cada vez mais, ser transformado e aceito de forma concreta. Sem surpresas, distinção, marginalização, e/ou intolerância.

4 TRAJETÓRIAS METODOLÓGICAS

4.1 A PESQUISA QUALITATIVA

A atual pesquisa traz a discussão sobre as mulheres que estão atuando como regentes de bandas marciais e, a partir dos textos abordados e analisados, podemos perceber que, neste cargo, ainda há poucas mulheres, ou seja, a presença feminina é inferior desde a origem desta profissão. É a partir deste entendimento que se faz necessário debater a representatividade feminina neste campo de trabalho, utilizando processos metodológicos para contemplar os seguintes objetivos específicos: caracterizar a função de regente de banda marcial escolar; identificar a metodologia de ensino implementada pela regente para a formação da banda; caracterizar os espaços de aula e ensaios utilizados pela regente para a realização das práticas musicais com a banda marcial e analisar a concepção da regente com relação à função que exerce.

Seguindo esta perspectiva, a presente dissertação se caracterizou como uma pesquisa qualitativa e buscou compreender o objeto de estudo interativo e interpretativo por meio de alguns procedimentos metodológicos. Assim, temos que

Nesse posicionamento teórico, a vida humana é vista como uma atividade interativa e interpretativa, realizada pelo contato das pessoas. Os procedimentos metodológicos, então, são do tipo etnográfico, como por exemplo: observação participante, entrevista, história de vida, dentre outros (Guerra, 2014, p. 10).

Portanto, este trabalho teve a abordagem qualitativa, pois procurou compreender o fenômeno estudado a partir da regente em seu ambiente de trabalho, observando o contexto social em que vive, sua história de vida musical, interpretando as ações e o comportamento a partir das próprias concepções do sujeito que está participando da pesquisa (Guerra, 2014, p. 11). Com isso, este estudo investigou o processo de ensino e regência na banda marcial escolar regida pela participante, para entender como as mulheres desenvolvem uma profissão historicamente masculina dentro da sociedade contemporânea, a partir das respostas obtidas de cada objetivo específico. Outra característica é o fato de a pesquisa qualitativa ser,

[...] flexível em termos de seu desenvolvimento. O pesquisador qualitativo está aberto para realizar mudanças estratégicas ao longo do processo de pesquisa, sem descaracterizar aquilo que vinha trabalhando. Trata-se de flexibilidade com a intenção de aproveitar

elementos importantes que são revelados ao longo do processo e que não poderiam ser vistos antes do início da pesquisa e da imersão do pesquisador nos trabalhos de campo (Figueiredo, 2010, p. 165).

O profissional coleta as informações acompanhando de perto cada etapa da investigação, podendo usar a flexibilidade para entender os dados de maneira mais eficaz. Posteriormente, cruza as informações ao analisar os registros, procurando compreender, de forma completa, o tema em estudo. Assim, o pesquisador pode utilizar essa característica da pesquisa qualitativa para ter maior liberdade e, dependendo do caso, realizar mudanças no decorrer do seu trabalho.

Empregamos a pesquisa qualitativa para interpretar, com base na história de vida musical da regente de banda marcial escolar, como as regentes de banda marcial escolar na cidade de João Pessoa desenvolvem suas atividades profissionais neste campo de atuação predominantemente masculino? Nesta perspectiva, adotamos, para cada objetivo específico, alguns procedimentos metodológicos. Para caracterizar a função de regente de banda marcial escolar, usamos a pesquisa bibliográfica e a entrevista semiestruturada. As observações serviram para identificar a metodologia de ensino implementada pela regente para a formação da banda como, também, foi importante para caracterizar os espaços de aula e ensaios utilizados para a realização das práticas musicais com a banda marcial. As entrevistas narrativas e semiestruturadas contribuíram para analisar a concepção da regente com relação à função que exerce.

Levando em consideração esse conceito de estudo qualitativo, ingressamos no contexto das bandas marciais escolares, buscando obter uma visão geral desse segmento musical coordenado e regido por uma mulher.

4.2 A ESCOLHA DA PARTICIPANTE

É importante compreender que há alguns critérios para a seleção dos participantes da pesquisa. A partir do contexto das bandas marciais escolares, adotamos os seguintes requisitos para a escolha das entrevistadas.

A pesquisa foi realizada na cidade de João Pessoa por ter um projeto de bandas marciais que abrange quase a totalidade das escolas do município e por ser a cidade em que a pesquisadora reside. De acordo com o objetivo geral da pesquisa já citado, foi preciso definirmos os seguintes critérios para a escolha das entrevistadas: a participante precisava ser mulher cisgênero, estar atuando como regente de banda

marcial escolar e querer participar da pesquisa.

Para tanto, entrei em contato com o coordenador de bandas do município de João Pessoa, no dia 17 de abril de 2023, pois tinha o número de telefone dele desde quando participei do projeto como regente de banda marcial, para saber quantas mulheres estavam inseridas no projeto de bandas da cidade, trabalhando com banda e no pódio da regência. Deste modo, a participação do coordenador de bandas da cidade de João Pessoa foi de muita importância, no que diz respeito às informações cedidas sobre a participação das mulheres no contexto aqui abordado.

O coordenador relatou que apenas três mulheres estavam à frente das bandas escolares. Diante disso, tínhamos essa quantidade de participantes para fazer parte deste estudo. Imediatamente, solicitei ao coordenador o contato das regentes para saber se elas gostariam de contribuir com esta pesquisa. Inicialmente, duas aceitaram, a terceira não retornou as mensagens. Contudo, uma das regentes que tinha aceitado participar saiu do projeto, mas continuava desempenhando a função em outra instituição. A outra regente que permanecia no projeto do município de João Pessoa e que tinha aceitado colaborar, não respondia mais às mensagens nem atendia às ligações.

Por esta razão, a pesquisa foi realizada com a colaboração da regente que não atuava no projeto municipal, mas que estava exercendo a função em outra rede de ensino, pois ela preenchia os requisitos necessários para a concretização desta dissertação e demonstrou interesse pelo estudo. Com a definição da participante deste trabalho, partimos para as outras etapas da pesquisa em questão.

4.2.1 Sobre a regente entrevistada

O primeiro contato com a regente se deu através do aplicativo *WhatsApp*, no dia 23 de abril de 2023, expliquei sobre a pesquisa e que se tratava de uma dissertação que aborda a figura da mulher na regência de bandas marciais escolares. Perguntei se ela estaria disponível e se tinha interesse em contribuir com o estudo. No mesmo instante, ela respondeu a mensagem e disse que participaria com maior prazer e satisfação por se tratar de um tema pouco discutido.

Após essa primeira conversa, entrei novamente em contato somente no dia 13 de julho de 2023, devido estar nas primeiras etapas do curso de Mestrado, que eram as disciplinas e a busca por trabalhos que abordassem esse assunto. Neste dia, conversamos um pouco e obtive informações básicas sobre a formação profissional

dela e a receptividade da participante sempre foi muito positiva. Nestas conversas, a participante ainda estava como regente em uma escola da prefeitura.

Ao estabelecer o terceiro contato, no dia 31 de janeiro de 2024, ela me informou que não era mais regente pela prefeitura, mas estava em outra instituição, porém, o interesse em participar da pesquisa continuou sem nenhum obstáculo nem dificuldades. No dia 19 de fevereiro de 2024, conversamos sobre alguns detalhes para realizarmos a primeira observação na escola, que aconteceu no dia 9 de março de 2024. Desde então, mantivemos contato, ela sempre muito solícita, para que conseguíssemos concretizar as observações e as entrevistas para a conclusão deste trabalho.

A regente é identificada pelo nome de Senhora Régis, um nome fictício definido por ela. A Senhora Régis estava cursando o bacharelado em regência na Universidade Federal da Paraíba no período desta pesquisa. Antes de começar seus estudos e de trilhar os caminhos da música, a participante trabalhava no comércio. Iniciou no contexto musical sem ter aulas particulares e sem acesso a alguma escola de música, aprendia através da escuta e obteve apenas umas orientações de um amigo, que a iniciou na prática do trombone, mas seu instrumento musical atualmente é o trompete. Além de tocar o trompete e o trombone, a regente tem conhecimento em outros instrumentos musicais como saxofone, tuba e bombardino. Ingressou em uma banda de forró e fez parte de uma banda de frevo formada só por mulheres em outro estado.

Sua primeira participação como regente à frente de uma banda foi em outra cidade, perto de João Pessoa, em uma banda de corneta lisa e percussão, que fazia parte do projeto intitulado “Mais Educação” e, ao mesmo tempo, continuava trabalhando no comércio. Depois de dois anos liderando essa banda, ingressou, por meio de um processo seletivo, no projeto de bandas no município de João Pessoa no ano de 2010 e passou 4 anos regendo uma banda marcial. Foi transferida para exercer um cargo no qual fazia reparos e concertos de instrumentos e ficou distante da regência durante 5 anos. Após esse período, retornou ao cargo de regente de banda marcial escolar. A Senhora Régis é solteira, tem duas filhas e, atualmente, como dito anteriormente, não faz parte do quadro de regentes do projeto de bandas do município, mas está à frente de uma banda marcial em outra instituição de ensino.

4.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

As informações obtidas nesta pesquisa foram alcançadas a partir das observações feitas nos ambientes onde a banda marcial e a regente desenvolvem o trabalho musical, ou seja, nos momentos de ensaio, aulas e apresentações. Outra forma de coletar dados para a pesquisa foram as entrevistas narrativas e semiestruturadas realizadas com a participante, em que ela nos relatou pontos importantes que contribuíram para o desenvolvimento deste estudo.

Contudo, se faz necessário abordar a ética na pesquisa, pois, para que o estudo seja desenvolvido e concretizado com o devido respeito e esclarecimentos à participante, é preciso obter o consentimento da pessoa que será entrevistada. As pesquisas que envolvem processos na área de educação são regidas por resoluções a fim de conseguir a participação voluntária na pesquisa, como também o fato de a pesquisa não prejudicar a participante deste estudo.

Desta forma, em princípio, pesquisas sobre processos educativos em qualquer área de conhecimento estão regidas diretamente pela Resolução 510/2016 e, nos pontos que não forem específicos, também pela Resolução 466/2012. Ambas as resoluções sobre ética na pesquisa trazem diretrizes importantes a serem consideradas inclusive pelos pesquisadores iniciantes em educação/educação musical, que estão construindo o seu primeiro projeto com coleta de dados através de observação, ou de entrevistas e questionários. [...] Como norma, destacados pela referida resolução, dois pontos básicos devem conduzir toda e qualquer pesquisa: a participação voluntária e o princípio de não prejudicar os envolvidos. Quanto ao primeiro ponto, por respeito à liberdade individual e à dignidade humana, a participação voluntária pressupõe que todos os participantes devem decidir espontaneamente pela participação ou não na pesquisa, após terem recebido todas as explicações devidas a respeito de seus objetivos e procedimentos (Penna, 2017, p. 166-167).

Seguindo a resolução que preza pela liberdade individual e a participação voluntária da pessoa, esclarecemos e passamos todas as informações necessárias, como os objetivos, métodos e justificativas para a participante, que concordou em contribuir com esta pesquisa. Sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a Resolução 510/2016, no artigo 2º, expõe os termos e as definições.

[...] adotam-se os seguintes termos e definições:[...] consentimento livre e esclarecido: anuência do participante da pesquisa ou de seu representante legal, livre de simulação, fraude, erro ou intimidação, após esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, sua justificativa, seus objetivos, métodos, potenciais benefícios e riscos (Brasil, 2016, p. 2).

Nesta perspectiva, após esclarecermos os aspectos da pesquisa, oferecendo

informações importantes sobre o processo do estudo em questão e esclarecendo todas as suas dúvidas (Brasil, 2016, p. 5), a regente assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que consta no Apêndice C deste trabalho. Assim, seguindo os princípios éticos e com o consentimento da regente participante desta pesquisa, passamos à fase das coletas de dados, iniciando pelas observações já mencionadas anteriormente.

4.3.1 Observações

Nesta fase da pesquisa, foi importante ser cautelosa e, ao mesmo tempo, dispensar um olhar mais atencioso para captar os maiores detalhes que estão em volta do cenário que serve como espaço para o objeto de estudo ser concretizado. Uma das primeiras técnicas de coleta de dados foi a observação, que nos permitiu reunir informações a respeito do fenômeno abordado na investigação. Nesta perspectiva, de acordo com o que as autoras relatam, fomos a campo perceber e fazer anotações sobre o ambiente e as atitudes comportamentais específicas que contribuirão para a compreensão do objeto de estudo aqui abordado:

A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social (Marconi; Lakatos, 2017, n./p).

As observações foram importantes para compreendermos vários pontos desta investigação, nos trazendo informações precisas para que chegássemos à resposta da questão de pesquisa. De acordo com Penna, este meio de coleta de dados se torna relevante para que o estudo se desenvolva com mais clareza e entendimento no campo pedagógico:

Neste campo, a observação é uma técnica de coleta de dados essencial e indispensável quando o problema/questão de pesquisa focaliza a prática pedagógica, que precisa ser analisada a partir de dados coletados por observação direta, não sendo suficiente o depoimento dos envolvidos sobre a prática de que participam. O relato de um professor sobre sua própria prática – recolhido através de uma entrevista ou questionário – revela concepções, intenções, os significados que a prática tem para ele, mas não pode ser tomado pela prática em si (Penna, 2017, p. 128).

As observações foram feitas de acordo com a disponibilidade da regente, bem como a agenda de apresentações da banda. Procuramos fazer este procedimento metodológico durante as aulas teóricas e práticas de instrumentos como também nos ensaios e apresentações da banda marcial regida pela participante.

A seguir, mostramos, no quadro, os dias, os locais, os horários e a duração das observações:

Tabela 2 – Registros de observações (data, local e duração).

DIA/MÊS/ANO	LOCAL	DURAÇÃO
09/03/2024	Escola – Polo I	2 horas
14/08/2024	Escola – Polo I	1 hora e 30 minutos
15/08/2024	Escola – Polo I	1 hora e 30 minutos
17/08/2024	Escola – Polo I	1 hora e 30 minutos
24/08/2024	Escola – Polo I	1 hora e 30 minutos
27/08/2024	Escola – Polo I	1 hora e 30 minutos
31/08/2024	Escola – Polo II	1 hora e 30 minutos
01/09/2024	Bairro de Mangabeira – João Pessoa 1º desfile cívico do ano	1 hora e 45 minutos
14/09/2024	Escola – Polo I	2 horas
15/09/2024	Município de Conde (PB) Desfile cívico	1 hora e 30 minutos
21/09/2024	Escola – Polo I	1 hora e 30 minutos
22/09/2024	Bairro das Indústrias – João Pessoa	2 horas e 30 minutos
04/10/2024	Desfile cívico Escola – Polo I	1 hora e 30 minutos
20/10/2024	Ginásio do colégio CPDAC Bairro Valentina - João Pessoa	45 minutos

Fonte: A autora (2024).

De acordo com o quadro de registros, realizamos 14 observações, que tiveram o intuito de compreender a metodologia de ensino implementada pela professora/regente. Outro aspecto observado foi o ambiente em que aconteciam as aulas, como as salas e o espaço para os ensaios geral, os momentos de apresentação e desfiles nas ruas, além do material didático e instrumental para a formação da banda. Estes aspectos contribuíram para caracterizar o ambiente em que a banda está inserida. As anotações de cada observação realizada foram escritas no diário de campo, pois,

Frequentemente, em estudos exploratórios com viés qualitativo desenvolvidos na antropologia, na psicologia e em outras áreas de conhecimento utiliza-se a escrita de diários de campo como ferramenta metodológica para registro e posterior análise da experiência do(a) pesquisador(a) e dos(as) participantes (Kroef; Gavillon; Ramm, 2020, p. 465).

A observação auxiliou para compreendermos o convívio e interação da regente com os alunos, o ensino-aprendizagem dos componentes da banda, as condições físicas do ambiente em que a entrevistada trabalha e a relação entre a professora e a equipe pedagógica que estava presente nos ensaios e nas aulas, proporcionando o suporte necessário para o desenvolvimento do trabalho da regente. Logo, serviram para entendermos o contexto da corporação musical e as dificuldades provenientes deste cargo enfrentadas pela profissional.

4.3.2 Entrevista narrativa e entrevista semiestruturada

Nesta investigação, além das observações, trabalhamos, também, com entrevistas do tipo narrativa e semiestruturada. Realizamos uma entrevista narrativa que, segundo Flick (2004), é uma forma de ter acesso a vivências e experiências dos entrevistados, ou seja, os participantes da pesquisa se sentem mais livres para se expressar, pois este tipo de entrevista tem como objetivo deixar o entrevistado mais à vontade para contar suas experiências, “[...] as narrativas [...] permitem ao pesquisador abordar o mundo experimental do entrevistado, de modo mais abrangente, com a própria estruturação deste mundo” (Flick, 2004, p. 109).

A entrevista narrativa foi utilizada com o intuito de coletar informações sobre a história de vida musical e profissional da participante desde o primeiro contato com a música até os dias atuais. Esta entrevista serviu para analisar a concepção da regente com relação à função que exerce. Desta forma, foi realizada uma pergunta na qual a entrevistada começou a contar sua trajetória musical. Neste tipo de entrevista, não há um questionário pronto, apenas uma pergunta norteadora. Como esta pesquisa é um aprofundamento do Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Música, como dito anteriormente, elaborei uma pergunta norteadora com adaptações a partir da pergunta realizada no TCC:

Quadro 1 – Pergunta norteadora para a entrevista narrativa.

Por favor, conte a sua relação com a música ao longo de sua vida desde os primeiros contatos com a música. Fale de forma progressiva como a música foi inserida em vários momentos e ambientes da sua vida. Conte como você chegou até esse momento atual de sua formação ou de atuação musical e como você se tornou regente de banda marcial. Fale sobre sua vivência como regente, sua concepção sobre ensino de música, as possíveis dificuldades em relação a este cargo e sua concepção a respeito desta função exercida por mulheres. Você não precisa ter pressa, porque tudo que for importante para você nos interessa.

Fonte: A autora (2024).

Após serem feitas a transcrição e a análise da entrevista narrativa, empregamos outro instrumento de coleta, que foi a entrevista semiestruturada, por percebermos que seriam necessárias informações mais específicas e direcionadas. Essa é uma característica da entrevista semiestruturada, abordar determinados pontos de forma mais precisa. “Uma alternativa para abordagem de mundos individuais de experiência através da abertura permitida pelas entrevistas semiestruturadas é aproveitar, como forma de dados, as narrativas que os entrevistados produzem” (Flick, 2004, p. 109). Assim, partimos para a construção do roteiro da entrevista, o qual está no Apêndice B, visto que esse tipo de coleta, diferentemente da narrativa, utiliza várias perguntas e permite que o pesquisador dialogue com o entrevistado durante a realização da entrevista. Pudemos voltar aos pontos mais relevantes citados pela participante na entrevista narrativa, que contribuiu para caracterizar, juntamente com a revisão de literatura, a função de regente de banda escolar.

4.4 REALIZAÇÃO E TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

As entrevistas foram agendadas com a regente de acordo com sua disponibilidade e realizadas de forma presencial, sendo, no primeiro momento, a entrevista narrativa e, depois, a entrevista semiestruturada. No dia 30 de março de 2024, fizemos a entrevista narrativa no meu apartamento, pois a participante achou por bem ser assim, para evitar barulhos e interrupções, se caso tivéssemos feito em sua casa.

Como já foi citado, a entrevista narrativa possui apenas uma pergunta norteadora e tem a característica de deixar o entrevistado à vontade para narrar sua história de vida, no caso desta pesquisa, sua história de vida musical e profissional. Desta forma, foi desenvolvida a entrevista com a duração de 25 minutos, em que a regente nos relatou seus passos iniciais na música até os dias atuais, de forma livre e

sem interrupções, seguindo, assim, o critério deste tipo de coleta de dados.

A entrevista semiestruturada também foi agendada, sendo realizada no dia 06 de janeiro de 2025 no meu apartamento. Foram abordados alguns aspectos citados na entrevista narrativa, e que precisavam ser aprofundados e trazidos à discussão, para que auxiliassem nas respostas dos objetivos desta pesquisa. Assim, como foi dito antes, essa coleta de dados é baseada na análise da narrativa e, ao mesmo tempo, com o foco nos objetivos elencados para a compreensão deste estudo. A entrevista teve uma duração de 1 hora e 16 minutos, e abrangeu pontos específicos sobre o objeto da pesquisa aqui abordado.

As entrevistas narrativa e semiestruturada foram gravadas no aplicativo gravador de voz contido no celular e transcritas no padrão ortográfico, fazendo adaptações da linguagem falada da regente. Devido às várias demandas dos dois vínculos empregatícios, enviei o áudio da entrevista para uma profissional da área que trabalha com textos acadêmicos e com transcrição. As informações colhidas na entrevista semiestruturada foram precisas e possibilitaram compreender e olhar com mais profundidade para algumas questões específicas que ocorrem nesta área musical. Com esses dados em mãos, pude entrecruzar com os textos e partir para a próxima etapa, ou seja, a análise dos dados da pesquisa.

4.5 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Ao pesquisar sobre as bandas marciais escolares, abordamos uma área de atuação musical em que a presença do homem ainda é considerada maior, e com este estudo, trazemos o olhar para este contexto a partir de uma nova perspectiva, através da visão da regente participante deste trabalho. Isso ajudou a compreender como a entrevistada ensina música e como se dá a prática de regência em sua banda, com base nos procedimentos metodológicos nos itens 4.3.1 e 4.3.2 que adotamos para a realização desta pesquisa.

Nesta perspectiva, a partir das observações, das entrevistas realizadas e dos objetivos, listamos as seguintes categorias, que serão analisadas de acordo com os textos estudados: 1) caracterização da função de regente de banda marcial escolar; 2) formação dos regentes de banda marcial escolar; 3) metodologia de ensino implementada pela participante nos ensaios da banda; 4) relação da regente com a equipe pedagógica e com os outros regentes de banda marcial; 5) interação entre a parte musical e a coreográfica, espaço físico e instrumentos musicais da banda; 6)

interação entre os alunos e a regente; 7) a banda no campeonato; 8) aceitação do público nos ensaios e apresentações em relação à presença das mulheres na regência e, 9) concepção da Senhora Régis em relação à função que exerce.

Na análise das entrevistas, foi observado o que a participante relatou a partir da linguagem oral e escrita. A análise seguiu a perspectiva do contexto interpretativo, aonde voltamos o olhar atencioso para o que foi dito pela regente nas entrevistas. Com esse material em mãos, e considerando o contexto, entrecruzamos os dados obtidos juntamente com as informações contidas nos textos da revisão de literatura e nos referenciais teóricos. Portanto, na próxima seção, apresentaremos a análise e a resposta da nossa questão de pesquisa que permitiu trazer à discussão este tema.

Logo, seguindo essa linha de pesquisa, este estudo se concentrou e buscou compreender como essa mulher atua neste campo musical, desenvolvendo as habilidades correspondentes ao cargo e nos proporcionando uma visão feminina desta área. Assim, abordamos os pontos centrais desta dissertação para que obtivéssemos a resposta do problema de pesquisa, contribuindo para o campo de pesquisa em música, educação e sociedade.

5 ATUAÇÃO DE UMA REGENTE DE BANDA MARCIAL ESCOLAR NA CIDADE DE JOÃO PESSOA

Ao longo de todo o texto, discutimos diversos aspectos importantes sobre o papel das mulheres na sociedade e na música, bem como as questões de gênero. Percebemos o quanto foi, e ainda é, árdua a trajetória das mulheres para conquistar seu poder de fala e autonomia, e, no caso desta dissertação, a conquista do pódio de regência de banda marcial escolar. Diante disso, traçamos um percurso para que pudéssemos compreender o tema em estudo. Assim, faz-se necessário analisar os pontos definidos, listados na seção anterior.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA FUNÇÃO DE REGENTE DE BANDA MARCIAL ESCOLAR

A regência de banda marcial, como vimos anteriormente, requer que o profissional possua várias habilidades e não apenas o conhecimento musical. Logo, ao observar a participante desenvolvendo sua função, constatamos que ela apresenta um conjunto de competências necessárias para o cargo que ocupa na escola.

A Senhora Régis ensina a técnica dos instrumentos, ensaia com os alunos, procura inserir a banda nos eventos, além de consertar os instrumentos musicais utilizados. Ela consegue conciliar e exercer suas habilidades à frente do seu grupo musical, pois é preciso, além de dominar os conteúdos de música, ter um conhecimento pedagógico e metodológico que alcance o objetivo e a expectativa dos alunos. Como dito anteriormente, o regente de banda marcial é um profissional polivalente, ou seja, é um educador musical que reúne todas as exigências.

À frente desses grupos encontra-se a figura do regente que exerce um papel central em sua manutenção. Ele, além de dominar os aspectos técnicos da regência e desenvolver as habilidades de mobilizar e motivar os musicistas/alunos em aspectos técnicos, também precisa atuar como um educador musical (Rocha; Teixeira, 2021, p. 2).

Vemos que a função de regente percorre algumas áreas que integram o ensino e o desenvolver da atividade musical dentro da escola. O educador-regente desempenha habilidades como as: “[...] voltadas para a organização institucional, pessoal e musical, prevenindo e solucionando problemas nestes âmbitos e liderando o grupo com inspiração” (Rocha; Teixeira, 2021, p. 2).

Nesta perspectiva, a função do regente de banda se difere de um regente de orquestra, no sentido que os músicos da orquestra já são, em sua maioria, jovens ou adultos com formação ou em processo de formação musical formal.

Além das habilidades técnicas que envolvem a regência, as habilidades pedagógicas e didáticas são fundamentais para o regente-educador musical, pois o ambiente escolar necessita destas ferramentas para o bom desenvolvimento dos alunos, que estão em plena formação, diferentemente de liderar adultos (Rocha; Teixeira, 2021, p. 4).

Chagas (2023) também ressalta essa questão de que os regentes têm a função de educador musical “é possível estender o olhar para outras situações nas quais os regentes assumem a função de educador” (Chagas, 2023, p. 252). Portanto, como mencionado, ser regente de banda marcial escolar é uma tarefa complexa e tem seus pontos bem específicos, como a Senhora Régis comenta:

Eu faço tudo. Eu sou administradora, madrinha, regente, músico, aluno, eu sou tudo. O fardamento, eu que fui atrás, eu que boleei os desenhos. Instrumento, funciona porque eu mesmo que conserto, eu mesmo que vou atrás, eu faço a manutenção. Fora isso tudo, ainda corro atrás de desfile. Pego as músicas e separo voz por voz. Às vezes eu toco instrumento por instrumento, para saber onde é que encaixa o quê, onde é que faz o quê. Toco com eles, quando acontece que eu vejo que eles... Tipo, na abertura dos jogos, eu tive que tocar com eles porque eles estavam tensos demais, porque eles iam tocar o hino nacional. Mas deu certo. E assim a gente vai sobrevivendo. Quem é professor de banda marcial é isso. Tem que se virar nos 30 (SR-ES, 06/01/2025)¹⁹.

A Senhora Régis demonstra que o regente de banda marcial não trabalha apenas ao ensinar e formar uma banda, mas também tem uma parte administrativa a ser gerida. Com isto, vemos que a participante possui e sabe colocar em prática suas habilidades no exercício de sua profissão com eficiência. Outro ponto importante que temos que ressaltar é a formação musical dos alunos, que faz parte de uma das habilidades inerentes ao cargo de regente de banda marcial escolar, como destaca Chagas: “[...] acredito que das funções assumidas pelos “mestres” das bandas, a habilidade comumente destacada na tarefa de formar músicos e transmitir conhecimentos tradicionais relacionados à música” (Chagas, 2023, p. 59).

¹⁹ A indicação SR (Senhora Régis) – ES (Entrevista Semiestruturada), 06/01/2025 corresponde ao nome fictício da regente, ao tipo de entrevista e a data em que foi realizada. Todos os trechos de entrevistas utilizados nesta pesquisa estarão no formato itálico para diferenciá-las das bibliográficas.

A Senhora Régis comenta, ao mencionar na entrevista, que a maioria dos regentes homens criticam-na por formar alunos, e que não querem e não têm paciência para ensinar os alunos que estão iniciando na música. A regente critica a postura dos regentes que falam sobre a formação, mas não estão dispostos a se envolverem na prática e no ensino dos fundamentos básicos aos novos alunos:

Mas nenhum sentou em uma cadeira para ensinar um aluno de 8 anos que não sabia nem segurar um instrumento. Eles não têm paciência de formar aluno, mas de falar e criticar quem faz sim, de fazer não. Eles querem tudo pronto, os alunos que já tocam. Ou não dar oportunidade para criança, já para um pré-adolescente ou adolescente sim, mas eu posso dizer que eu tenho criança na banda, de 8 anos, eu tenho uma de 7 e uma de 8 anos. E eles tocam, se brincar, melhor que os grandes. São danados [risos], mas é o momento deles, não tem como evitar, mas eles fazem (SR-ES, 06/01/2025).

Essa falta de paciência é um ponto crítico, pois os alunos mais jovens e inexperientes precisam de tempo e atenção para aprender. Neste sentido, quando regia no projeto de bandas, também ouvi comentários e questionamentos por estar ensinando crianças que não tinham iniciado na música. Esses comentários não condizem com a realidade da banda escolar, pois a função do regente de tal agrupamento é formar o aluno desde a base musical, não havendo sentido construir um grupo em que a maioria dos componentes já são formados ou intermediários. Esse tipo de banda não passa de uma invenção maquiada para o êxito de muitos. “Dessa maneira, os regentes precisam pensar sobre si mesmos como educadores, e não como alguém que está fora do contexto escolar, quase como um visitante. Neste sentido, necessitam conhecer sua função dentro do contexto escolar” (Silva, 2020, p. 86).

Diversos regentes preferem formar a banda com pessoas que já têm certo conhecimento musical, pois eles falam que não querem perder tempo e, nos desfiles, procuram exibir uma banda de nível de conhecimento técnico musical alto, para mostrar que são os melhores regentes de banda marcial da cidade. Entretanto, “[...] “cabe aos regentes promover a iniciação dos alunos nos diversos instrumentos que formam a banda” (Chagas, 2023, p. 222).

Desta forma, a regente trabalha a partir do nível de seus alunos: “*Com relação ao repertório a gente tem essa e essa opção, dentro do que eles são capazes de fazer*” (SR-ES, 06/01/2025). A Senhora Régis enfatiza a importância de adaptar o ensino de acordo com a capacidade dos alunos. Ela menciona que, ao trabalhar com

a banda, ela apresenta diferentes opções de repertório, levando em consideração que os alunos são capazes de tocar. A regente destaca que, mesmo que um aluno queira uma música específica, é crucial que ele tenha a habilidade necessária para ajustá-la. Caso contrário, ela sugere que os alunos comecem com algo mais próximo ao seu nível atual e ir, gradualmente, progredindo. Essa abordagem de individualização no ensino ajuda a construir a confiança dos alunos e a sua acessibilidade no repertório. Portanto, temos todos esses fatores envolvendo a questão da função de regente de banda marcial escolar e da mulher neste campo ainda masculinizado.

5.1.1 Formação dos regentes de banda marcial escolar

O conhecimento específico na área de música é essencial para o bom desenvolvimento da função de regente-educador de banda marcial, porém, a maioria dos regentes possui apenas o ensino médio, devido ao fato de seus conhecimentos musicais terem sido adquiridos por meio de um ensino informal. Boa parte dos regentes são oriundos das bandas marciais escolares, pois “[...] a formação do regente acontece dentro da própria banda” (Chagas, 2023, p. 62), outra parte de projetos sociais. Nestes casos, a parte pedagógica e a didática não são contempladas para que o profissional seja mais preparado para atuar dentro do ambiente educacional.

Com a necessidade de cada vez mais aprimorar os conhecimentos, muitos regentes procuram os cursos superiores na área de regência de banda, o que é importante, pois, “Dentre as ações que visam a formação do regente de bandas, as ofertas de cursos superiores de regência com ênfases na regência de bandas representam uma conquista importante [...]” (Chagas, 2023, p. 67). Contudo, a maioria dos regentes obtém seus primeiros passos na música através desses espaços informais, assim como aconteceu com a Senhora Régis:

Eu vim morar no bairro do Esplanada e conheci o maestro x. Até que eu, um certo dia, falei com ele, aí ele falou assim: "Lá na escola não tem vaga, mas aí eu posso te dar um direcionamento, não tão legal, mas aí a gente vai partir do seu interesse". Aí ele pegou um bocal de trombone e disse "Olha, tenta fazer besouro aí"²⁰. Quando eu chegar do ensaio, eu dou meu instrumento pra você, e você, já que está com o bocal, quando você pegar no instrumento já vai sair alguma coisa" (SR-EN²¹, 30/03/2024).

²⁰ É um termo muito usado nas bandas que significa soprar no bocal batendo os lábios para emitir som.

²¹ A indicação EN (Entrevista Narrativa) corresponde ao tipo de entrevista.

Podemos ver que, no início, a participante obteve apenas um direcionamento de como emitir som no instrumento, ou seja, o início do conhecimento instrumental. Seguindo essa perspectiva de a formação dos regentes iniciarem nas próprias bandas, retomo a discussão sobre a quantidade de mulheres na regência, pois se a formação inicial da maioria dos regentes se dá nesses espaços, o interessante é que tenhamos meninas tocando nesses grupos musicais.

Neste aspecto, não vemos a igualdade de oportunidades no campo da regência, assim como Simone de Beauvoir (1967) discute a desigualdade de gênero, a educação e o desenvolvimento das mulheres na sociedade, destacando os fatores sociais e históricos que influenciam as oportunidades e realizações das mulheres em comparação com os homens. Ela afirma que as mulheres frequentemente se veem em desvantagem em suas aspirações e realizações, em grande parte devido à pressão social que as leva a priorizar o casamento e o papel de esposa, em detrimento de suas ambições pessoais e profissionais: “Tudo contribui para frear sua ambição pessoal, enquanto uma enorme pressão social a convida a encontrar uma posição social no casamento, uma justificação” (Beauvoir, 1967, p. 107-108).

Acreditamos que outros fatores, como a educação não igualitária, a liberdade de escolhas e as imposições sociais também contribuem para que as mulheres saiam em desvantagens na corrida por uma ascensão profissional: “Mas a igualdade está longe de ser atingida, pois das 778 orquestras sinfônicas profissionais em todo o mundo, apenas 48 têm uma mulher regente ou diretora musical” (Santana, 2021, p. 105). O que nos prova que não há o mesmo ponto de partida para os homens e para as mulheres, visto que, além de toda trajetória histórica do silêncio das mulheres, os homens, pela banda ser de origem militar, foram os formadores e regentes dessas. Sobre esse ponto, é importante lembrar que “As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal” (Perrot, 2007, p. 16).

Logo, a partir dessa conjectura, as mulheres ficam em desvantagem na corrida pelo pódio, mostrando que não há igualdade em relação às posições de trabalho e aos salários nos diversos cargos, em que as mulheres são sempre as menos favorecidas. “Além disso, embora seja verdade que encontramos mulheres em todos os níveis do espaço social, suas oportunidades de acesso (seus índices de representação) decrescem à medida que se atingem posições mais raras e mais

elevadas” (Bourdieu, 2012, p. 110). Neste sentido, a Senhora Régis comenta:

As críticas vão rolar, até porque, como eu toco trompete, mas eu não sou a melhor. Uma que não tem como, porque eu não tive tempo para estudo. Eu aprendi, como eu falei antes. A escala é essa aqui, anotou, fez os desenhos dos pistos. Eu fui soprando, não, essa nota é mais em cima, é mais embaixo. Fui me adequando à sonoridade do instrumento e fui entendendo que era mais grave aqui, mais agudo aqui, fechar mais o lábio ali e assim, eu fui desenrolando. Nunca tive uma escola de música, nunca passei por uma escola de música. Caí na universidade depois de muitos anos. Como o pessoal diz, fora da idade de estudo de música, é que eu vim desenvolver, mas, de qualquer forma, eu estou cursando (SR-ES, 06/01/2025).

Recordo-me quando fiz a seleção para ingressar no projeto de bandas do município de João Pessoa, pois além do curso de bacharelado em música, minha experiência e os conhecimentos na área de banda foram os que me fizeram conseguir ser aprovada. Na época, havia apenas duas mulheres entre vários homens na prova de didática e a outra concorrente não conseguiu se classificar por não ter a experiência e a base de uma formação para banda marcial, apesar de ser formada no curso de Licenciatura em música. “Atualmente, poucas universidades brasileiras propõem-se a pensar a banda de música e a atividade do seu mestre, já que a regência em si não se constitui na única tarefa desse profissional, cabendo a ele a formação musical inicial de cada estudante” (Campos, 2016, p. 313).

Na entrevista, a regente comenta sobre algumas pessoas do projeto de bandas não acreditarem em seu trabalho devido à sua formação.

E eles não acreditavam, porque, como eu já falei, eu não tive uma direção musical, um foco para aquela teoria de prática, nada. Tudo que eu aprendi foi na marra, na briga. É assim, assado. Errando, levando na cara, mas procurando melhorar. E hoje, graças a Deus, estou por aqui, mas não é fácil. Não adianta... Você vem, vamos supor, você é de uma escola de música. Você só se dedicou ao seu instrumento. Mas você insistentemente já se formou e quer ir para uma banda marcial, ensinar, que é a oportunidade que tem no momento. Você não vai desenvolver. Porque você, como diz na palavra popular de comunidade, você não é cria daquela vida. Você vai querer passar aquela teoria, aquela calma, e não vai funcionar. Você não vai conseguir (SR-ES, 06/01/2025).

Acredito que o regente, assim como dito nas discussões anteriores, precisa unir os saberes que estão em volta dessa área de atuação musical, ou seja, ensinar só a teoria não contempla a necessidade de um aluno em banda marcial, como também repassar apenas as técnicas e as músicas proporcionam um ensino musical

incompleto. Portanto, ter a formação acadêmica e a base de uma estrutura de banda marcial é primordial para trabalhar nesta função, aliando, obviamente, com as questões pedagógicas. Sobre isso, a fala de Grings é pertinente: “Nestes anos como regente de grupos musicais escolares enfrentei muitos desafios e superei muitos obstáculos pela falta de experiência e formação pedagógica” (Grings, 2020, p. 17). Logo, salientamos que a formação acadêmica, aliada às práticas e experiências em bandas marciais, são fatores imprescindíveis para um bom desempenho do cargo.

Outras pesquisas sobre a regência em cursos de licenciatura em música vêm sendo estudadas, indicando a importância de conectar teoria e prática, e preparar os professores para atuarem como regentes de grupos musicais no contexto escolar e em outros espaços com grupos amadores (Grings, 2020, p. 19).

Assim, é necessário compreender o contexto em que se está inserido, pois tudo tem que caminhar junto para o melhor desenvolvimento musical dos alunos e compreensão do trabalho por parte do profissional.

5.1.2 Metodologia de ensino implementada pela participante nos ensaios da banda

Sabemos que para um bom funcionamento de um trabalho é necessário termos um planejamento e uma metodologia de ensino, principalmente se estivermos exercendo a função de professor dentro de uma escola. Durante as observações, identificamos a metodologia no ensino da música e nos ensaios utilizada pela participante. Ela desenvolve uma metodologia que foge do ensino tradicional de teoria musical. A regente está há 1 ano à frente da banda, que tem o total de 30 componentes e, desses 30 alunos, sete são meninas.

Os ensaios de trombone acontecem nas sextas às 14 horas, os de trompete às 15 horas e os da percussão acontecem às 16 horas. Os ensaios são feitos nas salas de aula, que possuem uma boa estrutura. A educadora musical separa a banda por família de instrumentos, ou seja, em uma sala ficam os alunos da percussão ensaiando e recebendo orientações da professora regente, no outro espaço do colégio ficam os alunos que tocam os instrumentos de sopro, mais conhecido no mundo das bandas marciais como metal²², o que se coaduna com o fato de que “[...] os ensaios

²² A partir deste ponto do texto irei identificar os instrumentos de sopro como o trompete, trombone, bombardino e tuba por metal. Assim como é conhecido na linguagem das bandas marciais escolares.

costumam ser divididos por naipes, em geral, planejados de modo a preparar os integrantes da banda para os ensaios gerais" (Silva, 2020, p. 116).

O naipe de metal é formado por 6 trompetistas, 2 trombonistas, além dos alunos que tocam bombardino e tuba, que são convidados pela regente para compor o naipe de metal responsável pelas melodias e harmonias das músicas. O corpo percussivo da banda é formado por 4 caixistas, 4 bumbistas, 2 pratistas e 1 quintotomista²³. O ensaio geral acontece aos sábados, mas, quando há apresentações e desfiles, os ensaios passam a ter maior frequência.

A Senhora Régis segue o modelo de ensino coletivo de instrumento, o qual parte do repertório e por meio do qual se ensina, a partir dos elementos presentes em determinada música que está sendo aprendida, como a fórmula de compasso, as notas, o andamento etc. Neste sentido e de acordo com as observações, não presenciamos uma aula de teoria da música separada da prática instrumental, pois a regente faz ensaios por naipe, utilizando a teoria aplicada, em que os alunos aprendem todos os signos musicais referentes àquela música, ao mesmo tempo que tocam o instrumento, pois este tipo de ensino faz parte do contexto da maioria das bandas marciais. Nesta perspectiva, a regente passa os conhecimentos musicais de forma imitativa e escrevendo as notas musicais no quadro, poucos alunos sabem ler partitura, eles aprendem vendo e ouvindo a professora, pelo método da imitação, o que remonta à fala de Silva:

Logo, os processos de aprendizagem que ocorrem nas bandas enfatizam a leitura e a escrita musical – típico dos conservatórios –, mas também possuem traços de espontaneidade através da imitação e observação, características da educação informal [...] (Silva, 2020, p. 91).

A regente executava a frase musical de cada aluno do metal e ele a imitava. Alguns alunos demoram a entender a divisão rítmica e a memorizar as alturas das notas, então a regente se concentrava apenas no aluno que estava com dificuldade, enquanto os outros esperavam. Ela também gravava vídeos tocando as partes musicais, ensinando as posições dos dedos nos pistos do trompete e as posições da vara do trombone e, a partir daí, enviava para os alunos, através do aplicativo *WhatsApp*. Desta forma, os alunos conseguiam estudar suas músicas em casa enquanto não estavam no ensaio.

²³ Músico que toca o instrumento de percussão com o nome de quintotom.

Antes de iniciar as práticas musicais, a Senhora Régis separava os naipes e, por vezes, também colocava os caixistas em sala diferente dos bumbistas, para direcionar melhor as orientações. Os ensaios dos metais começavam com treinamento das escalas, geralmente a escala de Dó maior. Após o aquecimento, ensinava as posições, altura, duração e divisão das notas e a respiração adequada tocando cada nota individual e pedia para o aluno repetir. A partir desse momento, a regente exemplificava executando a frase musical e pedia para o aluno imitar.

De acordo com a discussão no tópico anterior, a formação do profissional reflete, muitas das vezes, na sua prática profissional:

Um dia o maestro falou assim: "tu vai ter que tocar no trompete, vamos lá na escola". Ele escreveu numa folha e botou as posições que existiam e o nome de cada posição. Dó, ré, mi, fá. Aí ele disse "Aqui, tem ensaio tal dia. Pega ele em casa e vai tentando fazer e vê o que consegue fazer" (SR-EN, 30/03/2024).

A professora pega algumas músicas de ouvido, outras através da partitura e, assim como aprendeu, repassa para os alunos por meio da imitação e escrita do nome das notas no caderno. Ao perguntar a ela se a forma como ela aprendeu influencia a sua metodologia, ela responde:

Influencia por questão de não ter tempo e nem eles quererem sentar para aprender a ler partitura. É como se tivesse um bicho-papão. Aí a forma que você tem de segurar o aluno, infelizmente, é pegar o instrumento e comprar a briga e vamos embora para a guerra. Por mais que tenha a partitura, você tem que colocar o nome da nota porque o interesse da parte deles em aprender é muito baixo. Então eles não entendem a duração da figura, leem pelas notinhas que se escrevem por baixo das figuras (SR-ES, 06/01/2025).

Quando fui regente no projeto de bandas, uma das complicações, além do aluno não querer ler partitura, porque a vontade é de pegar o instrumento e sair tocando, era a questão do curto tempo que o regente tem para apresentar a banda nos eventos. Ao questionar a regente se a metodologia adotada por ela flui, ela diz:

Não é legal, mas flui, por conta que a falha não é nos professores, é nos contratantes, que eles contratam para ser o regente da banda, na qual ele quer ver resultado em tempo luz, aí você se vê acuado, ou você quer perder seu emprego? Você não quer, aí você vai fazer o quê? Vamos para a forma mais rápida, assim, a forma de falar, vamos para o método mais prático. É salve-se quem puder. Para poder ter o resultado, ter a banda marchando (SR-ES, 06/01/2025).

Desta forma, os regentes, geralmente, “costumam atuar reproduzindo o que lhes foi ensinado” (Nóbrega, 2018, p. 18). Seguindo esse pensamento, o regente de banda marcial é pressionado a formar a banda em um tempo mínimo, pois o que importa é colocar a banda para marchar e não o aprendizado musical sólido dos alunos. Por isso,

Os maestros correm contra o tempo para montar um repertório principalmente voltado para o Sete de Setembro. Assim, o aprendizado não exige uma técnica apurada dos alunos, pois o objetivo não é formar grandes instrumentistas, mas garantir que o aluno adquira desenvoltura na leitura e no instrumento para que possa ensaiar e se apresentar o mais rápido possível (Silva, 2020, p. 89).

A Senhora Régis acredita que ensinar a teoria assim que o aluno entra na banda “*Afasta ele, ele coloca muita dificuldade e quando passa para o instrumento, eles já pegam, já querem soprar, já querem tentar fazer algo, o que atrai eles é a prática e não a teoria*” (SR-ES, 06/01/2025). A maioria dos alunos de banda marcial não querem estudar a teoria musical, preferindo a parte prática instrumental.

Deste modo, formas “sérias” de aprender a tocar um instrumento ou a ler partitura são disseminadas nas escolas de música, limitando-se, por vezes, a um adestramento motor-visual, mecânico e sem expressividade. Estas práticas são recorrentemente aceitas, pois lidam com a forma tradicional de ensino ligada à música notada. Quando o aluno não desenvolve os esquemas de percepção relativos a esse padrão musical, é tido como sem talento – falta de dom –, sendo, esta, uma visão elitista e excludente (Silva, 2020, p. 40).

O foco tradicional no aprendizado da teoria musical antes de ter uma experiência prática com o instrumento pode gerar resistência em muitos estudantes, que se sentem desencorajados por não terem uma vivência prática imediata. Apesar de, em alguns momentos, a nossa participante repassar as músicas para o naipe da percussão, ela designa um monitor, que também segue o modelo de ensino coletivo de instrumento como foi ensinado a ele, e que tem mais familiaridade com as técnicas percussivas, para dar o suporte e passar o repertório para os alunos que compõem este grupo da banda, visto que o conhecimento da regente é específico na área do metal. “*Eu escolho sempre o que é mais desenvolvido, tem mais interesse*” (SR-ES, 06/01/2025).

No período dos desfiles cívicos, os ensaios, como nos dias 24 e 31 de agosto de 2024, também acontecem nas ruas próximas da escola, para que os alunos treinem

a marcha e a uniformidade da banda, aliadas com as técnicas instrumentais, bem como trabalhar a resistência física dos componentes. Em todos os momentos observados durante os ensaios na rua e os desfiles cívicos, a regente-educadora organiza os alunos em seus respectivos lugares e se mantém atenta na condução da banda, marcando a pulsação tocando no tórax, sinalizando para os alunos da percussão e, assim, mantendo o andamento das músicas, o que nos lembra a fala de Grings: “Esta condução não é necessariamente através de gestos, mas também por expressões fisionômicas, instruções verbais, marcações sonoras, ou mesmo através do instrumento” (Grings, 2020 p. 46). Ao mesmo tempo, ela faz a interação entre o corpo musical e o corpo coreográfico: *“E dou a batida, alguma virada eu dou batendo, que é para eles entenderem a hora dele trocar a frase da música”* (SR-ES, 06/01/2025). É importante o profissional dessa área saber utilizar o corpo e gestos para orientar sua corporação musical:

Deve também dominar o aspecto técnico da regência, ou seja, deve possuir um repertório gestual incorporado, automatizado, a ser utilizado na interação com a orquestra ou coro. A expressão corporal também é de fundamental importância para uma perfeita comunicação entre o regente e o grupo (Rinaldi; De Luca; Nery; Vazzoler, 2008, p. 17).

Para que o trabalho como regente seja desenvolvido de forma eficiente, o profissional precisa se preocupar com a organização da banda nos eventos. Nesta perspectiva, a professora-regente desempenha essa tarefa de forma exemplar, posicionando a banda para o desfile e sempre indicando as marcações e entradas das músicas. No final dos desfiles, a regente dá o comando para que a banda pare de tocar, após, ela conduz os alunos para o ônibus que vai levá-los de volta para a escola.

Os encontros e os campeonatos de bandas acontecem, geralmente, nos meses de outubro e novembro. No ano de 2024, a regente participante inscreveu seu grupo musical para competir no concurso paraibano de bandas na categoria juvenil. Por esse motivo, a metodologia da professora sofreu algumas alterações, pois os concursos de banda exigem um nível de técnica instrumental e repertório mais elevados e, portanto, requer mais dedicação e ensaios.

Sim, são diferentes porque desfile, fora a música, tem o garbo, né? Você tem que desenvolver a marcha, você tem que desenvolver seu desempenho tocando, marchando, que não é todo mundo que consegue tocar e marchar. E concurso não é só marcha, concurso já passa para um negócio mais rígido, que tem peça, é outro

comportamento, é outra situação. A apresentação parada também é outra, tem temas diferentes, não é a mesma música. Desfile é uma coisa, concurso é uma apresentação parada é outra e a forma de ensinar a parte da técnica do instrumento, de leitura de partitura são diferentes, as dificuldades são diferentes (SR-ES, 06/01/2025).

Pela complexidade das músicas e por não lerem partitura, a regente utilizava uma metodologia diferente para o aluno que tinha dificuldade de tocar a frase melódica no tempo certo. A professora marcava a pulsação tocando na perna do aluno, para que ele sentisse a pulsação e conseguisse entrar no andamento da música. Em outros momentos do ensaio, como no dia 13 de outubro de 2024, a entrevistada utilizava uma caixa de som e colocava os alunos para ouvirem a parte melódica que não estavam conseguindo tocar.

Portanto, percebemos que, para que a banda tenha suas atividades desenvolvidas durante o ano, a regente utiliza a metodologia de imitação e meios encontrados por ela para que os alunos consigam executar as músicas. Apesar da regente não ter ensinado a teoria tradicional da música, vimos que sua forma de preparar a banda está sendo proveitosa e eficiente, visto que constatamos que o aprendizado está avançado, mesmo com algumas dificuldades por partes de poucos alunos. A Senhora Régis fala um pouco sobre seu aprendizado com relação à técnica do instrumento de forma imitativa e à leitura de partitura:

Daí... Eu fui... Aprendendo, escutando. O pessoal tocando e eu vendo. Eu nunca tive aula, mesmo, de trompete. Nunca. E também não tive aula para aprender a ler partitura. Foi na marra. Ou aprende, ou fica para trás (SR-EN, 30/03/2024).

Porém, sabemos da importância do conhecimento teórico musical e que o aprendizado se dá de forma completa quando aliamos a prática com a teoria. Constata-se que o ensino de música em bandas marciais ocorre através da “[...] presença de processos informais de ensino e aprendizagem que ainda perduram na prática musical das bandas – tocar de ouvido, tocar por imitação, aprendizagem oral –, assim como a separação entre teoria musical e prática instrumental” (Silva, 2020, p. 91). Nesta perspectiva, a banda é formada e inicia suas apresentações calcadas nesse processo de ensino musical, por muitas vezes, distante da base teórica, “Porém, o ensino com foco exacerbado na técnica instrumental desestimula o aluno, sendo uma possível explicação para a saída” (Silva, 2020, p. 92).

A Senhora Régis abordou a metodologia de ensino e ensaio na banda

diferente para cada tipo de apresentação, como desfiles e competições. Ela acredita que, apesar de suas abordagens não serem convencionais, elas têm eficácia, especialmente em um ambiente onde o tempo para aprendizado é limitado. A participante menciona que, em vez de seguir uma metodologia tradicional, que prioriza a teoria antes da prática, ela adota uma abordagem mais prática e interativa, utilizando técnicas de ensino que permitem uma interação direta com os alunos. Isso inclui a utilização de métodos visuais e gestos para facilitar a comunicação durante os ensaios, o que se mostra essencial em um ambiente barulhento, como durante os desfiles. Ela acredita que essa metodologia ajuda a tornar o andamento da banda mais fluido e eficiente em comparação a uma abordagem tradicional.

5.1.3 Relação da regente com a equipe pedagógica e com os outros regentes de banda marcial

O bom funcionamento das atividades da banda não depende apenas de saber tocar um instrumento e ter um amplo conhecimento e domínio da música, mas, sim, obter um bom relacionamento com a equipe que forma o corpo escolar. Durante as observações, percebemos que a regente possui uma interação sólida com os funcionários e a gestão, pois, de certa forma, ocorre um apoio e ajuda na organização, nos desfiles e nos ensaios.

Um ponto interessante que presenciei foi quando, após o ensaio na rua, os diretores da escola proporcionaram um momento de lazer e descontração para os alunos, liberando o banho de piscina para todos da banda na escola do polo II, o que mostrou uma sensibilidade e envolvimento, por parte da gestão de ensino, para com o trabalho desenvolvido pela banda. Contudo, a Senhora Régis menciona que a relação entre a equipe pedagógica e a gestão escolar em relação à banda apresenta desafios, especialmente devido ao barulho gerado pelos ensaios, os horários e à dedicação de alguns alunos à banda em detrimento de suas obrigações escolares. Ela destaca que existe um impasse, pois a gestão escolar, muitas vezes, não valoriza a atividade da banda, considerando-a menos importante do que a educação tradicional.

A Senhora Régis questiona essa perspectiva, argumentando que a banda não deve ser vista como um obstáculo, mas, sim, como parte integrante do aprendizado e da formação dos alunos. É primordial compreender que a banda está inserida em um ambiente escolar e que, por assim ser, precisa haver um entendimento entre o

profissional e a equipe/gestão escolar, pois disso depende a manutenção do grupo musical. “Além disso, más experiências com os regentes podem fazer com que os gestores escolares não queiram mais a presença das bandas em suas escolas” (Silva, 2020, p. 148). A regente ressalta que a maneira como os professores trabalham em sala de aula deve ser considerada, e não apenas a banda, que, muitas vezes, é tratada como um acessório. Pois, “a banda marcial constitui-se como uma ferramenta para a formação não apenas musical, mas também de aspectos sociais e culturais” (Silva, 2020, p. 75).

Desta forma, todos os educadores devem trabalhar juntos para o desenvolvimento dos alunos. Essa relação é vital para garantir uma organização e educação adequadas dentro da banda. Neste sentido, a regente mantém uma relação construída na responsabilidade de entregar um bom resultado, buscando uma solução para que o desenvolvimento das atividades seja alcançado.

É um impasse por conta do barulho, por alguns alunos se dedicarem mais à banda do que ao ensino em sala de aula. E eu questiono por que a banda chegou depois. Tem algo que não está atraindo ele para a aula. Então não é a banda. Os horários de ensaio são muito ruins. Quando é escola pública não. Porque eles param a atividade em uma hora no expediente. E escola particular, não. Segue direto porque a carga horária deles é maior de aula. E... Se colocar à noite, eles botam muita dificuldade. Tanto para o funcionário quanto para os pais levarem os alunos. Aí a dificuldade se torna dobrada. Mas fora esses dois pontos, eles apoiam (SR-ES, 06/01/2025).

A questão dos horários da banda é um dos pontos que realmente demanda certa atenção e concordância entre a gestão e o regente, pois “[...] os horários e a dinâmica de aulas/ensaios nas bandas dependem das orientações da gestão escolar e das concepções de ensino do regente, uma vez que, quase sempre, não estão subordinadas à legislação educacional [...]” (Silva, 2020, p. 116).

Durante o período em que trabalhei regendo a banda na cidade de João Pessoa, também enfrentei algumas complicações, pois muitos professores não compreendiam a banda como parte da educação do aluno e, várias vezes, eu ouvia frases como: “Vou tirar o seu aluno x da banda porque ele não quer estudar minha disciplina”. Infelizmente, alguns veem a banda como um prêmio para aqueles alunos considerados nota 10, quando, na verdade, a banda é para todos que tenham vontade de participar. Como a Senhora Régis falou, a falta de interesse do aluno em estar dentro de uma sala de aula sempre terá a banda como culpada, o que realmente não pode acontecer. É preciso entender que a banda é um instrumento para auxiliar a

formação do indivíduo, ou seja, faz parte do pacote educacional de uma escola.

Ao mesmo tempo que a regente procura adequar as questões da banda para obter um bom relacionamento com a equipe pedagógica, ela trilha e supera, a cada dia, críticas e comentários maldosos e preconceituosos da maioria dos outros regentes. A nossa entrevistada menciona que alguns regentes falam bem dela na frente, mas criticam suas decisões por trás. Ela destaca que, embora tenha colegas que a apoiam, existe um grupo significativo que faz críticas pesadas, as quais são trazidas até ela pelos próprios alunos:

Tem vários colegas de trabalho que eles falam muito bem na minha frente e o que eu sei é totalmente diferente do que eu escuto, “o repertório muito chato, umas músicas que não dá para o aluno, que podia ser melhor, não há necessidade de pegar alunos, fazer aluno, se a escola é particular faz com os caras que já sabem”. Como é que eu posso dizer, não sabe, não entende de música, está pela sorte. São comentários que eles... Entre eles, os colegas de trabalho, na área masculina. As críticas são muito pesadas, que até os próprios alunos chegam para mim para dizer, fulano falou isso, isso e isso da senhora. Então o relacionamento não é legal, é... bate no braço, aperta a mão, mas todos esperando a hora de você dizer assim: ali eu não faço mais parte (SR-ES, 06/01/2025).

Desta forma, percebemos que a Senhora Régis trava uma luta constante, resistindo para se manter firme e forte na sua função como regente. Ao invés de receber apoio dos colegas de trabalho, ela escuta comentários maldosos e sofre com a falta de ética de alguns que estão inseridos no mesmo campo de trabalho: *“Hoje eu posso dizer que eu ainda vivo uma guerra muito grande, mas porque sabem que eu não vou desistir, eu vou me desdobrar e vou fazer acontecer, porque na ativa existia você. Aí você saiu, e eu comprei a briga com unhas e dentes” (SR-ES, 06/01/2025).*

Logo, vimos que a regente consegue, mesmo em meio a um ambiente masculino estruturado a partir de um sistema patriarcal, se sobressair na sua posição como formadora de banda marcial escolar, conseguindo se destacar entre os homens em meio a tantos desafios.

5.1.4 Interação entre a parte musical e a coreográfica, espaço físico e instrumentos musicais da banda.

Na formação de uma corporação musical do tipo de uma banda marcial, é comum vermos à frente da banda o corpo coreográfico que, de acordo com a música

que está sendo executada, realiza coreografias. O regente que forma a banda também é responsável pelo bom funcionamento e comunicação com a parte da dança, pois ele faz a ponte entre a banda e o grupo de dançarinos. É de fundamental importância que a relação entre a regente e a professora de dança seja fluente, desde a escolha das músicas do repertório até a finalização das apresentações, pois, o desenvolvimento de uma banda depende dessa interação e, se ela não ocorre, aparecem muitos problemas, que atrapalham ou até mesmo impedem uma apresentação.

Apesar de o regente ser o responsável por todo o grupo, desde o Pavilhão Nacional até a última fileira do corpo instrumental, sendo o coreógrafo encarregado de preparar a linha de frente, ambos precisam manter o diálogo e o respeito, tendo em mente que são educadores (Silva, 2020, p. 148).

Nas nossas anotações, verificamos que a participante procura manter um bom relacionamento profissional com a professora de dança, facilitando o progresso das atividades musicais e coreográficas, reforçando a ideia de que o “[...] líder precisa compreender que seu trabalho também envolve um bom relacionamento com os colegas docentes e a administração da escola” (Rocha; Teixeira, 2021, p. 5). No entanto, a relação da Senhora Régis com a parte coreográfica é descrita, na entrevista, por meio de suas experiências com diferentes coreógrafos. Ela menciona ter tido uma experiência positiva e uma nem tão positiva. Na primeira, ela tinha um bom entendimento com a professora de coreografia, conseguindo alinhar o repertório e as expectativas sobre o uso de bandeiras nas músicas, além de comunicação prévia, ao consultar a coreógrafa sobre as músicas e suas possibilidades de uso.

Tive duas experiências, uma legal e uma não tão legal. Já no início do ano, eu tenho o repertório para o ano inteiro e antes de divulgar, eu perguntava à coreógrafa, ó, o repertório é esse, esse e esse. Qual é o que dá para usar bandeira? se tu vai usar bandeira esse ano, se não vai usar acessórios, o que é que você vai usar? “Vou usar isso e isso, bandeira e tal”. A gente combinava (SR-ES, 06/01/2025).

Por outro lado, na experiência negativa, a coreógrafa atual da Senhora Régis queria ser o destaque do espetáculo, o que causava conflitos, pois ela não aceitava que a banda pudesse aparecer mais do que o grupo coreográfico. Apesar de a coreografia fazer um bom trabalho, houve dificuldade em aceitar as escolhas de repertório que a regente fazia. Conforme apontado por Silva (2020), conflitos dessa

natureza são comuns nesse contexto, “[...] não foi raro presenciar situações de intrigas envolvendo o regente e o coreógrafo da banda marcial, geralmente provocadas por disputas de poder, status ou divergências [...]” (Silva, 2020, p. 148).

A relação entre a banda e a parte coreográfica, segundo a Senhora Régis, deve ser considerada em conjunto, já que a estética do conjunto é importante para o sucesso das apresentações. Além disso, a regente aponta que, no caso de uma performance escolar, todos os aspectos devem ser bem integrados, ressaltando que a banda marcial precisa funcionar como um todo, que deve ser pensada e elaborada em conjunto com a parte coreográfica.

Porque no caso tem que ser pensado, tem que ser pensado um conjunto, a banda. Porque não existe... Existir existe banda marcial sem o corpo coreográfico. Mas não é tão... Eu gosto do conjunto completo, do pavilhão à última pessoa do Bumbo. Eu vejo dessa forma, mas em todo mundo tem diferença (SR-ES, 06/01/2025).

A colaboração entre o regente e o coreógrafo em bandas marciais é crucial para o bom desempenho do conjunto. Ambos precisam manter uma conversa e respeito recíproco, já que são educadores. Contudo, é comum haver conflitos, os quais podem resultar em um ambiente adverso que afeta a vivência dos estudantes e, em certas situações, até a continuidade das bandas nas instituições de ensino. A ausência de um treinamento pedagógico apropriado para ambos também pode ser um elemento que agrava esses conflitos.

Outro ponto interessante que não podemos deixar de mencionar é o espaço físico onde os ensaios da banda acontecem. A sala da banda está sendo construída, por isso, os ensaios acontecem na sala de aula da dança e na quadra da escola, que possui estrutura razoável. Os instrumentos não são novos, mas estão em condições aceitáveis para o aprendizado dos alunos, mesmo quando algum apresenta um defeito, a regente, por possuir experiência em manutenção de instrumentos, conserta na mesma hora e, assim, dá continuidade ao ensaio. “Entretanto, estes desafios tendem a ser mais intensos em escolas públicas, como falta de infraestrutura, falta de apoio para lidar com questões socioeconômicas, maior heterogeneidade dos alunos, entre outros” (Grings, 2020, p. 162).

Os aspectos ligados aos ambientes físicos influenciam significativamente a habilidade dos professores de realizar atividades musicais eficazes, o que se reflete diretamente em suas avaliações de autoeficácia, ou seja, na crença que os professores têm em sua capacidade de realizar uma tarefa, e na dinâmica geral das

aulas de música. Segundo a regente, apesar de haver espaço disponível, há limitações devido ao medo de quebra ou danos que os alunos possam causar: *“Tem espaço, porém você não pode usar porque o aluno vai quebrar, o aluno vai isso, vai aquilo”* (SR-ES, 06/01/2025). A possibilidade de usar esses espaços é restrita, o que dificulta a realização de ensaios adequados.

Na época em que eu regia a banda em João Pessoa também enfrentava essas dificuldades com relação a ter um espaço para dar aulas. Diferente da Senhora Régis, eu não tinha sala para ministrar os conteúdos teóricos, então utilizava a parte lateral externa do ginásio da escola, pois não poderia usar a interna devido as aulas de educação física. A partir daí, tudo era mais difícil, pois às vezes chovia, às vezes tinha muitas sujeiras no espaço, como plásticos, garrafas pet e até mesmo excrementos. Neste sentido, podemos perceber o *habitus* presente neste contexto, pois a escola tinha uma banda marcial, mas não oferecia o mínimo de estrutura.

A regente ressalta que, durante os ensaios, pode haver a necessidade de mudar de sala, porque os funcionários precisam limpar. Essa situação causa uma perda de tempo no ensaio e tira o foco dos alunos. Ela destaca que não existe uma sala específica para os ensaios, o que agrava a dificuldade de manter a continuidade e a concentração durante as atividades da banda: *“Essa já é uma das dificuldades muito grande, porque tendo uma sala para o ensaio, os instrumentos já vão estar lá. É só eles entrarem, fecharem a porta e ensaiarem”* (SR-ES, 06/01/2025). Portanto, se torna um desafio executar atividades musicais em escolas que não dispõem de um espaço físico apropriado para a prática musical.

Quanto aos instrumentos, a Senhora Régis menciona que os alunos não valorizam os instrumentos disponíveis e que a escola também não compreende a importância desses equipamentos: *“Em relação ao instrumento, os alunos em si não dão o valor que tem e a escola não sabe o valor que é aquilo ali. Só quem luta contra isso é o próprio professor”* (SR-ES, 06/01/2025). Isso leva a uma situação em que não só a infraestrutura é limitada, mas, também, a percepção dos alunos e da escola sobre o valor da música e dos instrumentos. Tal situação se alinha à discussão de Silva (2020), em que “[...] os recursos nas bandas são, muitas vezes, limitados e escassos” (Silva, 2020, p. 116). A escassez de recursos ou instrumentos danificados também dificulta a elaboração de estratégias que garantam o acesso a todos os estudantes, além de causar falhas na qualidade da educação musical.

É importante entender que os instrumentos musicais têm suas especificidades e, por isso, precisam de cuidados e um bom manuseio, pois a manutenção, por vezes,

tem um custo alto e a aquisição de outro instrumento se torna mais oneroso, como pontuado por Chagas: “A manutenção de uma formação como a das bandas de música implica necessariamente em gastos específicos com aquisição e manutenção de instrumentos musicais, compra de acessórios, gratificação de professores e regentes, entre outros” (Chagas, 2023, p. 81). Nesta perspectiva, a compreensão de possuir uma banda marcial na instituição por parte dos profissionais da escola e dos alunos é de fundamental importância, para que a corporação musical seja mantida de forma adequada e desempenhando sua função harmonicamente com todos os seus instrumentos, equipamentos e acessórios funcionando de forma precisa.

Portanto, a regente enfrenta mais um dos obstáculos inerentes à função de educador e formador de banda marcial escolar, pois além de tantas barreiras de ordem estrutural da sociedade em relação às concepções de papéis de gênero em determinado cargo profissional, a participante ainda lutava e luta para conseguir as condições mínimas, pois em entrevista narrativa, a mesma conta que pedia material para o desenvolvimento do seu grupo musical e recebia uma resposta negativa da coordenação de banda do município:

Eu chegava para pedir um material lá na coordenação para poder fazer funcionar... mas aí chegavam outros que já tinha nome, né, já tinha todo um trabalho, aí eles por debaixo dos panos liberavam tudo. E foi tudo com recurso meu. Funcionou... instrumento quebrado, eu ia lá e consertava, pele, eu ia lá e comprava, sapato ia lá e comprava, mas a banda saiu (SR-EN, 30/03/2024).

Neste sentido, podemos perceber que, mesmo havendo dificuldades, comum a todos os profissionais (homem ou mulher), relacionadas à estrutura, falta de material e investimentos para trabalhar no campo musical, a mulher, ainda assim, sai em desvantagem, por todas as discussões, que já tratamos, como o fato de terem ficado silenciadas e fora da história por muito tempo, como vimos em Perrot (2005; 2007) e que, por isso, não partiram do mesmo ponto nessa corrida desigual como Beauvoir (1967) discute, tornando-as profissionais ainda não reconhecidas e que, por assim ser, não são contempladas com o material como os regentes já renomados na regência de bandas marciais escolares. Nesta perspectiva, recordo-me que, quando estava como regente de banda marcial na cidade de Sumé, também pedi material e instrumentos para iniciar as atividades da banda, mas a prefeitura não se importou e investiu em estrutura e instrumentos novos para a Filarmônica, pois ela tinha, como regente, um homem que já estava no cargo há mais de 10 anos.

5.1.5 Interação entre os alunos e a regente

Um dos pontos chave para alcançar um ótimo resultado é a forma como o regente lida com as questões de convívio e compreensão da vivência dos seus alunos. “Logo, cabe ao regente estar atento às necessidades individuais e coletivas da sua banda e, assim, traçar estratégias de ensino que respeitem os limites e anseios dos alunos” (Silva, 2020, p. 79).

Neste sentido, entendemos que a regente participante consegue atender as expectativas de um bom relacionamento com os componentes da banda. Ao observar os ensaios, identificamos que a relação da regente com os alunos é de respeito e de liderança, com disciplina e dedicação ao trabalho. A professora usa a linguagem dos alunos para que a relação com eles seja mais próxima, fluida e eficaz para o desenvolvimento da função.

A princípio eles ficam meio receosos. Como são mais de 90% homens nessa área, por ver uma mulher ficam pensando: “ela vai ser chata, ela não vai conseguir fazer, as músicas vão ser isso ou aquilo, aí eles não acreditam tanto. Como eu consigo desdobrar eles, aí eles passam a me adotarem. Eles começam a entender que não é por ser mulher que não vai conseguir fazer. Que a mulher também pode ser regente até melhor do que o homem. Vai depender da pessoa que está na frente (SR-ES, 06/01/2025).

Nesta perspectiva, a Senhora Régis relata que, inicialmente, os alunos ficam pouco receptivos em aceitar uma mulher à frente da banda, principalmente porque a maioria dos regentes é do sexo masculino. No entanto, com o tempo, após aproximadamente um mês de trabalho, eles começaram a aceitar a figura feminina na regência. A regente acredita que sua abordagem no ensino, que envolve paciência e apresentação de repertórios variados, ajuda a conquistar a confiança dos alunos. Essa acessibilidade evolui à medida que os alunos percebem que uma mulher pode sim, liderar com eficácia e até superar estereótipos de gênero relacionados à capacidade de regência e ao desempenho musical.

Entendemos que um regente de banda constrói uma relação mais próxima do que a de outros professores das diversas disciplinas, pois o tempo de convívio é maior devido os ensaios, aulas e apresentações, além de, algumas vezes, viagens para se apresentarem em outras cidades. Recordo-me das tardes na escola onde eu trabalhava como regente de banda marcial, quando tocava para o intervalo e os alunos corriam para entrar na salinha da banda para conversar ou tirar dúvidas a respeito das

músicas e da teoria musical. Esse momento era fantástico (risos...), pois era uma correria e disputa por lugares dentro da sala já que a mesma era pequena, e, neste momento conversávamos sobre tudo como os gostos musicais, a concepção deles em relação à banda e opiniões sobre o repertório, tornando a aproximação com os alunos mais acolhedora. Logo, a relação se torna mais próxima, não só pelos momentos curtos como um intervalo das aulas, mas pelas viagens, ensaios nos finais de semana etc. Tal fato se alinha de acordo com o que Rocha e Teixeira (2021) argumenta, “Além disso, no cenário das bandas de música, o maestro possui muita aproximação com seus musicistas, pois a figura do mestre vai além de suas funções enquanto regente e educador musical” (Rocha; Teixeira, 2021, p. 4). Desta forma, o regente precisa ter além das habilidades já mencionadas anteriormente, a didática e a compreensão de que para liderar um grupo musical é necessário ter esse entendimento da vivência cultural dos seus alunos e ser um bom comunicador, pois:

A liderança em ambiente escolar exige habilidades no contato com alunos, que envolvem o campo da pedagogia para compreender e saber lidar com as situações adversas que envolvem o cotidiano da vida escolar, além dos conhecimentos técnicos: ensinar música e tocar junto que são atuações diferentes. É importante que o líder saiba se comunicar bem para passar de maneira clara todas as suas ideias [...] (Rocha; Teixeira, 2021, p. 5).

Esse relacionamento não pode se confundir com a questão da autoridade inserida na profissão de regente, ou seja, em determinados momentos é preciso ser mais enérgica e pedir que os componentes se dediquem e se concentrem no ensaio, pois “o regente deve também apresentar uma postura de liderança frente ao grupo” (Rinaldi; De Luca; Nery; Vazzoler, 2008, p. 17). Como observado em campo, em alguns momentos, a regente levanta a voz e chama a atenção de alguns alunos que estão conversando, brincando e atrapalhando os outros que estão passando sua parte musical específica. Ela usa da autoridade de professora e faz com que os alunos voltem novamente a se concentrarem no ensaio. Consideramos que a regente possui uma postura de líder que mantém uma comunicação precisa e sólida. Assim, ela consegue conquistar seus alunos e fazer com que eles se dediquem às atividades da banda marcial da escola.

5.1.6 A banda no campeonato

Um dos momentos mais marcantes de uma banda é a participação nos

campeonatos, pois é uma conjuntura que requer muita dedicação e atenção às regras do concurso como a marcha, a ordem unida e as técnicas instrumentais, como pontua Silva: “As bandas marciais [...] são conjuntos fortemente marcados pela participação em campeonatos, sob influência das competições estadunidenses, o que implica em uma rígida disciplina da marcha e da ordem unida” (Silva, 2020, p. 56).

A banda é avaliada com relação ao horário de chegada, ao uniforme e às condições dos instrumentos. Antes de ter acesso ao espaço da competição, é realizada uma conferência de documentação de identidade de cada componente para confirmar a faixa etária dos alunos que contempla a categoria em que a banda se inscreveu. Dentro do ginásio, há outras regras a cumprir, como a marcha, a uniformidade, o comando do “Mor”²⁴, a não intervenção da regente enquanto o “Mor” está no controle do grupo, a regência da professora, as técnicas instrumentais, afinação, ritmo e precisão no andamento.

[...] domínio da notação musical, repertório elevado, garbo, sincronia, alinhamento, estética visual – influenciadas pelas bandas norte americanas. Além disso, participar de um campeonato podia trazer um “respaldo social”, principalmente quando a banda era campeã ou conseguia uma boa classificação, estimulando a vontade de aprender e de desenvolver uma boa performance musical (Silva, 2020, p. 68).

Portanto, é uma situação em que todos do grupo musical se entregam para conseguir atingir a maior nota em todos os requisitos e, assim, conquistar o primeiro lugar na competição. Nesta perspectiva, a regente comunica os informes e orientações finais, antes de entrarem no ginásio para iniciar a apresentação. Após a devolução do comando por parte do “mor” à regente, ela relembra as marcações das peças musicais, as entradas e a forma que vai reger a banda. Neste sentido, a participante utilizou a regência tradicional durante as músicas tocadas por seu grupo musical. Esses eventos oferecem oportunidades para os participantes se apresentarem em diversos locais, que não apenas promovem a música, mas também facilitam as interações sociais e a criação de memórias.

Verificamos que, entre todos os grupos musicais, a única banda regida por uma mulher foi a formada pela nossa entrevistada, o que nos mostra a pouca representatividade feminina, já mencionada nas discussões anteriores: “As bandas de música são tradicionalmente conduzidas por homens” (Bionni; Schambeck, 2023, p.

²⁴ Um componente da banda que tem o poder de conduzir o grupo até o momento da execução das peças musicais que serão avaliadas.

2). Porém, ao mesmo tempo que percebemos a quantidade mínima de mulheres erguendo a bandeira da superação, ficamos lisonjeadas em ver a força e a garra dessa regente, que não mediu esforços e inscreveu sua banda para mostrar que tem capacidade de competir entre tantos e tantos homens. Desta forma, percebemos a desigualdade de oportunidades entre homens e mulheres regentes, destacando que as mulheres ainda são raras nesse cenário da regência.

A Senhora Régis vê os concursos de banda como um incentivo importante para que a banda marcial não seja percebida apenas como uma atividade para o dia Sete de Setembro: *“O concurso, para mim, é um incentivo para que você não pare. Que a banda marcial não seja só aquele foco de Sete de Setembro”* (SR-ES, 06/01/2025). Ela acredita que essa visão de que a banda marcial é só para essa data precisa mudar. Os concursos também trazem uma nova perspectiva, permitindo que os participantes explorem outros conhecimentos e músicas diferentes das que costumam tocar nos desfiles, pois os concursos estão associados à emoção de se apresentar em público e ao anseio por reconhecimento, *“E o concurso também é uma visão diferente. De que você pode ser melhor”* (SR-ES, 06/01/2025). Para a regente, a experiência em concursos é considerada "mágica", pois oferece uma vivência distinta em relação aos desfiles, em que é necessário orientar e conduzir a banda de maneira mais direta:

É mágico, né? Porque é totalmente diferente do desfile. No desfile você vai na frente da banda e lá não, você tem que parar na frente deles. Você tem que orientar a hora de tal entrada, de tal instrumento, tal fraseado, solo de alguém. Você tem que estar com o conhecimento completo, literalmente completo, da música e do que eles devem fazer (SR-ES, 06/01/2025).

Ao observar a Senhora Régis e sua banda naquele momento de competição, lembrei-me do primeiro concurso, em 2012, que inscrevi minha banda marcial Hugo Moura. Na ocasião eu era, assim como a Senhora Régis, a única mulher a erguer a batuta e reger uma corporação em concursos. Enfrentei vários desafios junto a meus alunos, como perseguições por parte dos coordenadores da época, que negaram aos meus alunos os instrumentos percussivos sinfônicos e, assim, nos apresentamos improvisando com os instrumentos que possuíamos. Utilizamos os bumbos para simular o som dos tímpanos e as liras para o som do glockenspiel e do xilofone. Mesmo com essas barreiras e em meio a tantas desconfianças no trabalho e na minha capacidade, conquistamos o segundo lugar no campeonato paraibano de bandas

marciais, sagrando-me a segunda melhor regente paraibana e, nesse mesmo ano, a banda ficou em terceiro lugar no campeonato Norte/Nordeste. Alguns regentes e alunos de outras corporações disseram que o resultado foi falsificado, pois é difícil entender e aceitar as mulheres conquistando lugares até então ocupados por homens, demonstrando um certo medo de serem colocados em situação inferior à das mulheres. Sobre isso, nossa entrevistada relata:

Porque eles não querem que você apareça mais do que eles. É como se estivesse diminuindo eles. Um exemplo, uns caras que foram para concurso, têm anos de trabalho na área, competindo, e não se satisfazem em alguns requisitos que eu ganhei nesse dia do concurso. Então eles disseram: “Foi sorte, foi isso, foi aquilo”, mas não viram o quanto foi árduo chegar ali (SR-ES, 06/01/2025).

Assim, a competição pode ser desigual, com preconceitos enfrentados pelas regentes em eventos e avaliações, evidenciando como essas avaliações, muitas vezes, refletem preconceitos sociais:

Some-se a isso as posições arbitrárias em concursos, que rendem avaliações cheias de preconceitos que levam a uma subclassificação de mulheres regentes. [...] Ao ler os dados dos depoimentos das maestrinas durante o concurso, a situação ainda está longe de ser igualitária tanto na vida profissional quanto em aulas magistrais, estágios e concursos (Santana, 2021, p. 106).

Embora haja uma tentativa de incluir mais mulheres, as posições nos júris de concursos e as avaliações ainda podem ser influenciadas por estereótipos de gênero. Neste sentido, entendemos que o *habitus*, defendido por Bourdieu está presente nesse contexto, construindo essa maneira de agir e pensar e, por isso, é importante refletir se as próprias mulheres não estão reforçando o *habitus* por, talvez, estarem sendo influenciadas por aspectos contextuais, sustentando esse molde imposto.

A discriminação de gênero que se destaca em contextos historicamente dominados por homens, como o de regência de bandas marciais, ainda é muito forte em nossa sociedade, evidenciando como a cultura masculina está enraizada e pode silenciar habilidades e competências apenas por motivos de gênero. Como Santana comenta em seu trabalho:

Ela acrescenta, ainda, que um dos membros do júri, que já havia dito que era cientificamente comprovado que mulheres não podiam reger porque os braços eram feitos para acolher bebês, fechava os olhos e tapava os ouvidos quando se tratava de uma candidata (Santana,

2021, p. 106).

A competição entre regentes de bandas marciais e, em específico, entre regente masculino e feminino pode ser exacerbada por pressão para ter melhores desempenhos em concursos: “Deste modo, a rivalidade é um processo histórico das bandas em busca de maior fama, reconhecimento, projeção e respaldo social” (Silva, 2020, p. 145). Essa rivalidade, muitas vezes, pode criar um ambiente negativo, levando a conflitos e resistência, e indo além das meras disputas artísticas. Os regentes precisam estar cientes dos impactos negativos que essa competitividade pode ter sobre os alunos e sobre o desenvolvimento do grupo como um todo, o que sugere a importância de promover uma perspectiva mais colaborativa.

Diante do relato da regente é impressionante como a cultura masculina e o sistema patriarcal procuram insistentemente silenciar, oprimir e colocar as mulheres abaixo dos homens.

O patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como a família, as religiões, a escola e as leis. São ideologias que nos ensinam que as mulheres são naturalmente inferiores. Foi, por exemplo, por meio do patriarcado que se estabeleceu que o trabalho doméstico deve ser exercido por mulheres e que não deve ser remunerado, sequer reconhecido como trabalho (Lerner, 2019, p. 17).

Para tanto, quando em situação de competitividade, muitos inventam que foi trapaça, outros negam o direito dos alunos a usarem os instrumentos específicos para determinada peça musical, apenas com o propósito de dificultar e de provar que as mulheres não têm capacidade: “*Entendeu? Você sabe o quanto é difícil. Então é isso, não é fácil. Cada um que chega aqui e dê uma empurrada*” (SR-ES, 06/01/2025). O sistema opressor é examinado dentro das dinâmicas sociais que permeiam a desigualdade de gênero, o trabalho, os direitos das mulheres e a forma como as mulheres foram, ao longo da história, consideradas cidadãs de segunda classe. Essa opressão se manifesta em diferentes esferas da vida, abrangendo tanto o campo profissional quanto a vida familiar (Perrot, 2007).

Portanto, acreditamos que esse sistema que oprime e que afasta as mulheres para a margem da sociedade, inferiorizando-as, perseguindo-as e as tornando o segundo sexo, ainda existe de forma camuflada e, ao mesmo tempo, perversa. Contudo, mesmo com barreiras, preconceitos e perseguições dentro do ambiente de trabalho, as mulheres que estão atuando nesta função ou em qualquer outra, precisam

se manter firmes, ter força e determinação para superar e mostrar para todos o propósito a que vieram.

5.1.7 Aceitação do público nos ensaios e apresentações em relação à presença das mulheres na regência

Diante de todos os textos expostos ao longo desta dissertação, vimos que a história das mulheres se resume, na maioria das vezes, em cumprir sua posição definida pelos padrões sociais. Percebemos, também, com as discussões dos trabalhos analisados, que muitas dessas mulheres lutaram e conseguiram conquistar seu lugar em algum espaço profissional. Porém, ainda precisamos discutir e lutar por igualdade e equidade de direitos, principalmente em funções definidas para serem exercidas por homens, como pontua Santana:

Apesar de algumas conquistas precedentes, as práticas musicais consideradas mais nobres continuaram “proibidas”, ou, no mínimo, muito restritas, desencorajando as mulheres a exercê-las: tais eram as funções de compositora e de maestrina (Santana, 2021, p. 93).

Mesmo que estejamos em constante luta pelo avanço da igualdade de direitos e de conquistas no campo de trabalho, um fato interessante é que, em todos os desfiles que estava fazendo minhas anotações, percebi que, entre as três regentes do município de João Pessoa, apenas a participante desta pesquisa apresentou sua banda ao público, representando a luta e a coragem das mulheres em meio a vários obstáculos.

É impressionante saber que, segundo Santana (2021), na França, palavras foram ocultadas para que as mulheres ficassem desmotivadas a seguir determinadas carreiras como, por exemplo, a de maestras:

A defasagem entre o uso hoje aceito de uma palavra para compositora e a problemática para se estabelecer uma palavra para maestrina mostra o quanto as mulheres foram, deliberadamente e de maneira oficial, afastadas da prática da direção de orquestra (Santana, 2021, p. 94).

Entendemos que desde a construção da sociedade que as mulheres viviam, e algumas ainda vivem, no silêncio da história como ressalta Perrot (2005), sendo escondidas pela dominância e ascensão dos homens devido ao entendimento

preconceituoso.

Evidentemente, irrupção de uma presença e de uma fala feminina em locais que lhes eram até então proibidos, ou pouco familiares, é uma inovação do século 19 que muda o horizonte sonoro. Subsistem, no entanto, muitas zonas mudas e, no que se refere ao passado, um oceano de silêncio, ligado à partilha desigual dos traços, da memória e, ainda mais, da História, este relato que, por muito tempo, "esqueceu" as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo, ou ao menos fora do acontecimento (Perrot, 2005, p. 9).

Nas observações de campo, pudemos constatar que essa situação se transformou bastante, pois percebemos que o público demonstrou uma aceitação em ver uma mulher exercendo uma função que teve seu início embasado no militarismo. Identificamos que por onde a banda desfilava, a regente e o grupo musical eram aplaudidos. Esse fato nos deixou felizes em ver que, apesar de ainda não estarmos em um mundo equitativo, as mulheres estão conquistando seu espaço, demonstrando sua força, capacidade e competência para realizar a formação e a regência de banda marcial escolar.

No entanto, ainda existe àqueles que criticam e não acreditam no trabalho desenvolvido por uma regente. Isso aconteceu no dia 22 de setembro de 2024, durante a observação do desfile cívico do Bairro das Indústrias, na cidade de João Pessoa, pois ouvi um comentário discriminatório por parte de um homem a respeito da regente que conduzia a banda. Ele falou: “Vixe²⁵! Essa instrutora é muito fraca, uma mulher comandando uma banda não é a mesma coisa que um homem”. Comentários desse tipo são ofensivos, machistas e preconceituoso, pois eliminam toda capacidade, profissionalismo e dedicação de uma regente, sem mencionar a falta de respeito pelo trabalho de uma profissional que dedicou seu tempo em ensinar e conduzir musicalmente crianças e adolescentes.

Logo, entendemos que ainda há certas narrativas que retomam pensamentos de uma cultura masculinizada, em que é natural a divisão de trabalho pelo gênero, uma vez que ele é politicamente incorporado e naturalizado no meio social. Esta estrutura pode resultar em performances de gênero que restringem as oportunidades de ação e expressão das pessoas, gerando uma competição não só entre homens e mulheres, mas, também, entre as categorias de gênero e as expectativas sociais que

²⁵ Expressão nordestina com várias conotações. Neste contexto, indica uma reação negativa de reprovação e desagrado.

estão ligadas a elas:

Considerada coletivamente, a prática repetida de nomear a diferença sexual criou essa aparência de divisão natural. A “nomeação” do sexo é um ato de dominação e coerção, um ato performativo institucionalizado que cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção discursiva/perceptiva dos corpos, segundo os princípios da diferença sexual (Butler, 2018, s/p).

Logo, a competição entre homens e mulheres se estende além da rivalidade imediata, incluindo um âmbito mais amplo de confronto contra sistemas de significados opressivos, que definem o que é visto como masculino ou feminino na sociedade. Seguindo este pensamento de divisão por gênero, podemos pensar na posição social em que as mulheres foram colocadas. Logo, de acordo com Beauvoir (1967), a organização social fundamenta-se em normas que promovem a continuidade da mulher em papéis restritos, colocando-a em uma situação de dependência e submissão. A liberdade de mulheres em diferentes funções sugere uma alteração nas percepções sociais e uma reconsideração dos papéis de gênero. Portanto, a transformação continua sendo um desafio, já que as expectativas e normas sociais estão firmemente enraizadas.

Durante a realização da entrevista narrativa, a regente comentou sobre estar em uma função historicamente masculina quando estava no projeto de bandas da cidade de João Pessoa:

Só que é muito difícil se manter, porque ninguém quer baixar a guarda quando você consegue fazer, principalmente quando é mulher, né? Naquela área que ainda tem pouquíssimas mulheres que se destacam e que querem seguir. E nisso, eu consegui botar a banda na rua (SR-EN, 30/03/2024).

Nesta perspectiva, é interessante pensarmos sobre a posição das mulheres nesta “arena” onde elas lutam constantemente para sobreviver, trabalhar e se libertar de tantas amarras que as sufocam e tentam ofuscar seus talentos profissionais, neste mundo de tantas regras criadas no alicerce masculino.

Libertar a mulher é recusar encerrá-la nas relações que mantém com o homem, mas não as negar; ainda que ela se ponha para si, não deixará de existir também para ele: reconhecendo-se mutuamente como sujeito, cada um permanecerá entretanto um *outro* para o outro (Beauvoir, 1967, p. 500).

A emancipação feminina não se realiza simplesmente ao negar ou acabar com as relações com os homens, mas sim ao ressignificar essas interações, libertando-as das amarras da dependência e da subordinação. Isso implica que as mulheres devem ser reconhecidas como um ser independente, com sua própria identidade e desejos, e não como um "outro" inferior ou reduzido às funções definidas pela sociedade estruturada no sistema patriarcal.

Ainda há resistência, por parte de alguns, em respeitar, como ser humana e profissional, uma regente comandando a banda, pois, em outro momento, quando a banda estava marchando na rua, um carro que passava ao lado da banda não respeitou a sinalização da regente e não parou, quase atropelando-a. A professora contou que, no ano de 2023, a mesma situação ocorreu com ela na avenida. Relatou que, por ser uma banda marcial e por ter uma mulher à frente, alguns motoristas não respeitam.

Contudo, para a Senhora Régis, *“A comunidade em si abraça e passam a gostar por ver que é uma mulher”* (SR-ES, 06/01/2025). A regente menciona que, em geral, a comunidade aceita bem a presença de uma mulher na regência da banda. A comunidade e os pais dos alunos a abraçaram, monitorando e apreciando seu trabalho. No entanto, ela percebe que há preconceitos mais evidentes por parte dos colegas de trabalho, que questionam a sua capacidade e podem ser competitivos, não querendo que ela se destaque mais do que eles: *“Pelo simples fato de ser uma mulher, para os pais, aquilo ali é grandioso. Já para os colegas de trabalho, nem tanto”* (SR-ES, 06/01/2025).

Nesta perspectiva, a Senhora Régis relata que, após assumir a regência da banda, muitos homens passaram a procurar a escola em busca da vaga para assumir a direção do grupo musical. A regente menciona que o diretor da escola se manifestou contra essa ideia, afirmando que não a substituiria e que os resultados que a regente apresentou foram além das expectativas dele, pois a escola não tinha os instrumentos necessários, nunca teve uma banda marcial, não tinha um profissional habilitado, pois já tinha entrevistado alguns regentes, mas os mesmos não lhe davam retorno, além de iniciarem as práticas musicais muito próximo do primeiro desfile cívico, então tudo se tornava mais difícil. Porém, a Senhora Régis assumiu a banda da escola em meio a todos esses percalços, colocando a banda para tocar e conquistando a confiança do diretor em relação ao seu potencial. Neste sentido, apesar da procura por parte dos homens, a contribuição e o desempenho da Senhora Régis na regência são valorizados e reconhecidos pela diretoria da escola.

E hoje, aparecem inúmeros homens lá à procura da vaga para tomar conta da banda. E ele literalmente disse que não, “não tiro ela de forma nenhuma”. Para ficar no meu lugar, aí já inventaram história e tal. E o dono, o diretor da escola disse que não vê motivos e o resultado foi além do que ele esperava. Tanto a comunidade abraçou a situação e fala muito bem, como os pais dos alunos, a comunidade em si, no geral me aceitaram e gostaram do meu trabalho (SR-ES, 06/01/2025).

Vemos certos comportamentos que apontam para uma vontade de dominação, superioridade e divisão sexual de trabalho baseado no entendimento do orgulho masculino, que subordina e coloca as mulheres em posição de inferioridade, como nos lembra Bourdieu:

A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte (Bourdieu, 2012, p. 45).

Durante os desfiles, a Senhora Régis menciona que escuta comentários positivos de apoio a respeito de uma mulher estar à frente de uma banda marcial escolar. A regente considera que essa situação é nova, mas, ao mesmo tempo, não é, apesar da presença feminina ser uma minoria nesse contexto. A regente-educadora argumenta que algumas pessoas podem ter preconceitos e não acreditar plenamente em seu trabalho. Ela diz que, em sua maioria, recebe comentários positivo: *“Até então, não foi ruim. Por mais que a gente saiba que tenha falhas. Mas todos os comentários foram, graças a Deus, muito bem aceitos pelo público”* (SR-ES, 06/01/2025).

Embora a abertura por parte da comunidade seja maior, a Senhora Régis faz questão de enfatizar que ainda é necessário um maior incentivo para as mulheres nessa área. Desta forma, compreendemos que ao começar a atuar como regente nesta instituição, havia um ceticismo tanto da administração da escola quanto da comunidade a seu respeito. O dono da escola inicialmente tinha dúvidas sobre sua capacidade de liderança. Na verdade, para muitos, há vários séculos, era inimaginável ver uma mulher no comando de um grupo musical.

A orquestra representa a organização musical que oferece mais prestígio na cultura ocidental e, subir ao pódio “comandando” um exército de músicos, na visão patriarcal, não cabe a uma mulher. Estar à frente de orquestras era impensável até o início do século 20 – para

isso, foi necessário derrubar o “Mito Maestro” – o líder forte e soberano, cuja imagem de poder só poderia ser representada por homens. Para assumir essa posição, exigiu-se muita determinação e perseverança para as mulheres (Botelho, 2020, s/p).

Porém, ao longo do tempo, a comunidade começou a aceitá-la e a apreciar seu trabalho. A Senhora Régis observa que essa acessibilidade foi além de suas próprias expectativas, o que demonstra uma mudança de visão e um reconhecimento de sua competência como regente por parte da comunidade em que a banda está inserida.

5.1.8 Concepção da Senhora Régis em relação à função que exerce

A presença de mulheres na liderança de uma banda marcial escolar simboliza não apenas uma realização individual, mas, também, uma forte ruptura de padrões. Em um contexto tradicionalmente masculino, a mulher que assume a regência de uma banda marcial, questiona convenções e fortalece a noção de que a liderança não é atribuída a um gênero específico. Ao assumir essa posição de relevância, a regente não apenas comanda as melodias, mas também motiva e cria oportunidades para futuras gerações de meninas e mulheres que anseiam por ocupar papéis de destaque na música e nas artes.

A Senhora Régis menciona que a falta de incentivo é um dos principais fatores que destaca para que haja poucas mulheres na regência de bandas marciais. A regente observa que, embora possa haver incentivo para a formação instrumental, não existe a mesma iniciativa para que as mulheres tomem à frente como regentes.

Na regência, eu acredito que não tenha o incentivo. Se tem incentivo para instrumental, mas para reger, para tomar a frente, querer ter outra visão de banda, não tem incentivo. Você não vê incentivo porque não tem como citar uma mulher. Então, vamos usar o homem, né? (SR-ES, 06/01/2025).

Neste sentido, é interessante trazer esse debate e essa questão de ter como referência um homem, o que nos faz retornar àquele pensamento de que enxergamos as bandas marciais pela visão masculina. É importante, também, trazer para a discussão a questão de como as mulheres, durante a história, foram vistas dentro da sociedade, pois, a partir dessa posição social, entendermos como elas são vistas na sociedade contemporânea. Perrot (2005) aborda como as mulheres são descritas ou retratadas ao longo da história, conforme a sociedade determina e entende seu papel.

Quando uma mulher é percebida principalmente como mãe ou esposa, os relatos históricos costumam apresentá-la dessa maneira, desconsiderando outras funções de sua vida: “Assim, os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade” (Perrot, 2005, p. 39).

Eles modos refletem o contexto cultural e social em que foram produzidos, perpetuando a visão de mundo de uma sociedade dominada por homens. Logo, a concepção sobre o que é e como funciona uma banda marcial, até então, é compreendida por meio da visão dos regentes, ao constatarmos que há poucos trabalhos no campo da pesquisa e o número mínimo de mulheres neste cargo, ocasionando uma limitação de referência para as futuras regentes.

A Senhora Régis comenta que a escassez de referências femininas na área dificulta o desenvolvimento e a ampliação do espaço para mulheres na regência.

Sua referência é de homem, não é de mulher, eu na minha área, eu tenho referência de homens como regente, não tenho referência de mulher como regente. Vou procurar, cadê? Conhecida, tenho você porque eu sei, eu vi o seu trabalho, mas, quando você passa a procurar, eu sei onde achar, mas quem não conhece, que quer começar agora e não lhe conhece, e não me conhece, vai colocar na internet, não vai achar. Vai rodar, vai achar umas ou outras de fora, praticamente, e mais mulheres em orquestra, de banda marcial, não. Na nossa área, não. Aí como eu falei, eu conheço você, é uma referência. Mas quem não te conhece, qual é a referência que vai ter? Quem não me conhece, qual é a referência que vai ter? (SR-ES, 06/01/2025).

A regente enfatiza que, sem esse incentivo e sem referências, fica complicado para as mulheres se desenvolverem e ocuparem esses espaços. Além disso, a Senhora Régis destaca que a família, muitas vezes, não apoia a participação das mulheres na música, o que também contribui para a baixa presença feminina nesse campo. Sobre isso, comenta Santana:

O reflexo da falta de incentivo ao estudo da regência por mulheres pode ser visto na história de uma das raras instituições a propor uma formação em regência, o prestigiado Conservatório Nacional de Paris. Se a classe de regência foi aberta às mulheres em 1914, somente em 1952 uma mulher – Hedy Salquin – obtém um diploma. A possibilidade de se formar não muda a situação, salvo se acompanhado por uma campanha de incentivo às mulheres, ao mesmo tempo em que ajudaria a mudar a visão da sociedade (Santana, 2021, p. 99).

A ausência de incentivos e reconhecimento, aliada à dificuldade de ingresso em instituições renomadas, resulta na baixa presença de mulheres na regência.

Acreditamos que ainda há muito preconceito com relação à participação de mulheres na música, assim como mencionado anteriormente. Ao perguntar à regente sobre ela perceber algum preconceito com relação à sua função, ela comenta: “*Sim, tanto como músico, como regente, não há diferença*” (SR-ES, 06/01/2025). É perceptível que o número de mulheres em um grupo musical é bem menor que o número de homens e que ainda há certa restrição em relação ao instrumento que as mulheres devem tocar:

Mulheres em música, no geral, se torna ainda algo muito difícil por conta que a família em si não incentiva. Se você entrar numa banda marcial, um exemplo, e você aprender a tocar um trompete, um trombone, uma percussão, a família em si que não tem conhecimento da riqueza que é a música, ela vai dizer, isso é sem futuro. Ou não é para menina, não é para mulher, isso aqui é homem que toca. E eu incentivo muito, quando eu vejo alguma mulher tocando algum tipo de instrumento, eu tento incentivar o máximo possível (SR-ES, 06/01/2025).

Nesta perspectiva, entendemos que a sociedade está construída sobre uma estrutura erguida no alicerce da priorização dos homens em detrimento da posição das mulheres e, ao mesmo tempo, como diz Bourdieu (2012) quando fala sobre o *habitus* que molda e que faz com que essa compreensão social seja naturalizada, essa cultura já está interiorizada pelas mulheres:

[...] As meninas incorporam, sob forma de esquemas de percepção e de avaliação dificilmente acessíveis à consciência, os princípios da visão dominante que as levam a achar normal, ou mesmo natural, a ordem social (Bourdieu, 2012, p. 114).

Lembro-me quando eu era adolescente, que minha mãe me dizia: “Seu irmão pode voltar para casa no outro dia porque ele é homem”. A concepção introduzida e enraizada da cultura masculina na sociedade é tão forte que a postura de muitas mulheres já é tão naturalizada, que se torna comum esse tipo de comentário. “Trata-se de algo visto de modo tão natural e instintivo, que muitas e muitos de nós sequer nos damos conta” (Lerner, 2019, p. 17). E na música não é diferente, como comenta a Senhora Régis:

Na minha época, a minha própria mãe me falava: “Isso aqui é para homens”. Para ela, mulher em banda tinha que dançar. E eu comprei briga até chegar aonde cheguei hoje, não foi fácil. E ainda não está sendo. Rola preconceito no próprio setor do trabalho, mas o cara engole o choro e segue em frente (SR-ES, 06/01/2025).

Neste sentido, um ponto importante abordado pela Senhora Régis e que está em sua visão como profissional da área de regência é a questão de a mulher ser compreendida e absorvida, neste campo de atuação, como um objeto sexual. Na época em que fui regente no município de João Pessoa, pude perceber exatamente o que a nossa entrevistada nos relatou, pois era comum o envolvimento de muitos homens, que tinham o poder de empregar, com as coreógrafas. Sempre mantive uma postura profissional e, como ingressei neste campo de trabalho através de processo seletivo, não devendo favor, por muitas vezes, sofri perseguições por não ceder a certas investidas masculinas. “O que chamamos de ‘assédio sexual’ já era corrente, principalmente no trabalho” (Perrot, 2007, p. 76). Nossa entrevistada comenta um pouco sobre essa questão:

O homem quando passa a te dar uma oportunidade, são poucos os que têm caráter. E muitos daqueles que te dão uma oportunidade querem ver você crescer, e outros por interesse de alguma forma. E acontece muito isso (SR-ES, 06/01/2025).

Como sempre, a mulher é sexualizada e compreendida como um objeto de desejo ao invés de ser admitida como uma profissional qualificada para desempenhar a função que almeja. Percebemos que muitos homens ainda seguem o mesmo raciocínio do regente russo da Royal Philharmonic Orchestra: “Uma mulher bonita no comando faz com que os músicos pensem em outras coisas” (Vasily Petrenko, 2013, em entrevista ao jornal norueguês). O estereótipo das mulheres é que serve como carta de admissão em determinado cargo e assim proporcionar aos homens a liberdade de classificar ou tecer comentários chulos a respeito delas.

A Senhora Régis argumenta que, nesse ambiente de trabalho, há uma tendência de tratar mulheres como objetos sexuais, especialmente em situações em que há uma exigência de uma quantidade mínima de mulheres na equipe.

Muitos dizem: “deixa aí, deixa aí, pelo menos tem uma mulher no grupo”. Como hoje é lei incluir uma mulher na área... Tem uma porcentagem, né? E muitas das vezes tem mulheres que não sabem, aí é que vai, por mais que ela não tenha o nível que eles procuram, mas por ser bonita, alguma coisa assim, que atraem eles... eles deixam passar (SR-ES, 06/01/2025).

A participante desta pesquisa observa que, mesmo que haja mulheres que não atendam aos padrões desejados pelos homens, todas são mantidas no grupo, mas são cobradas de maneira diferente. Ela destaca que, enquanto uma mulher que

se enquadra no padrão estético pode receber menos críticas, ela mesma, que não se enquadra nesses padrões, enfrentava cobranças mais severas e uma abordagem mais grosseira:

É uma troca de favores. E quando acontece, não ser aquela que eles almejam, porém tem que ter a porcentagem e não tem como descartar, você é cobrada de forma diferente. Um exemplo. São dez vagas, duas tem que ser de mulher. Só duas mulheres se inscreveram. Uma está dentro do padrão de vista de um homem. Do padrão sexual. E a outra não está. Mas as duas vão ficar. Uma é cobrada de uma forma mais grosseira, que é o meu caso, e a outra não (SR-ES, 06/01/2025).

A regente sublinha que, apesar disso, ela continua a trabalhar e a mostrar o seu valor. *“Mas a gente vai sobrevivendo, vai... passando o tempo e comprando a briga. E vai mostrando o serviço, trabalho”* (SR-ES, 06/01/2025). Infelizmente, ainda nos deparamos com esse tipo de situação em uma sociedade que, em pleno século XXI, propaga uma narrativa moralista e temente a Deus, que diz defender a família e os bons costumes, enquanto enxerga as mulheres como moeda de troca, não as respeitando como uma profissional dentro do mercado de trabalho, como nos lembra Beauvoir:

[...] a própria sociedade pede à mulher que se faça objeto erótico. O objetivo das modas, às quais está escravizada, não é revelá-la como um indivíduo autônomo, mas ao contrário privá-la de sua transcendência para oferecê-la como uma presa aos desejos masculinos (Beauvoir, 1967, p. 296).

As expectativas sociais influenciam o comportamento das mulheres, levando-as a se comportarem de uma forma que atraia a aprovação dos homens. Ao invés de serem percebidas como indivíduos completos e independentes, elas são incentivadas a se posicionarem como "objetos". Beauvoir argumenta que a sociedade não concede às mulheres essa liberdade total. Em vez disso, as mulheres são motivadas a colocar, em primeiro lugar, sua beleza e sexualidade como meio de acesso. Quando uma mulher é transformada em um objeto sexual, ela é excluída dessa transcendência e confinada ao papel de atender aos anseios masculinos. Isso intensifica a diferença de poder entre os gêneros, uma vez que a mulher deixa de ser um agente e se torna um "meio" para a concretização do homem.

Outro ponto importante que devemos observar é sobre as mulheres desempenharem uma função fora do ambiente privado. Desde a construção da

sociedade brasileira, as imposições eram definidas de forma incisiva e declarada. Após tantas lutas de mulheres que enfrentaram os padrões opressores, de tantos debates e discussões, estamos vivenciando muitas transformações neste sentido. Contudo, ainda não estamos no mundo ideal e esses padrões e funções definidas para as mulheres ainda estão vigentes na sociedade, mas, de uma forma camuflada, pois há sempre uma cobrança que pesa sobre as mulheres com relação a elas se dedicarem às atividades do lar, como ter filhos ou, se elas tiverem filhos, sua entrada no campo de trabalho se torna ainda mais difícil.

De acordo com Perrot (2007), as mulheres no campo do trabalho externo, sempre enfrentaram obstáculos e dificuldades que foram superando ao longo do tempo. A autora analisa a existência das mulheres do campo, as que trabalhavam nas fábricas, as domésticas e as donas de casa burguesa, enfatizando como o trabalho feminino sempre foi uma atividade de submissão e busca por valorização. Assim, a autora relata que a industrialização evidenciou a questão do trabalho das mulheres que ocupavam cargos que não se ajustavam às suas habilidades (Perrot, 2007, p. 110-118). Logo, percebemos que o trabalho, tanto no espaço público quanto no privado, para as mulheres, sempre foi uma questão de luta e de resistência. Avaliamos a situação das mulheres que são mães e que exercem uma profissão no espaço público, assim como nos relata a nossa participante.

A Senhora Régis menciona que, embora seja solteira, tem duas filhas e ela observa que, por ser mulher e mãe, enfrenta desafios adicionais, como a percepção de que as pessoas podem não acreditar em sua capacidade de liderança e execução de tarefas devido a esses papéis familiares. Infelizmente, uma parte da sociedade carrega consigo o pensamento de que as mulheres têm que reproduzir e ficar em casa cuidando dos filhos, pois não tem condições de assumir um trabalho no mercado. Assim como o maestro comenta: “Há também o problema da maternidade que levanta a cabeça; uma mulher... que quer ter filhos... terá dificuldade em ter uma carreira como maestro, que pode mudar de rumo abruptamente da noite para o dia por vários meses” (Mantovani, 2013, em entrevista à rádio FranceMusique). Esse contexto revela a tensão que a regente sente entre suas responsabilidades como mãe e suas ambições profissionais. Assim, a Senhora Régis acredita que tudo se torna mais difícil quando se é mulher:

O segmento masculino não acredita tanto que a mulher é capaz daquilo. Mesmo a mulher sendo mais qualificada do que determinado homem, mas esse homem tem a oportunidade de trabalho, com

certeza. Mulher tem casamento ou namorado, que pode ter ciúme e atrapalhar o trabalho. Tem a questão do ciclo da mulher que é mensal e atrapalha, porque tem muitas que passam mal, gravidez... Tudo fica mais difícil (SR-ES, 06/01/2025).

Ao mesmo tempo em que as mulheres enfrentam todas essas dificuldades para alcançar sua profissão na sociedade, ainda tem que lidar com questionamentos estereotipados. A regente relata que, ao começar a trabalhar como regente, foi questionada se era lésbica, uma suposição que ela considera absurda. Essa forma de pensar de muitas pessoas se baseia em um estereótipo preconceituoso, indicando que mulheres em cargos tradicionalmente dominados por homens, como a regência, são automaticamente vistas e associadas a comportamentos que não envolvem sua verdadeira identidade. A Senhora Régis afirma que isso é um tipo de pensamento muito limitado e que, embora enfrente essa percepção, continua a seguir sua vida e carreira sem se deixar afetar por essas opiniões:

Quando eu passei a trabalhar, parece mentira, mas eu fui questionada se eu era lésbica. E eu perguntei o porquê dessa pergunta em pleno século XXI. Eu sou hétero e eles achavam que por ser regente seria lésbica. É uma forma de pensar muito idiota, achar que mulher que é dessa área, ela tende a ser lésbica. Eu acho isso um absurdo. Mas enfim, fui questionada, e isso pesa. E lá até hoje, eles não mudaram o pensamento sobre mim, mas eu vou seguindo, sobrevivendo (SR-ES, 06/01/2025).

Neste sentido, entendemos que, ou as mulheres são héteros e servem como objeto sexual ou não correspondem a esse objeto e, como não atendem às condições que os homens impõem, só podem ser lésbicas. Desta forma, a percepção da sociedade sobre estereótipos é frequentemente influenciada por preconceitos e generalizações que não representam a complexidade da identidade humana. A noção de que uma mulher em uma posição de autoridade, como uma regente de banda marcial, precisa ser lésbica é um exemplo de como esse pensamento está interligado ao conceito de binarismo. Essa hipótese desconsidera a variedade de vivências e orientações sexuais das mulheres. Estereótipos desse tipo podem surgir de uma mistura de fatores, entre eles normas culturais, representações na mídia e a necessidade de classificar as pessoas de modo que se ajustem às narrativas preconcebidas. Além disso, esses estereótipos podem promover a discriminação e a marginalização, restringindo as oportunidades e a acessibilidade de pessoas que não atendem às expectativas convencionais.

Segundo Butler (2018), ao discutir a identidade de gênero, essa concepção de que uma mulher que assume características ou funções historicamente masculinas é imediatamente definida como lésbica se baseia em uma visão binária e restrita de gênero e sexualidade. Nesta perspectiva, a compreensão de muitos na sociedade é de que, se o cargo é historicamente destinado aos homens, as mulheres não podem exercer, pois estes que pensam dessa forma ainda estão agindo performando o gênero e, assim, ignorando a complexidade e a diversidade das identidades de gênero e das orientações sexuais.

Ainda sobre este ponto, a concepção de muitos segue a heterossexualidade, em que a mulher é o oposto do homem e, dessa forma, por ser o oposto, teria que assumir uma função definida para as mulheres (Butler, 2018, p. 152). Portanto, é essencial promover uma compreensão mais complexa e abrangente das identidades, verificando que cada indivíduo é singular e que suas decisões e orientações não devem ser definidas por seu papel social ou profissional. A desconstrução de preconceitos é uma etapa fundamental para formar uma sociedade mais justa e equitativa, na qual todos possam ser aceitos e respeitados por sua verdadeira forma de ser.

A partir de sua vivência e atuação neste campo profissional da música, a regência de banda marcial escolar, a Senhora Régis demonstra uma concepção complexa sobre a sua função como regente. A participante relata enfrentar preconceitos devido a ser mulher, mãe, hétero, e não ser compreendida como tal e lutar contra as concepções de gênero e estereótipos em uma área historicamente masculina.

Ao mesmo tempo que supera dificuldades com relação à estrutura física do ambiente e manutenção dos instrumentos, a regente sente que existe uma desconfiança inicial em relação à sua capacidade de dirigir a banda por parte da comunidade escolar, pais e os outros regentes. Contudo, após um período de adaptação, os alunos, os pais e a equipe escolar começam a aceitá-la e a considerar suas habilidades.

A Senhora Régis enfatiza a importância de ter paciência e de conquistar a confiança dos alunos, destacando que a experiência e o resultado do seu trabalho têm sido positivos, apesar das dificuldades enfrentadas. A nossa entrevistada sabe que não é fácil estar inserida neste ambiente profissional e que *“É difícil trabalhar nessa área, tem que ter sangue no olho e querer fazer acontecer”* (SR-ES, 06/01/2025). A Senhora Régis também menciona a necessidade de maior incentivo para mulheres

na regência, evidenciando que o cenário ainda carece de referências femininas na área. Isso sugere que, embora enfrente desafios, a regente está determinada a fazer um bom trabalho, buscar constantemente formas de se desenvolver profissionalmente e continuar lutando para conquistar, nesta sociedade, a igualdade de direitos para as mulheres.

Assim, com as discussões e relatos da participante, com base nas observações, entrevistas e nos textos estudados, foi viável explorar diversos fatores que estão interligados à função de regente de banda marcial escolar e neste contexto musical em que as mulheres estão envolvidas. Isso nos permitiu entender e observar, com maior profundidade, as questões femininas e suas batalhas para chegar e se manter no pódio da liderança, um espaço historicamente masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade contemporânea, vimos, ao longo deste trabalho, que as mulheres estão em constante luta pela conquista de seu espaço no ambiente profissional e que o estudo das mulheres que lideram bandas marciais demonstra não somente a força e a resistência dessas líderes, mas, também, a mudança educacional e social que elas impulsionam nesse cenário musical. Durante esta pesquisa, pude notar como essas mulheres desafiam estereótipos de gênero, assumindo posições de liderança e influência em um contexto tradicionalmente dominado por homens.

Constatamos que ainda não estamos em um cenário igualitário e equitativo com relação às mulheres na regência de bandas marciais escolares. De acordo com este fato, percebemos poucos trabalhos que abordam este tema e que, por se tratar de um assunto ainda pouco estudado, acreditamos na necessidade desse debate e, por isso, trouxemos este assunto ao campo de pesquisa em música e em sociedade para mais discussões.

Neste sentido, esta pesquisa buscou responder como são desenvolvidas as atividades de regência de banda marcial escolar na perspectiva de uma regente atuante na cidade de João Pessoa (PB). Como discutido ao longo deste texto, esta função de regente de banda marcial é historicamente masculina e, a partir desse aspecto, procuramos entender essa área musical por meio de uma visão feminina. Portanto, através dos dados coletados e entrecruzados com os textos analisados, constatamos que a pergunta/questão de pesquisa foi respondida, proporcionando a concretização deste trabalho.

Logo, foi preciso abordar vários pontos, como a estrutura social, as questões de gênero, as mulheres na música e suas dificuldades ao longo da história. Desta forma, conseguimos realizar, com êxito, todos os objetivos específicos que nos auxiliaram para chegarmos à resposta da nossa questão de pesquisa. O nosso primeiro objetivo específico estabeleceu caracterizar a função de regente de banda marcial escolar. Os outros objetivos focaram em identificar a metodologia implementada pela regente para a formação da banda, caracterizar os espaços de aula e ensaios utilizados pela regente para a realização das práticas musicais com a banda marcial e, por fim, analisar a concepção da regente com relação à função que exerce. Cada objetivo foi concretizado a partir da revisão de literatura, da fundamentação teórica, das observações e das entrevistas, em que a regente relata sua trajetória musical e profissional, bem como aborda questões bem específicas a

respeito da sua posição profissional no campo da música.

Nesta perspectiva, após análise, identificamos que a função de regente de banda marcial escolar exige uma combinação de habilidades técnicas e pedagógicas. O regente deve dominar aspectos técnicos da regência, atuar como regente-educador e reunir conhecimentos sobre diversos instrumentos, além de ter habilidades na gestão de grupos e na organização de apresentações. A função abrange também a administração, no que diz respeito à confecção de fardamentos e à manutenção de instrumentos, além de exigir uma postura de liderança e comunicação adequada com os alunos, para garantir que se concentrem e se dediquem às atividades da banda.

Constatamos também que a regente utiliza a metodologia de imitação para desenvolver o aprendizado, priorizando técnicas que favorecem a comunicação direta com os alunos. Ao invés de seguir uma abordagem teórica tradicional, ela adapta o ensino às capacidades dos alunos, ou seja, uma metodologia prática e interativa. Percebemos que, apesar da sala da banda estar sendo construída, os espaços de aulas e ensaios possuem uma estrutura razoável para o desenvolvimento das atividades musicais.

A Senhora Régis tem uma concepção complexa sobre sua função como regente de banda marcial escolar. Ela vê sua posição como uma ruptura dos padrões tradicionais, já que a regência é frequentemente dominada pelos homens. A participante acredita que a presença de mulheres em papéis de liderança desafia convenções e reforça a ideia de que a liderança deve ser medida pela competência, não pelo sexo muito menos pelo estereótipo. A Senhora Régis enfrenta preconceitos e obstáculos, mas sua determinação e abordagem profissional ajudam a conquistar a confiança tanto dos alunos e pais quanto da administração escolar. A entrevistada enfatiza que a liderança feminina na música não só é válida como pode ser superior, dependendo da individualidade e habilidades da regente, promovendo uma mudança positiva na percepção da comunidade sobre a figura feminina na regência.

Por meio dos textos, da observação, dos relatos da Senhora Régis nas entrevistas e da sua vivência no desenvolvimento da função como regente de banda marcial escolar, chegamos à resposta da nossa questão de pesquisa. A função de regente de banda marcial escolar, segundo a visão da regente, é multifacetada e desenvolvida com a presença de desafios únicos, especialmente pelo fato de ser uma mulher em uma área predominantemente masculina, em que tudo se torna mais difícil, pois a mulher enfrenta vários desafios, preconceitos com relação ao estereótipo e em relação às questões de gênero, além de tantas desconfianças em relação a sua

capacidade, como também as artimanhas praticadas por alguns para prejudicar e inferiorizar as mulheres.

A Senhora Régis ressalta que o processo de conquista de respeito por parte da comunidade e dos alunos exige paciência e persistência, enfatizando que, nesta função, é importante ter uma abordagem pedagógica satisfatória. Ela acredita que, embora a função de regente seja para todos, a posição feminina carrega uma expectativa adicional de prova de competência, o que a leva a trabalhar arduamente para demonstrar sua capacidade de liderança e eficácia.

É importante ressaltar que esta pesquisa teve suas limitações em relação à quantidade de regentes mulheres participantes, pois, como dito anteriormente, entre as três mulheres atuantes em João Pessoa, apenas a Senhora Régis se interessou e contribuiu para que esta pesquisa fosse realizada. Apesar dessa limitação, entendemos que este estudo alcançou seu objetivo e que pode colaborar para o campo de pesquisa em música, educação e sociedade. Possibilitando mais uma referência para os futuros trabalhos que seguem essa linha de pesquisa e, assim, o tema abordado ser mais discutido.

Acreditamos que este estudo serve como o início de muitas discussões que serão aprofundadas em futuras pesquisas, que tragam o debate sobre os direitos das mulheres, pois, ainda vivemos em uma sociedade que carrega um sistema construído em um alicerce masculino, onde certas posições sociais são regidas pelo sistema patriarcal de subordinação e desvalorização das mulheres.

Portanto, há uma necessidade urgente de rever as estruturas sociais que perpetuam o preconceito e a cultura masculina, entendendo a batalha das mulheres por igualdade como um ponto crucial para a criação de uma sociedade mais justa e equitativa. Esperamos que possa haver reflexões e pesquisas que inspirem ações práticas, incentivando a desconstrução de estereótipos e a exaltação do papel das mulheres em todos os aspectos da vida.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Alice Emanuele da Silva. A Orquestra 100% Mulher: a produção musical de mulheres instrumentistas em parte do contexto pernambucano. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 29., 2019, Pelotas. **Anais...** Pelotas, 2019, p. 1-7. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2019/6079/public/60_79-20813-1-PB.pdf. Acesso em: 23 out. 2023.
- AMORIM, Herson Mendes. **Bandas de música**: uma análise de práticas de educação musical em contextos não formais. 2020. 156f. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30_a09f32676c91a3ba0d6c7214c8b960c6. Acesso em: 13 set. 2023.
- ARAÚJO, Katarine de Sousa. Investigações sobre performance colaborativa do(a) maestro(a) na atualidade: uma breve revisão de literatura. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ANPPOM, 23., 2023, São João del-Rei. **Anais...** 2023, p. 1-9. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2023/papers/1984/public/1984-7945-1- PB.pdf. Acesso em: 10 jan. 2024.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BIONNI, Bianca Guerra; SCHAMBECK, Regina Fink. Mulheres em Bandas de Música: um estudo sobre fatores que mobilizaram a opção pela regência. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 26., 2023, Ouro Preto. **Anais...** 2023, p. 114. Disponível em: https://abem.mus.br/anais_congresso/v5/papers/1511/public/1511-7425-1-PB.pdf. Acesso em: 05 jan. 2024.
- BIONNI, Bianca Guerra; SCHAMBECK, Regina Fink. Ser musicista em espaços alternativos de formação musical: um estudo sobre tocar na Banda da Sociedade Musical Filarmônica Comercial e a representação feminina nestes espaços. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 25., 2021, S/l. **Anais...** 2021, p. 1-13. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/822/public/822-4354-1- PB.pdf. Acesso: 15 abr. 2023.
- BOIA, Pedro S.; BOAL-PALHEIROS, Graça. Empowering or Boring? Discipline and Authority in a Portuguese Sistema-Inspired Orchestra Rehearsal. **Action, Criticism, and Theory for Music Education**, v. 16, e. 2, p. 144-172, 2018. Disponível em: <http://act.maydaygroup.org/volume-16-issue-2/>. Acesso em: 11 set. 2023.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2012.
- BOMFIM, Cássia Carrascoza. Escassez e excesso: A mulher e o palco musical. **Revista MusiMid**, s/l, v. 1, n. 2, p. 116-131, 2020. Disponível em: <https://revistamusimid.com.br/index.php/MusiMid/article/view/22>. Acesso em: 24 out. 2023.

BOTELHO, Andréa Huguenin. **Mascha Blankenburg e as mulheres na regência - Recensão do livro Dirigentinnen im 20. Jahrhundert: Porträts von Marin Alsop bis Simone Young**. Academia, nov. 2020, n./p. Disponível em: <https://xdocz.com.br/doc/dirigentinnen-im-20-jahrhundert-elke-mascha-blankenburg-jovmqgldl2ov>. Acesso em: 20 set. 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510**, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>. Acesso em: 17 ago. 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAÇADE, Paula. **Regentes de um novo tempo: as maestras à frente de orquestras no Brasil**. 29 horas. 2024. Disponível em: <https://29horas.com.br/cultura/regentes-de-um-novo-tempo-as-maestras-a-frente-de-orquestras-no-brasil/>. Acesso em: 03 jan. 2025.

CAMARGO, Luciano. O Regente como intérprete: aspectos relevantes da relação regente-obra. **Revista Música**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/173758>. Acesso em: 24 out. 2023.

CAMPOS, Elias Leite. O maestro de banda brasileiro: suas contribuições para o ensino coletivo de instrumentos de sopro e percussão. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, 4., 2016, Rio de Janeiro. **Anais...** 2016, p. 312-320. Disponível em: <https://seer.unirio.br/simpom/article/view/5645>. Acesso em: 23 out. 2023.

CARVALHO, Dalila Vasconcelos. Helza Camêu (1903-1995) e Joanídia Sodré (1903- 1975): a construção “feminina” de carreiras “masculinas” no universo musical erudito brasileiro. **Arquivo do CMD**, v. 2, n. 2, p. 38-63, 2014. Disponível em: https://chiquinhagonzaga.com/wp/wp-content/uploads/2023/03/Helza_Cameu_1903_1995_e_Joanidia_Sodre_1.pdf. Acesso em: 23 set. 2023.

CASULA, Clementina. Gender and the Classical Music World: the unaccomplished professionalization of women in Italy. **Revista Per Musi**, Belo Horizonte, n. 39, p. 1-24, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/permusi/article/view/5270>. Acesso em: 23 out. 2023.

CASTANHEIRA, Marina Aparecida Marques. **Meninas na escola: (im) possibilidades para (des)construções mediadas pelas relações de gênero**. 2013. 97f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2013. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFLA_3a717e4d647324d372adc65a738a757a. Acesso em: 13 set. 2023.

CHAGAS, Robson Miguel Saquett. “**Uma banda aqui e outra lá no céu**”: etnografia das bandas de música de Nova Lima/MG a partir da atuação dos regentes. 2023. 282f. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/51161>. Acesso em: 10 dez. 2023.

COELHO, Mayara Pacheco; SILVA, Marcos Vieira; MACHADO, Marília Novais da Mata. “Sempre tivemos mulheres nos cantos e nas cordas”: uma pesquisa sobre o lugar feminino nas corporações musicais. **Fractal, Revista de Psicologia**, v. 26 – n. 1, p. 107-122, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/V4k4MmjDLJvfTTHMpRWLc8S/?lang=pt>. Acesso em: 22 set. 2023.

CORRÊA, Lorrany Mirielle Santos. **Emancipação feminina na sociedade contemporânea**: reflexões sobre o papel formativo da mulher na família. Goiânia. 2019. 88f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/f460d60d-e5d4-4603-8bb9-9f518a24b37d>. Acesso em: 04 set. 2023.

COSTA, Lara Denise Góes da. **Abram alas para ela passar**: Chiquinha Gonzaga e a agência no Rio de Janeiro do século XIX. 2015. 183f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1111655_2015_completo.pdf. Acesso em: 12 set. 2023.

DINIZ, Edinha. **Chiquinha Gonzaga**: uma história de vida. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.

FEY, Andréa Schach. **Musicistas mulheres e sua inclusão em práticas de arte no ensino fundamental**. 2020. 188f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unicentro, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2020. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCEN_b3705adcd1f9a5e2914f79a67a9e003a. Acesso em: 9 set. 2023.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. Considerações sobre a pesquisa em educação musical. *In*: FREIRE, Vanda Bellard (Org.). **Horizonte da pesquisa em música**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010, p. 155-175.

FINCO, Nina. Cinco mulheres vão reger a melhor orquestra brasileira em 2016. **Revista Época**. 2016. Disponível em: https://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/07/cinco-mulheres-vaio-reger-melhor-orquestra-brasileira-em-2016.html?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 03 jan. 2025.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONTES, Laizime da Silva. **Regência feminina**: a inserção da mulher no projeto de bandas marciais escolares da rede municipal de ensino de João Pessoa. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Centro de

Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

GERALDO, Jorge Augusto Mendes; FIORINI, Carlos Fernando. Estudo populacional com regentes brasileiros sobre sua ocupação e a relação com aspecto de saúde. **Revista Per Musi**, s/l, n. 40, p. 1-19, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/86586037/Estudo_populacional_com_regentes_brasileiros_sobre_sua_ocupa%C3%A7%C3%A3o_e_a_rela%C3%A7%C3%A3o_com_aspectos_de_sa%C3%BAde. Acesso em: 15 dez. 2024.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Ânima educação, 2014.

GOMES, Rodrigo C. S. A casa do samba e o samba da rua: relações de gênero, arte e tradição no samba carioca. In: NOGUEIRA, Isabel Porto; FONSECA, Susan Campos (Orgs.). **Estudos de gênero, corpo e música**: abordagens metodológicas. Goiânia; Porto Alegre: ANPPOM, v. 3, 2013, p. 354-379. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/ebooks/index.php/pmb/catalog/book/3>. Acesso em: 11 jul. 2023.

GRINGS, Bernardo. **Crenças de autoeficácia de regentes em grupos musicais escolares**. 2020. 270f. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/211467>. Acesso em: 16 set. 2023.

HOWLEY, Rachel. Pursuing diversity from the podium: Insights from Australia for wind band conductors and educators on achieving gender parity for women composers. **International Journal of Music Education**, v. 39, ed. 2, p. 247-259, 2021.

KELLY, Steven N.; WEELDEN, Kimberly Van. Gender associations with world music instruments by secondary school music students from the USA. **International Journal of Music Education**, v. 32, ed. 4, p. 478-486, 2014.

KROEF, Renata Fischer da Silva; GAVILLON, Póti Quartiero; RAMM, Laís Vargas. Diário de Campo e a Relação do(a) Pesquisador(a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 464-480, 2020.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

MACIEL, Nahima. Maestrina brasileira Simone Menezes faz sucesso na Europa. **Correio Brasiliense** – Acervo. 2019. Disponível em: https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/08/04/interna_diversao_arte,775212/maestrina-brasiliense-simone-menezes.shtml. Acesso em: 03 jan. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MOREIRA, Marcos dos Santos. Bandas de música e gênero: uma busca da ativa

participação da mulher nordestina. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 66-76, ago./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/3216>. Acesso em: 21 maio 2023.

MOSTARO, Milene Gomes Ferreira. “**Sempre fui obediente, mas não pude resistir**”: Narrativas de mulheres musicistas em rodas de samba do Rio de Janeiro. 2021. 71f. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/da50ee98-6c50-4e03-be35-a7456b909e31>. Acesso em: 20 abr. 2023.

MOTA, Yanaêh Vasconcelos; OLIVEIRA, Mário André Wanderley. Gênero e sexualidade na formação e atuação em música: um estudo com duas professoras universitárias de música. **Revista da Abem**, v. 29, p. 317-336, 2021. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/articloe/view/1037>. Acesso em: 23 out. 2023.

MULLER, Vânia Beatriz. Historicizando o conceito de gênero: da antropologia feminista à educação musical. **Revista da Abem**, v. 29, p. 317-336, 2021. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/articloe/view/952>. Acesso em: 23 out. 2023.

NEIVA, Tânia Mello. **Mulheres Brasileiras na Música Experimental**: uma perspectiva feminista. 2018. 421f. Tese (Doutorado em Música) – Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16900?locale=pt_BR. Acesso em: 23 out. 2023.

NÓBREGA, Matheus Lopes Costa. **Cidade das bandas**: o projeto de bandas marciais da rede municipal de ensino de João Pessoa. 2018. 121f. Dissertação (Mestrado em Música) – Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13099>. Acesso em: 04 mar. 2019.

NORONHA, Lina Maria Ribeiro. Camerata Romeu: uma orquestra cubana de mulheres sob o olhar de uma instrumentista brasileira. **Revista MusiMid**, s/l, v. 2, n. 3, p. 74-91, 2021. Disponível em: <https://revistamusimid.com.br/index.php/MusiMid/article/view/67>. Acesso em: 19 abr. 2023.

PENNA, Maura. **Construindo o primeiro projeto de pesquisa em Educação e Música**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2017.

PEREIRA, Cristina Vanessa. **Retórica e representação do gênero social feminino na música popular brasileira**. 2019. 113f. Dissertação (Mestrado em Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22647>. Acesso em: 06 set. 2023.

PEREIRA, Walter. **Nossa história**. G.R. Cacique de Ramos. Disponível em: <https://caciquederamos.com.br/nossa-historia/>. Acesso em: 16 dez. 2023.

PERROT, Michelle. **As Mulheres e os Silêncios da História**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PIANTA, Julia Meira. **Ser mulher regente em Porto Alegre: decolonialidade e transgressão em práticas percussivas**. 2021. 69f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Música Popular) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/222979>. Acesso em: 04 maio 2023.

RINALDI, Arthur; DE LUCA, Beatriz; NERY, Daniel; VAZZOLER, Luciano. **O regente sem orquestra: exercícios básicos, intermediários e avançados para a formação do regente**. São Paulo: Algor, 2008. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/357630837/Regente-Sem-Orquestra-Completo>. Acesso em: 12 set. 2023.

ROCHA, Jefferson Matheus Alecrim da; TEIXEIRA, Fellipe Rafael Carnaúba. A regência além da performance: o papel educacional do maestro de bandas escolares. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 31., 2021, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa, 2021, S/p. Disponível em: <https://anppomcongressos.org.br/index.php/31anppom/31CongrAnppom/paper/view/File/878/509>. Acesso em: 23 out. 2023.

ROSÁRIO, Ana Cláudia Trevisan; CUNDA, Daniela Zago Gonçalves da. Sub-representação feminina na música: reflexões, desafios, perspectivas de empoderamento e tutela de igualdade de gênero, sob análise legislativa, das políticas públicas e de ações nesse contexto. **Revista Per Musi**, s/l, n. 42, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/permusi/article/view/36925>. Acesso em: 15 abr. 2023.

SANTANA, Imyra. Quem tem medo das maestrinas? – Iniciativas institucionais para a promoção e valorização de mulheres regentes na França. **Revista MusiMid**, s/l, v. 2, n. 3, p. 92-111, 2021. Disponível em: <https://revistamusimid.com.br/index.php/MusiMid/article/view/68/87>. Acesso em: 15 abr. 2023.

SANTOS, Thais Fernandes. Feminismo e política na música erudita no Brasil. **Revista Música**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 220-240, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/158102>. Acesso em: 22 set. 2023.

SANTOS, Eurides de Souza; SILVA, Erivan. Zabé da Loca: protagonismo feminino no universo das bandas de pífano. **Revista Claves** – Programa de Pós-Graduação UFPB, Paraíba, v. 2018, p. 1-20, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/claves/issue/view/2138>. Acesso em: 09 nov. 2023.

SILVA, Rodrigo Lisboa da. **Memórias da Banda: percursos de formação de ex-integrantes**. 2020. 196f. Dissertação (Mestrado em Música) – Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18517>. Acesso em: 25 out. 2023.

SILVA, João Batista da. Mestre de banda: um percurso da aprendizagem musical acadêmica para as Bandas de Música. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 31., 2021, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa, 2021, n./p. Disponível em: <https://anppom-congressos.org.br/index.php/31anppom/31CongrAnppom/paper/viewFile/787/465>. Acesso em: 23 out. 2023.

SOCCA, Thais Saucó. **Construções de gênero na banda do IMBA de BAGÉ/RS: Um estudo etnomusicológico histórico (1960-1976)**. 2019. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, Bagé, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unipampa.edu.br/handle/rii/4830>. Acesso em: 20 abr. 2023.

SOUSA, Aurélio Nogueira; PEREIRA, Eliton Perpetuo Rosa. A banda marcial como disciplina eletiva no ensino fundamental em escola de tempo integral. **Revista da Abem**, v. 28, p. 384-404, 2020. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/articloe/view/969>. Acesso em: 23 out. 2023.

WEHR, Erin L. Understanding the experiences of women in jazz: A suggested model. **International Journal of Music Education**, v. 34, ed. 4, p. 472-487, 2016.

WENNING, Gabriela Garbini. **Docência de música e diversidade de gênero e sexualidade: um estudo com professores/as de música da educação básica**. 2019. 129f. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/201255>. Acesso em: 05 set. 2023.

APÊNDICE A – QUADRO COM AS REFERÊNCIAS DA REVISÃO DE LITERATURA

Fonte	Repositório da UFMG	Revista da Abem
Autoria	CHAGAS, Robson Miguel Saquett.	BIONNI, Bianca Guerra; SCHAMBECK, Regina Fink.
Título	“UMA BANDA AQUI E OUTRA LÁ NO CÉU”: etnografia das bandas de música de Nova Lima/MG a partir da atuação dos regentes	Mulheres em Bandas de Música: um estudo sobre fatores que mobilizaram a opção pela regência
Fonte	Revista da Anppom	Revista Per Musi
Autoria	ARAÚJO, Katarine de Sousa.	ROSÁRIO, Ana Cláudia Trevisan; CUNDA, Daniela Zago Gonçalves da.
Título	Investigações sobre performance colaborativa do(a) maestro(a) na atualidade: uma breve revisão de literatura.	Sub-representação feminina na música: reflexões, desafios, perspectivas de empoderamento e tutela de igualdade de gênero, sob análise legislativa, das políticas públicas e de ações nesse contexto
Fonte	Revista MusiMid	Revista da Abem
Autoria	SANTANA, Imyra.	BIONNI, Bianca Guerra; SCHAMBECK, Regina Fink.
Título	Quem tem medo das maestrinas – Iniciativas institucionais para a promoção e valorização de mulheres regentes na França	Ser musicista em espaços alternativos de formação musical: um estudo sobre tocar na Banda da Sociedade Musical Filarmônica Comercial e a representação feminina nestes espaços
Fonte	Revista da Abem	Revista da Abem
Autoria	MOTA, Yanaêh Vasconcelos; OLIVEIRA, Mário André Wanderley.	MULLER, Vânia Beatriz.
Título	Gênero e sexualidade na formação e atuação em música: um estudo com duas professoras universitárias de música	Historicizando o conceito de gênero: da antropologia feminista à educação musical
Fonte	International Journal of Music Education	Repositório Geral da UFRGS
Autoria	HOWLEY, Rachel.	PIANTA, Julia Meira.
Título	Pursuing diversity from the podium: Insights from Australia for wind band conductors and educators on achieving gender parity for women composers	Ser mulher regente em porto alegre - em práticas percussivas
Fonte	Repositório FGV	Revista MusiMid
Autoria	MOSTARO, Milene Gomes Ferreira.	NORONHA, Lina Maria Ribeiro.
Título	“Sempre fui obediente, mas n/ pude resistir” Narrativas de mulheres musicistas em rodas de samba do Rio de Janeiro	Camerata Romeu: uma orquestra cubana de mulheres sob o olhar de uma instrumentista brasileira
Fonte	Revista da Anppom	Revista da Anppom
Autoria	ROCHA, Jefferson Matheus Alecrim da; TEIXEIRA, Felipe Rafael Carnáuba.	SILVA, João Batista da.
Título	A regência além da performance: o papel educacional do maestro de bandas escolares	Mestre de banda: um percurso da aprendizagem musical acadêmica para as Bandas de Música
Fonte	Revista da Abem	Revista Academia
Autoria	SOUSA, Aurélio Nogueira; PEREIRA, Eliton Perpetuo Rosa.	BOTELHO, Andréa Huguenin.
Título	A banda marcial como disciplina eletiva no ensino fundamental em escola de tempo integral	Mascha Blankenburg e As mulheres na regência

Fonte	Revista MusiMid	BDTD
Autoria	BOMFIM, Cássia Carrascoza.	AMORIM, Herson Mendes.
Título	Escassez e excesso: A mulher e o palco musical	Bandas de música: uma análise de práticas de educação musical em contextos não formais
Fonte	Repositório Digital UFRGS	BDTD
Autoria	GRINGS, Bernardo.	FEY, Andréa Schach.
Título	Crenças de autoeficácia de regentes em grupos musicais escolares	Musicistas mulheres e sua inclusão em práticas de arte no ensino fundamental
Fonte	Revista Música	BDTD
Autoria	CAMARGO, Luciano.	SILVA, Rodrigo Lisboa da.
Título	O Regente como intérprete: aspectos relevantes da relação regente-obra	Memórias da Banda: percursos de formação de ex-integrantes
Fonte	Revista da Anppom	Repositório UFG
Autoria	ALVES, Alice Emanuele da Silva.	CORREIA, Lorrany Mirielle Santos.
Título	A Orquestra 100% Mulher: a produção musical de mulheres instrumentistas em parte do contexto pernambucano	Emancipação feminina na sociedade contemporânea: reflexões sobre o papel formativo da mulher na família
Fonte	Repositório Digital UFRGS	Repositório PUC – São Paulo
Autoria	WENNING, Gabriela Garbini.	PEREIRA, Cristina Vanessa.
Título	Docência de música e diversidade de gênero e sexualidade: um estudo com professores/as de música da educação básica	Retórica e representação do gênero social feminino na música popular brasileira
Fonte	Revista Música	Repositório da Unipampa
Autoria	SANTOS, Thais Fernandes.	SOCCA, Thais Saucó.
Título	Feminismo e política na música erudita no Brasil	Construções de gênero na banda do IMBA de BAGÉ/RS: Um estudo etnomusicológico histórico (1960-1976)
Fonte	Revista Per Musi	-----
Autoria	CASULA, Clementina.	FONTES, Laizime da Silva.
Título	Gender and the Classical Music World: the unaccomplished professionalization of women in Italy	Regência feminina: a inserção da mulher no projeto de bandas marciais escolares da rede municipal de ensino de João Pessoa
Fonte	Repositório UFPB	Revista Claves - UFPB
Autoria	NÓBREGA, Matheus Lopes Costa.	SANTOS, Eurides de; SILVA, Erivan.
Título	Cidade das bandas: o projeto de bandas marciais da rede municipal de ensino de João Pessoa. João Pessoa	Zabé da Loca: protagonismo feminino no universo das bandas de pífano
Fonte	Repositório UFPB	Revista MayDay Group
Autoria	NEIVA, Tânia Mello.	BOIA, Pedro S.; BOAL-PALHEIROS, Graça.
Título	Mulheres Brasileiras na Música Experimental: uma perspectiva feminista	Empowering or Boring? Discipline and Authority in a Portuguese Sistema-Inspired Orchestra Rehearsal
Fonte	Revista Simpom	International Journal of Music Education
Autoria	CAMPOS, Elias Leite.	WEHR, Erin L.
Título	O maestro de banda brasileiro: suas contribuições para o ensino coletivo de instrumentos de sopro e percussão	Understanding the experiences of women in jazz: A suggested model
Fonte	Repositório PUC – Rio de Janeiro	Fractal (Revista de Psicologia)
Autoria	COSTA, Lara Denise Góes da.	COELHO, Mayara Pacheco; SILVA, Marcos Vieira; MACHADO, Marília Novais da Mata.
Título	Abram alas para ela passar- Chiquinha Gonzaga e a agência no Rio de Janeiro do século XIX	“Sempre tivemos mulheres nos cantos e nas cordas”: uma pesquisa sobre o lugar feminino nas corporações musicais
Fonte	Arquivos do CMD	International Journal of Music Education
Autoria	CARVALHO, Dalila Vasconcelos.	KELLY, Steven N.; WEELDEN, Kimberly Van.
Título	Helza Camêu (1903-1995) e Joanídia	Gender associations with world music

	Sodré (1903-1975): a construção "feminina" de carreiras "masculinas" no universo musical erudito brasileiro	instruments by secondary school music students from the USA
Fonte	Revista da Anppom	BDTD
Autoria	GOMES, Rodrigo C. S.	CASTANHEIRA, Marina Aparecida Marques.
Título	A casa do samba e o samba da rua: relações de gênero, arte e tradição no samba carioca	Meninas na escola: (im) possibilidades para (des)construções mediadas pelas relações de gênero
Fonte	Revista Latino-americana de Geografia e Gênero	SCRIBD
Autoria	MOREIRA, Marcos dos Santos.	RINALDI, Arthur; DE LUCA, Beatriz; NERY, Daniel; VAZZOLER, Luciano.
Título	Bandas de música e gênero: uma busca da ativa participação da mulher nordestina	O regente sem orquestra
Fonte	Sebo cultural	
Autoria	DINIZ, Edinha.	
Título	Chiquinha Gonzaga: uma história de vida	

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM A SENHORA RÉGIS

1. Caso esteja disposta a compartilhar, gostaria de saber se você é casada e se tem filhos. Se for o caso, você acredita que essas obrigações afetaram, ou não, suas atividades profissionais?
2. Como os alunos veem uma mulher à frente da banda?
3. Você encontra alguma dificuldade ao transmitir aos alunos os conhecimentos musicais como a prática instrumental?
4. Como se dá a relação entre a parte musical e a parte coreográfica?
5. Como se dá a relação da equipe pedagógica e gestão escolar com as atividades da banda?
6. Você poderia avaliar para nós como são os espaços de ensaios, aulas e a estrutura que são oferecidos à banda?
7. De acordo com sua trajetória musical, como é passado as técnicas percussivas para os alunos e como você analisa a sua metodologia para a transmissão das músicas e cadências para estes instrumentos, já que seu conhecimento é na área dos instrumentos de sopro?
8. Na entrevista narrativa você relatou como se deu sua iniciação nos estudos musicais. Você acredita que a sua forma de aprendizado está relacionada com a sua metodologia de ensino e se os alunos sentem dificuldades em entender o ritmo e a frase musical já que não seguem uma partitura tradicional?
9. Como você analisa o ensino de teoria musical nas bandas marciais nos dias de hoje?
10. A metodologia de ensino e de ensaios é diferente para cada tipo de apresentação como os desfiles e o campeonato de bandas?
11. O que você acha do ensino de música através de partitura tradicional e por que você não ensina a leitura de partitura?
12. Por que você utiliza a partitura com o nome das notas abaixo de cada figura musical para o concurso de bandas?
13. Percebemos durante as observações que além da regência tradicional, você utiliza uns gestos e códigos com as mãos para o entendimento de seu grupo musical. Poderia explicar um pouco sobre essa outra forma de orientar a banda?
14. Qual a sua concepção a respeito da participação de banda em concurso e como você se sentiu em participar regendo uma banda?

15. No momento dos desfiles, você percebe algum comentário a seu respeito sobre uma mulher que está à frente de uma banda marcial escolar?
16. Como você avalia a aceitação da comunidade onde a banda está inserida com relação a presença da mulher no comando da banda?
17. Na sua concepção como regente, como é estar inserida e desenvolver as atividades relacionadas ao cargo historicamente masculino e sua relação com os outros regentes?
18. Na sua opinião, qual o motivo para haver poucas mulheres na regência de bandas marciais?
19. Na entrevista narrativa você falou sobre o preconceito que sofreu quando estava tocando trompete nas bandas de forró e nas orquestras de frevo por ser a única mulher do grupo. Como se sentiu em relação a isso? Atualmente, você ainda percebe algum preconceito em relação a sua função de regente de banda?
20. Você nos contou na entrevista narrativa que algumas pessoas do projeto de bandas não acreditavam no seu potencial e duvidava que conseguiria formar uma banda. Poderia falar mais a respeito desse fato?
21. Deseja falar algo a mais?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO



Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Departamento de Educação Musical
Programa de Pós-Graduação em Música

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Recife, 30 de março de 2024

Prezado (a) Sr. (a),

A pesquisa *Abram alas que elas estão regendo: uma análise sobre a atuação de uma mulher na regência de banda marcial escolar na cidade de João Pessoa*, estuda a participação da mulher na regência de bandas marciais buscando conhecer a metodologia de ensino da música na banda marcial e a concepção da regente participante com relação à função que exerce. A referida pesquisa está sendo desenvolvida por **Laizime da Silva Fontes**, aluna de Pós-Graduação em Música da UFPE - matrícula: 20221023425, sob a orientação da Profa. Dra. Cristiane Maria Galdino de Almeida, do Departamento de Música da UFPE.

Os objetivos específicos são: caracterizar a função de regente de banda marcial escolar; identificar a metodologia de ensino pela regente para a formação da banda; caracterizar os espaços de aula e ensaios utilizados pela regente para a realização das práticas musicais com a banda marcial e analisar a concepção da regente com relação à função que exerce. Para tanto é importante conhecer a trajetória individual de relação com a música através de estudos e experiências diversas, e ainda identificar as significações que a música ganha em diferentes momentos da vida, em diversos contextos de ensino e aprendizagem ou de atuação musical. A finalidade deste trabalho é proporcionar um conhecimento mais detalhado a respeito da regência feminina em um dos campos ainda masculinizado como as bandas marciais escolares a partir do olhar da regente participante.

Solicitamos a sua colaboração na realização desta pesquisa, concedendo observações nos espaços de aulas, ensaios e apresentações da banda e duas entrevistas. A saber: inicialmente uma entrevista narrativa, relatando a sua “história de vida musical e profissional” – ou seja, dando um depoimento sobre suas relações

com a música ao longo de sua vida, até a atualidade. Num momento posterior, participando de uma segunda entrevista, que buscará esclarecer ou aprofundar, em relação ao relato dado na entrevista anterior, sua concepção a respeito da mulher na regência, sua metodologia e sua visão sobre as práticas musicais nas bandas. As entrevistas serão gravadas em áudio para fins de registros apenas, e depois transcritas. Esse material será posteriormente analisado, com base na produção científica da área de educação musical e da sociologia, em relação às questões de gênero. Esclarecemos, ainda, que os resultados da pesquisa poderão ser apresentados em encontros acadêmicos ou publicados em periódicos científicos da área de educação musical, **sem identificação** das pessoas envolvidas na pesquisa, de modo que seu nome não será mencionado em qualquer meio de divulgação, garantindo-se assim o anonimato de todos os participantes.

Informamos que essa pesquisa não oferece riscos previsíveis, pois não há intenção de interferir em suas atividades musicais ou na sua relação com a música, e nem de avaliá-las. Entre seus benefícios, acreditamos que esta pesquisa poderá ajudar a levantar questões que ajudem a visualização da representação feminina na função de regente, aprimorar as práticas de educação musical e compreender o ensino-aprendizagem pela ótica feminina. Assim, expondo à sociedade, a luta, o enfrentamento e a superação de mulheres que estão conquistando seu lugar neste segmento.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária, de modo que a senhora não é obrigada a fornecer informações e/ou a colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora, participando da pesquisa, portanto, apenas se desejar contribuir com a mesma. Assim, tem a liberdade de se recusar a participar, podendo, ainda, retirar seu consentimento em qualquer tempo, sem que haja penalização ou prejuízo para a senhora. As pesquisadoras estarão à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, em qualquer etapa da pesquisa.

Atenciosamente,

Assinatura da Pesquisadora
Laizime da Silva Fontes

Assinatura da Professora Orientadora
Profa. Dra. Cristiane Maria Galdino de Almeida

Contato com a Pesquisadora Responsável:
Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo:
Laizime da Silva Fontes:
E-mail: laizimefontes@gmail.com

Diante do exposto, **declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa** e para a publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

João Pessoa,dede 2024

assinatura

Nome completo:

Obs.: Esse termo será assinado em duas vias, sendo uma para o pesquisador responsável e outra para o participante da pesquisa, acima assinado. Ambos deverão rubricar todas as folhas deste TCLE, colocando suas assinaturas na última página do mesmo, nos espaços acima indicados.